

UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ
Curso de Mestrado Acadêmico em Turismo e Hotelaria

GEOVAN MARTINS GUIMARÃES

TURISMO E ARQUEOLOGIA:
Desenvolvimento, valorização e preservação do patrimônio arqueológico do
município de Laguna-SC

Balneário Camboriú
2012

GEOVAN MARTINS GUIMARÃES

**TURISMO E ARQUEOLOGIA: desenvolvimento, valorização e preservação do
patrimônio arqueológico do município de Laguna-SC**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Acadêmico em Turismo e Hotelaria da Universidade do Vale do Itajaí, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Turismo e hotelaria.

Professor: Dr. Francisco Antônio dos Anjos

Balneário Camboriú
2012

Geovan Martins Guimarães

“Turismo e Arqueologia: Desenvolvimento, Valorização e Preservação do Patrimônio Arqueológico do município de Laguna – SC”.

Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do título de Mestre em Turismo e Hotelaria e aprovada pelo Curso de Mestrado Acadêmico em Turismo e Hotelaria da Universidade do Vale do Itajaí, Campus Balneário Camboriú.

Área de Concentração: Planejamento e Gestão do Turismo e da Hotelaria

Balneário Camboriú, 23 de Agosto de 2012.

Prof. Dr. Francisco Antonio dos Anjos
UNIVALI – Balneário Camboriú (SC)
Orientador

Prof^a. Dr^a. Rafaela Vieira
UNIVALI – Balneário Camboriú (SC)
Membro

Prof^a. Dr^a. Deisi Scunderlick Eloy de Farias
UNISUL – Tubarão (SC)
Membro Externo

Prof^a. Dr^a. Sonia Elisete Rampazzo
IPHAN - Florianópolis (SC)
Membro Externo

RESUMO

O Turismo Arqueológico é um segmento turístico que integra Turismo Cultural e Arqueologia, visa aproveitar o potencial turístico de regiões com registros de sítios arqueológicos de comprovada importância histórica. A cidade Laguna se destaca no cenário do turismo principalmente como destino turístico de sol e mar. O município apresenta importantes elementos do patrimônio cultural, além de manifestações culturais singulares, é detentora de um importante patrimônio histórico e pré-histórico. No entanto, verifica-se, ao longo do processo de ocupação e expansão urbana, pouca preocupação com os elementos naturais e culturais. Por mais que os sítios arqueológicos estejam protegidos por lei e até mesmo cadastrados junto ao banco de dados do IPHAN, sua integridade não está garantida. A presente pesquisa objetivou analisar o potencial do turismo arqueológico como alternativa à dinâmica turística do município de Laguna. A pesquisa foi desenvolvida nas seguintes etapas: análise sistemática do território turístico do município de Laguna, utilizando como modelo referencial o Sistema Territorial Turístico de Anjos (2004); leitura da percepção da comunidade local em relação aos sítios arqueológicos; identificação junto aos visitantes das perspectivas que envolvem a valorização turística dos sítios arqueológicos através de formulários de entrevista com perguntas abertas e fechadas nas comunidades locais e com turistas, com intenção de perceber qual sua relação com o patrimônio arqueológico; análise do patrimônio arqueológico para desenvolvimento do turismo arqueológico de Laguna através dos dados das pesquisas arqueológicas desenvolvidas na região. Laguna tem sua maior fonte de arrecadação o setor terciário da economia, com destaque para o turismo. No entanto, a atividade turística é bastante sazonal, tem uma sobrecarga durante a temporada de verão, e posteriormente há uma redução significativa no número de visitantes. O patrimônio cultural poderá ser mais um atrativo ao turismo de Laguna, gerando renda e valorização o patrimônio existente. O turismo arqueológico deve estar respaldado por um programa de planejamento e gestão do patrimônio arqueológico. Este segmento turístico poderá auxiliar no desenvolvimento econômico local, uma medida para valorização do patrimônio arqueológico lagunense, visando a preservação de bens existentes no município e o desenvolvimento de uma alternativa a sazonalidade do turismo.

PALAVRAS CHAVES: Arqueologia. Sítios arqueológicos. Turismo arqueológico. Planejamento e Gestão do Turismo.

ABSTRACT

Archaeological Tourism is a tourism sector that integrates Cultural Tourism and Archaeology, seeking to harness the tourism potential of regions with records of archaeological sites of proven historical importance. The town of Laguna is an important tourism destination, mainly for tourists seeking sun, sea and sand. The municipality has important elements of cultural heritage and unique cultural events, and it also has an important historic and prehistoric heritage. However, throughout the process of occupation and urban expansion, there has been little concern to preserve the natural and cultural elements. Although the archaeological sites are protected by law, and even registered in the IPHAN database, their preservation is not guaranteed. This research analyzes the potential of archaeological tourism as an alternative for the dynamic tourist town of Laguna. It was conducted in the following stages: a systematic analysis of the tourist area of the town of Laguna, using the Territorial Tourism System of Anjos (2004) as a framework; a reading of the perceptions of the local community in relation to archaeological sites, identification of the prospects involving tourist appreciation of archaeological sites, through interviews with open and closed questions with members of local communities and tourists, seeking to understand their relationship with the archaeological heritage; and an analysis of the archaeological heritage for the development of archaeological tourism in Laguna through data from archaeological research carried out in the region. Laguna's biggest source of revenue comes from the tertiary sector of the economy, especially tourism. However, tourism is very seasonal, with an overload during the summer season, followed by a significant reduction in the number of visitors the rest of the year. The cultural heritage can become another tourist attraction for Laguna, generating income and promoting appreciation of the town's heritage. Archaeological tourism should be supported by a plan, and proper management of the archaeological heritage. This tourism segment can help promote local economic development, as a measure for promoting appreciation of the archaeological heritage of Laguna, seeking to preserve the existing assets in the municipality and develop an alternative that will help mitigate the seasonality of tourism.

KEYWORDS: Archaeology. Archaeological sites. Archaeological tourism. Planning and Management of Tourism.

LISTA DE TABELAS

Tabela 01	Dados população municipal distribuída por condição de domicílio.....	106
Tabela 02	Dados populacionais de Laguna, Santa Catarina e Brasil	106
Tabela 03	Valores referentes a lavoura temporária dos anos 2004, 2006, 2008 e 2010 (maiores valores de cada produto).....	109
Tabela 04	Valores referentes a pecuária dos anos 2004, 2006, 2008 e 2010, numero de cabeça por rebanho.....	110
Tabela 05	PIB do município de Laguna do período 1999/2009, valores absolutos e percentuais.....	111
Tabela 06	Número de empresas em Laguna, até 2012.....	113
Tabela 07	Receita gerada pelo turismo entre os anos de 2004 e 2012	116
Tabela 08	Perfil dos respondentes.....	120
Tabela 09	Respostas dos visitantes e moradores cluster da faixa Etária.....	129
Tabela 10	Respostas dos visitantes e moradores cluster escolaridade	131

LISTA DE QUADROS

Quadro 01	Tipologias do espaço.....	31
Quadro 02	Características comuns das destinações turísticas.....	32
Quadro 03	Museus existentes em Laguna e municípios vizinhos.....	42
Quadro 04	Sítios Arqueológicos do subsistema Centro Histórico/Mar Grosso.....	92
Quadro 05	Sítios Arqueológicos do subsistema Ponta da Barra/Farol de Santa Marta.....	95
Quadro 06	Sítios Arqueológicos do subsistema Campos Verdes/Cigana.....	98
Quadro 07	Sítios Arqueológicos do subsistema Ribeirão Pequeno/Pescaria Brava.....	99
Quadro 08	Sítios Arqueológicos do subsistema Cabeçuda/Perrixil.....	103
Quadro 09	Questionário de pesquisa.....	118

LISTA DE FIGURAS

Figura 01	Roteiros turísticos regionais de Santa Catarina.....	12
Figura 02	Invasão de praticantes de motocross em Sambaqui, Garopaba do Sul, Jaguaruna – SC.....	15
Figura 03	Rastros deixados em Sambaqui em pela pratica de motocross.....	15
Figura 04	Sistema turístico básico, elaborado por Leiper.....	25
Figura 05	Tipologias do espaço físico.....	31
Figura 06	Singularidade do espaço do destino turístico.....	33
Figura 07	Ciclo de vida das destinações turísticas.....	36
Figura 08	Sambaqui do Ipoã.....	55
Figura 09	Zoólito com forma de peixe.....	56
Figura 10	Zoólito com forma de mamífero aquático.....	56
Figura 11	Escavação arqueológica no Sítio Cabeçudas I.....	56
Figura 12	Sítio sambaqui da região do Farol de Santa Marta.....	56
Figura 13	Sambaqui minerado na localidade de Campos Verdes, em Laguna.....	58
Figura 14	Expansão Vicentista.....	62
Figura 15	Anita Garibaldi.....	66
Figura 16	Giuseppe Garibaldi.....	66
Figura 17	Estação ferroviária de Laguna.....	67
Figura 18	Sistema Territorial Turístico.....	69
Figura 19	Região hidrográfica RH 09 e subbacias.....	71
Figura 20	Geomorfologia do Complexo Lagunar.....	75
Figura 21	Planície Lagunar da lagoa do Imaruí.....	76
Figura 22	Direção das feições deposicionais do terraço lagunar e do terraço marinho/eólico, localizado próximo à foz do Rio Tubarão, Município de Laguna, SC.....	77
Figura 23	Antigas cristas praias, na localidade entre Laguna e Pedra do Frade.....	77
Figura 24	Campo de Dunas próximo Farol de Santa Marta.....	78
Figura 25	Estrutura vertical da Floresta Ombrófila Densa de Santa Catarina.....	81
Figura 26	Euterpe edulis (palmito).....	81
Figura 27	Aspectos do fruto e sementes de Cedrela fissilis (cedro).....	81
Figura 28	Centro Histórico, Museu de Anita.....	90
Figura 29	Centro Histórico, casarios.....	90
Figura 30	Praia do Mar Grosso na dec. 70.....	91
Figura 31	Praia do Mar Grosso na dec. 80.....	91

LISTA DE MAPAS

Mapa 01	Localização do município de Laguna.....	13
Mapa 02	Subsistemas territoriais de Laguna.....	86
Mapa 03	Subsistema: Itapiruba / Praia do Sol.....	87
Mapa 04	Subsistema: Centro Histórico / Mar Grosso.....	89
Mapa 05	Subsistema: Ponta da Barra Farol de Santa Marta.....	93
Mapa 06	Subsistema: Campos Verdes / Ciganas.....	97
Mapa 07	Subsistema: Ribeirão Pequeno / Pescaria Brava.....	100
Mapa 08	Subsistema: Cabeçadas / Perrixil.....	102

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01	População brasileira, catarinense e lagunense, distribuída por gênero e domicílio.....	105
Gráfico 02	Distribuição da população de Laguna por faixa etária.....	106
Gráfico 03	Número de habitantes dos municípios da região da AMUREL	107
Gráfico 04	IDH- Índice de Desenvolvimento Humano (PNUD/2000) dos municípios da AMUREL.....	108
Gráfico 05	Produção agrícola de Laguna (em toneladas).....	109
Gráfico 06	PIB de Laguna.....	112
Gráfico 07	Número de empresas por setor no ano 2008.....	112
Gráfico 08	Movimento de turista estimado para 2006, 2008, 2009, 2010 e 2012.....	114
Gráfico 09	Meios de hospedagem utilizados no ano de 2012.....	115
Gráfico 10	Taxa de ocupação da rede hoteleira entre os anos de 2004 a 2012.....	115
Gráfico 11	Principais atrativos turísticos.....	116
Gráfico 12	Escolaridade dos visitantes e moradores.....	121
Gráfico 13	Faixa etária do grupo de visitantes e moradores entrevistados.....	121
Gráfico 14	Patrimônio histórico, cultural e arqueológico para os moradores.....	122
Gráfico 15	Órgão público responsável pela gestão do patrimônio, segundo moradores.....	123
Gráfico 16	Participantes de atividades educativa, sobre arqueologia e pré-história local.....	124
Gráfico 17	Atividades educativas que participaram.....	124
Gráfico 18	Visitas em museus ou exposição sobre a pré-história.....	125
Gráfico 19	Museus e exposição visitados.....	125
Gráfico 20	Nacionalidade dos visitantes.....	126
Gráfico 21	Origem dos visitantes nacionais.....	126
Gráfico 22	Atrativos que influenciaram a escolha do destino turístico.....	127
Gráfico 23	Meios de hospedagem.....	128
Gráfico 24	Interesse em visitar um sítio arqueológico.....	128

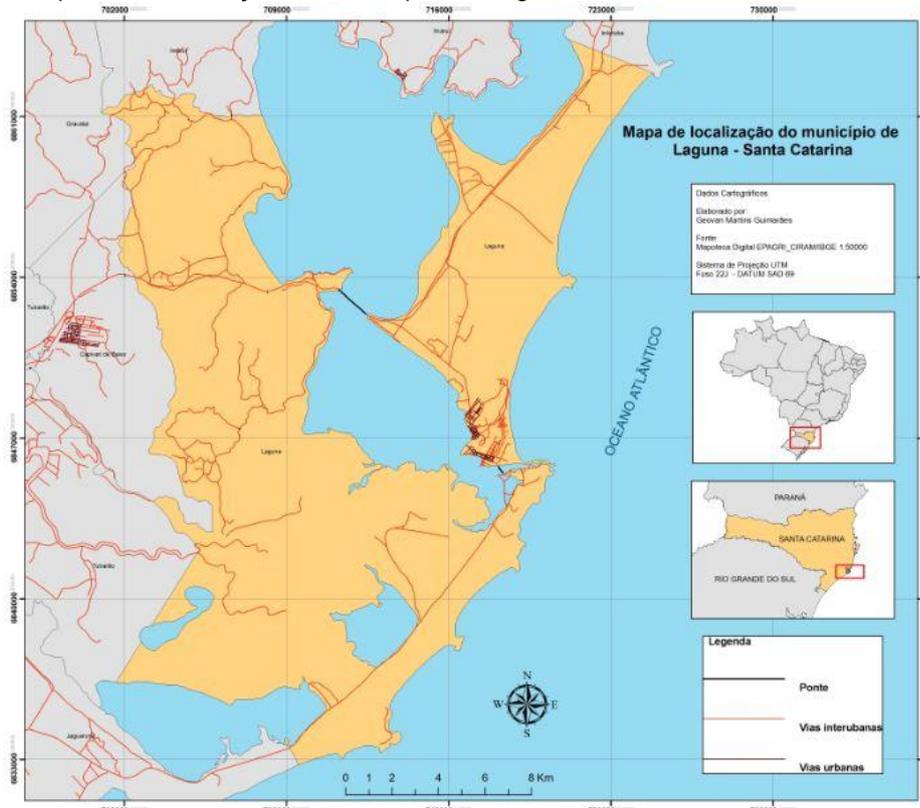
SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	TURISMO: Turismo, Planejamento e gestão.....	20
2.1	BREVE HISTÓRICO DO TURISMO.....	20
2.2	CONCEITOS DE TURISMO	25
2.3	TURISMO, REGIÃO E ESPAÇO	28
2.4	PLANEJAMENTO E GESTÃO DO TURISMO.....	33
2.5	PATRIMÔNIO E ARQUEOLOGIA.....	37
2.5.1	Arqueologia no Brasil.....	37
2.5.2	Cartas patrimoniais: Patrimônio x Preservação.....	40
2.6	TURISMO ARQUEOLÓGICO E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL.....	47
3	O MUNICÍPIO DE LAGUNA.....	50
3.1	GRUPOS PRÉ-HISTÓRICOS QUE HABITARAM O LOCAL DE PESQUISA.....	50
3.1.1	Caçadores-coletores.....	51
3.1.2	Os pescadores-caçadores-coletores.....	54
3.2	PERÍODO HISTÓRICO.....	60
4	SUBSISTEMAS TERRITORIAIS.....	69
4.1	FIXOS NATURAIS.....	70
4.1.1	Geomorfologia do Quaternário.....	74
4.1.2	Vegetação.....	80
4.2	FIXOS CONSTRUÍDOS.....	85
4.3	FLUXOS SOCIAIS.....	103
4.4	FLUXOS ECONÔMICOS.....	108
5	ENTREVISTA COM MORADORES E TURISTAS.....	118
5.1	APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS DA ENTREVISTA.....	120
5.2	APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO POR CLUSTER.....	129
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	133
	REFERÊNCIAS.....	137
	APÊNDICES.....	144
	APÊNDICE A - Tabelas de sítios.....	145
	APÊNDICE B - Instrumento de pesquisa.....	165
	APÊNDICE C – Instrumento de pesquisa.....	166

Fonte: SANTUR

O Município de Laguna, localizado no litoral sul catarinense, é frequentado por turistas e veranistas à procura das inúmeras praias, como a do Mar Grosso, Galheta, Gi, Itapirubá, Farol, entre outras. Essas localidades possuem, além das belezas naturais, diversos elementos culturais que envolvem a pré-história e a história da formação do Estado de Santa Catarina.

Mapa 01: Localização do município de Laguna



Fonte: Elaborado pelo autor

O Município apresenta importantes elementos do patrimônio histórico e arqueológico, além de manifestações culturais singulares¹. Seu centro histórico, com mais de 600 prédios protegidos, foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN na década de 1980. O município foi palco de acontecimentos históricos de grande repercussão. Ocupada por rebeldes adeptos à

¹ Laguna possui um grande e diversificado número de sítios arqueológicos, com destaque para os do tipo sambaquis, sítios cerâmicos (locais com vestígios de utensílios produzidos em cerâmica), oficinas líticas (locais utilizados pelos povos pré-coloniais para a confecção de artefatos em lítico (pedra), dentre outros tipos de sítios arqueológicos. Além dos vestígios pré-coloniais, o município apresenta traços culturais dos primeiros colonizadores, através da arquitetura, manifestações religiosas e folclóricas, comunidade pesqueiras tradicionais, entre outras.

Revolução Farroupilha, expulsaram os federalistas e declararam a República Juliana, com a ajuda dos revolucionários vindos do estado do Rio Grande do Sul. Outro ponto a se destacar é a imensidade de sítios arqueológicos muito antigos que compõem a paisagem do município. A cidade possui mais de 30 sambaquis cadastrados e pesquisados – representações da pré-história brasileira, estando um deles, no centro histórico da cidade.

Estamos diante de um município com muitas possibilidades de desenvolvimento e aproveitamento turístico. No entanto, verifica-se, ao longo do processo de ocupação e expansão urbana, pouca preocupação com os elementos naturais e culturais – estes, sim, os principais atrativos.

A situação do patrimônio arqueológico pré-colonial do município não se apresenta de forma diferente. Os sítios arqueológicos de Laguna vêm sofrendo, ao longo dos anos, muitas agressões, ligadas, inicialmente, às atividades de extração mineral. As conchas dos sambaquis eram extraídas e moídas pelas indústrias mineradoras para a extração de calcário. Junto às conchas, foram moídos vestígios arqueológicos de pelo menos 4000 anos². Essa prática se estendeu até o início da década de 1980.

Atualmente, os problemas são outros. A expansão imobiliária desordenada e o afã da prefeitura, com corpo técnico desqualificado, pela pura e simples captação de Imposto Predial e Territorial Urbano - IPTU. Muitos loteamentos litorâneos são implantados sem planejamento e/ou licenciamento ambiental, colocando em risco o patrimônio arqueológico e natural da linha costeira. Além disso, o aumento demográfico substancial durante o período de veraneio atrai todo tipo de turista. Muitos praticantes de esportes radicais, como *motocross* (figura 02 e 03), *jipecross* e *sandboarding* que atuam diretamente sobre as dunas e sítios arqueológicos, provocam sua destruição parcial e, em alguns casos, total.

Avaliando as pesquisas desenvolvidas na área³, percebemos que as comunidades circundantes, por falta de informação ou desconhecimento, ainda não são parceiras na preservação dos sítios arqueológicos.

² Para saber mais sobre as pesquisas arqueológicas no complexo lagunar sul, ver DeBlasis et al, 2007; Farias e DeBlasis, 2006, 2007; Gaspar, 2000.

³ Projeto Sambaquis e Paisagem, Projeto Camacho, Projeto AMA – Arqueologia da Mata Atlântica .

Figura 02: Invasão de praticantes de *motocross* em Sambaqui, Garopaba do Sul, Jaguaruna -SC.



Fonte: Acervo GRUPEP – Arqueologia / UNISUL.

Figura 03: Rastros deixados em Sambaqui em pela pratica de *motocross*.



Fonte: Acervo GRUPEP – Arqueologia / UNISUL

Segundo a Lei 3924/61, os patrimônios arqueológicos são considerados bens da União, devendo, portanto, contar com proteção especial. Assim, a preservação poderá, de fato, promover a proteção e impedir a descaracterização e depredação dos sítios arqueológicos (FARIAS, 2009).

Por mais que os sítios arqueológicos estejam protegidos por lei e até mesmo cadastrados junto ao banco de dados do IPHAN, sua integridade não está garantida. É de fundamental importância um programa de gestão do patrimônio arqueológico. Em entrevista à ComCiência de 11/08/2006, Niéde Guidon critica a ausência de políticas públicas para a valorização cultural desses espaços. Na mesma entrevista Rosângela Custódio Thomaz, arqueóloga do Departamento de Turismo da Universidade Estadual Paulista (Unesp, campus Rosana), relata que um dos principais entraves é a falta de planos de gestão e manejo de sítios arqueológicos devidamente documentados. Ressalta ainda, “não existe comprometimento e reconhecimento da importância desse patrimônio por parte do poder público” (www.comciencia.com.br).

Conforme a matéria, o IPHAN reconhece que a questão está madura, a ponto de serem contempladas políticas públicas de incentivo e que a efetiva preservação se dará com o apoio da comunidade.

Segundo Funari (2001, p.98), “o grande número de sítios arqueológicos tem provocado representativa identidade em alguns municípios brasileiros como Piraju – SP, São Raimundo Nonato – PI e Joinville – SC. Nesses casos, chegam a

ser a base da vocação turística do município.” Conservar o patrimônio é, portanto, do absoluto interesse dessas comunidades.

Face ao exposto, chegamos ao seguinte problema de pesquisa:

- O patrimônio arqueológico do município de Laguna apresenta potencial relevante para o desenvolvimento do turismo arqueológico?

Para encontrar resposta ao nosso problema de pesquisa elaboramos os seguintes objetivos: O **objetivo geral** consiste em analisar o potencial do turismo arqueológico como alternativa à dinâmica turística do município de Laguna – SC. Tendo como **objetivos específicos**: desenvolver uma análise sistemática do território turístico do município de Laguna; analisar a percepção da comunidade local em relação aos sítios arqueológicos; identificar junto aos visitantes as perspectivas que envolvem a valorização turística dos sítios arqueológicos; analisar o patrimônio arqueológico para desenvolvimento do turismo arqueológico de Laguna.

É por meio da definição e aplicabilidade da metodologia que o conhecimento torna-se científico. Para Dencker (1998, p.17), “o método científico consiste em uma série de procedimentos realizados pelo pesquisador com a finalidade de reduzir as chances de erro”. Esta investigação caracteriza-se por uma pesquisa aplicada, “cujas conclusões conduzem à solução de problemas de interesse imediato para a sociedade em detrimento da sua relevância teórica” (APPOLINÁRIO, 2009, p. 62). O processo de investigação da pesquisa caracteriza-se fundamentalmente por um estudo de natureza exploratória, para obtermos o objetivo proposto neste trabalho, utilizou-se a abordagem qualitativa.

A pesquisa exploratória, segundo Aaker (2001, p. 94), “é usada quando se busca um entendimento sobre a natureza do problema (...)”. Afirma ser “útil para estabelecimento de prioridades entre questões de pesquisa e para o aprendizado sobre os problemas práticos na execução do trabalho” (AAKER, 2001, p. 94) e este tipo de investigação “se caracteriza por flexibilidade e versatilidade com respeito aos métodos”, procura explorar um problema ou situação para originar critérios e maior entendimento (MALHOTRA, 2006; p. 100). Triviños (1987, p. 109) destaca ainda

que, “um estudo exploratório, por outro lado, pode servir para levantar possíveis problemas de pesquisa”.

O estudo descritivo também fará parte desta investigação e o seu emprego será necessário para alcançarmos alguns objetivos. Caracteriza-se por buscar descrever uma realidade, sem causar interferência (APPOLINÁRIO, 2009, p. 62). De acordo com Triviños (1987, p. 109), o foco essencial destas investigações é buscar conhecer melhor as características da população ou fenômeno. Para ele, este método “pretende descrever “com exatidão” os fatos e fenômeno de determinada realidade” (TRIVIÑOS, 1987, p. 109). De acordo com Martins (1994, p. 28), “o estabelecimento de relações entre variáveis e fatos”. Gil (2002, p. 42) indica que, esse tipo de pesquisa poderá ir além de uma simples identificação de relações entre variáveis, pretendendo determinar a natureza dessas relações.

Dentro da realidade do turismo, em princípio, a maioria dos estudos partirá de dados estatísticos de pesquisas quantitativas. Esses dados quando aliados ao processo qualitativo devem servir como ferramenta dentro da pesquisa, pois informações sobre a vida dos povos não podem ser quantificadas e precisam ser interpretadas de forma mais ampla, do que simplesmente como um dado objetivo. Segundo Triviños (1987, p. 130), “uma das grandes postulações da pesquisa qualitativa é a de sua atenção preferencial pelos pressupostos que servem de fundamento à vida das pessoas”. Já a pesquisa etnográfica, que se pode dizer é o estudo da cultura (TRIVIÑOS, 1987), associa-se à pesquisa qualitativa. Ambas partem da perspectiva de que existe um mundo cultural a ser conhecido, baseando suas conclusões nas descrições do real cultural que lhe interessa para tirar delas os significados que têm para as pessoas que pertencem a tal realidade. Conclui-se, pois, que a função do pesquisador “não é tanto estudar as pessoas, e sim aprender delas” (TRIVIÑOS, 1987, p. 121). Para Martins (1994, p. 158), “a análise dos dados terá por objetivo simplesmente compreender um fenômeno em seu sentido mais intenso”.

Ao utilizar a pesquisa qualitativa pretendeu-se avaliar as expectativas da população local e dos visitantes quanto às perspectivas que envolvem a valorização turística sítios arqueológicos do município de Laguna, buscando indicar uma alternativa para o turismo na região e despertar o interesse relacionado à

conservação dos sítios arqueológicos e o aprendizado sobre os povos que ali habitaram.

Assim, através da pesquisa qualitativa, se pode “não só determinar como é um fenômeno, mas também de que maneira e por que ocorre”. (TRIVIÑOS, 1987, p. 111). Apoiado em instrumentos de pesquisa como entrevistas, documentos e dados de pesquisa anteriores, buscamos na pesquisa qualitativa flexibilidade um importante elemento para a interpretação da participação do sujeito no fenômeno turístico.

De acordo com Triviños (1987, p. 137), “não poderíamos afirmar categoricamente que os instrumentos que se usam para realizar a Coleta de Dados são diferentes na pesquisa qualitativa daqueles que são empregados na investigação quantitativa”. Ele considera que existem meios neutros, através de nosso instrumento de pesquisa pretendeu-se elaborar uma análise quantitativa, embora a pesquisa tenha foco em uma abordagem qualitativa. Existem inúmeras formas de coletas de dados; utilizaremos formulários, com questões abertas e fechadas.

Quanto ao processo de **verificação da organização turística** do município de Laguna obteve-se através de levantamentos de fontes bibliográficas primárias e secundárias, quando possível diretamente no departamento responsável pelo turismo municipal. Essas informações foram relevantes para conhecermos o planejamento e gestão do desenvolvimento turístico, a oferta turística e seus atrativos.

Para melhor compreensão do território lagunense aplicamos o modelo de análise proposto por Anjos (2004), o **subsistema territorial turístico**. Os dados foram organizados em quatro subsistemas: subsistema dos fluxos sócio-culturais; subsistema dos fluxos econômicos; subsistema dos fixos naturais; subsistema dos fixos construídos.

A área de pesquisa proposta por esse trabalho vem há muitos anos sendo estudada por arqueólogos advindos de várias partes do Brasil e do exterior. Nas últimas décadas foi intensificada, principalmente por pesquisadores da região. Muitos sítios arqueológicos encontrados e pesquisados resultaram em vários trabalhos científicos. Utilizamos estes trabalhos para caracterizar os sítios

arqueológicos. A partir destas informações apresentamos a diversidade cultural da ocupação pré-histórica e histórica de Laguna, o grau de integridade dos sítios arqueológicos e demais informações científicas, que serão fundamentais para **analisar o patrimônio arqueológico para desenvolvimento do turismo arqueológico.**

Aplicamos um formulário com perguntas abertas e fechadas nas comunidades locais, objetivando perceber qual sua relação com o patrimônio arqueológico, cujo objetivo era **compreender se a população, bem como os visitantes, têm interesse pela preservação e desenvolvimento do turismo arqueológico.**

As entrevistas foram desenvolvidas em duas etapas. A primeira foi realizada na temporada de verão, com visitantes e a segunda durante o primeiro semestre, com moradores. Esta foi aplicada no Centro Histórico, onde se encontra um comércio diversificado e os serviços públicos, com maior circulação da população e por receber moradores de diferentes localidades.

2 TURISMO: Turismo, Planejamento e gestão

2.1 BREVE HISTÓRICO DO TURISMO

Santana (2009, p. 25) diz que não há um acordo em relação à reconstrução do tempo turístico, nem quanto a sua história. O homem tem em sua gênese a aspiração de viajar. Mesmo na pré-história, grupos humanos, como os caçadores-coletores, deslocavam-se motivados por diferentes desejos e necessidades.

De La Torre (1997) divide a história do turismo em três períodos: turismo incipiente ou elitista, turismo de transição e turismo em desenvolvimento ou massivo.

Turismo incipiente ou elitista – período em que as viagens estavam ao alcance principalmente de pessoas abastadas. Os trajetos e meios de transporte eram precários, linhas férreas escassas, as embarcações eram um meio relativamente massivo.

Turismo de transição – marcado pela ampliação da malha ferroviária, utilização dos trens para transporte de grupos com fins turísticos, invenção do carro e avião, aumento no número de hotéis e surgimento de escolas de hotelaria.

Turismo em desenvolvimento ou massivo – acessível a uma parcela maior da população, crescimento do transporte aéreo, acessibilidade da população ao automóvel, meios de transporte regulares e modernização dos meios de hospedagem.

Acerenza (2000) remete-se aos primeiros ensaios de turismo como “antecedentes remotos”. Já Barretto (2000) considera a “Proto-história do turismo”.

Acerenza (2000, p. 53) se refere à antiga Babilônia como um dos antecedentes remotos do turismo. McIntosh (1972 *apud* BARRETTO, 1999, p. 9) acredita que “(...) os primeiros viajantes foram os fenícios, por terem sido os inventores da moeda e do comércio”. Outra grande invenção dos fenícios foi o alfabeto, difundido no mundo ocidental. Mesmo com suas particularidades, promoveu a comunicação. Ignarra (2003, p. 3) afirma serem os fenícios, há mais de mil anos a.C., quem mais se aproximaram do atual conceito de viagem. Barretto (1999) reforça que, se fosse realizada uma pesquisa aprofundada em períodos

anteriores e em outras culturas, provavelmente seriam encontradas datas mais antigas.

De La Torre (1997, p. 10) menciona que no século VIII a.C os gregos, motivados pela religião e esporte, viajavam a cada quatro anos para Olímpia. Participavam ou assistiam as competições, consideradas tão importantes que havia um pacto de trégua para as guerras, muito frequentes entre as cidades-estados gregas. Este evento da antiguidade deu origem à Olimpíada de nossa era, um acontecimento que atrai hoje milhares de pessoas de todo mundo.

Acerenza (2000, p. 53) descreve que no apogeu do Império Romano muitas pessoas viajavam para o campo e locais litorâneos no verão. Barretto (2000, p. 45) enfatiza que os romanos poderiam ser os primeiros a viajar por prazer. Foram encontradas evidências, como pinturas, que representam romanos em praias (inclusive trajando roupa de banho) e em “spas”. Destaca que o Império Romano construiu muitas estradas, possibilitando que seus cidadãos viajassem durante os séculos II a.C. à II d.C., principalmente para o campo, praia, águas termais, templos e festivais. Posteriormente, com a cristianização, muitos peregrinos viajavam entre o século II e III à Terra Santa, onde o imperador Constantino, o Grande, construiu a igreja do Santo Sepulcro, no ano 326 (Barretto, 2000, p. 45). Acerenza (2000, p. 54) afirma que neste momento já havia itinerários e guias com informações das rotas, nomes dos caminhos, distâncias e tempo de viagem para diferentes pontos do Império.

Ignarra (2003, p. 03) relata que no governo de Alexandre, o Grande, na região de Éfeso (atual Turquia), havia eventos que atraíam pessoas vindas de locais distantes. Há registros de mais de 700 mil visitantes, atraídos por apresentações mágicas, animais amestrados, acrobacias, entre outros eventos. Afirma também que na China Antiga houve relatos de viagens. Chang Chien, no ano de 138 a.C., visitou até mesmo a Pérsia e a Síria.

Com a queda do Império Romano e as invasões bárbaras, as estradas romanas se deterioraram. Acerenza (2000, p. 54) alega que viajar nesse período era perigoso. Descreve que até a Idade Média as viagens passavam por um momento de retração. As pessoas começam a se deslocar em grupos, como forma de garantir a segurança. Eram principalmente peregrinos que visitavam locais como Jerusalém,

Roma e Santiago de Compostela. Esses deslocamentos favoreceram a revitalização das rotas comerciais. No final do século XIII, com o movimento expressivo de viajantes, proprietários de pousadas em Florência se reuniam para organizar o serviço de hospedagem pago, não mais de caridade. Com a rentabilidade do negócio, o novo conceito de hospedagem estendeu-se para outras cidades (ACERENZA, 2000, p. 55). Também foi nesse período que, segundo Barretto (2000, p. 46) iniciou o intercâmbio de professores e alunos entre as universidades européias. Destaca ainda que o século XV é marcado pelo início das viagens ultramarinas, protagonizadas pelos espanhóis e portugueses, apresentando um mundo até então desconhecido, despertado interesse de todos em conhecê-lo.

No século XVI jovens da nobreza inglesa, com a finalidade de complementar seu estudos, viajavam com seu professor particular, objetivando conhecer novas culturas e adquirir experiência de vida. Nessa época essas viagens tornaram-se comuns, duravam aproximadamente três anos e eram exclusivamente masculinas. Chegavam ao continente em navios, viajavam a pé ou montados em animais. Essas viagens ficaram conhecidas como *grand tour*. Posteriormente, passaram a ser praticadas por pessoas de outros países e pela burguesia (BARRETTO, 2000, p. 47; DE LA TORRE, 1997, p. 11; ACERENZA, 2000, p. 56). Barretto (2000, p. 47) afirma não haver “propriamente turismo, mas sim *tours*, viagem de ida e volta (...)”, de onde deriva o termo turismo. Para muitos autores, nesse período se estabelece as bases para o turismo moderno.

Com o advento da Revolução Industrial no século XVIII, o turismo começa tomar a forma que conhecemos hoje. Conforme Barretto (2000, p. 51), “o turismo sempre esteve ligado com o meio de produção e o desenvolvimento tecnológico. O modo de produção determina quem viaja, e o desenvolvimento tecnológico, como fazê-lo”. Surge, na segunda metade do século XVIII, o barco a vapor. As viagens tornaram-se mais seguras, rápidas e com maior capacidade para cargas e passageiros. Possibilita a viabilidade comercial de viagens intercontinentais, dando início a viagens turísticas, principalmente da Europa para outros continentes (IGNARRA, 2003, p. 06).

Com o surgimento do trem e a expansão da malha ferroviária, os deslocamentos tornam-se mais fáceis, permitindo transportar uma quantidade de

passageiros significativa, em um tempo mais reduzido. Na Inglaterra a ferrovia Liverpool-Manchester, na primeira metade do século XIX, foi, segundo Barretto (2000, p. 51), “a primeira a preocupar-se com o passageiro” ao invés de carga.

Em 1841, conforme Ignarra (2003, p. 06), Thomas Cook organizou uma viagem de trem para um encontro contra o alcoolismo. Foram 570 passageiros, entre as cidades inglesas de Leicester e Loughboroug. Segundo o autor, o sucesso da empresa foi tamanho que passou a organizar viagens para a parte continental da Europa e posteriormente excursões para os Estados Unidos, criando, assim, a primeira agência de viagens do mundo. De acordo com Barretto (2000, p. 52), em 1865, Cook também fazia reservas nos hotéis e editava um guia com conselhos a excursionistas e turistas. De acordo com a autora, em 1867 cria-se uma espécie de *voucher* hoteleiro. Em 1869, leva um grupo ao Egito e à Terra Santa. Em 1872, organizou uma volta ao mundo, que durou 222.

Acerenza (2000, p. 62) destaca que a maior contribuição de Cook ao turismo foi o início da atividade de excursão organizada, que hoje conhecemos com o nome de *pacote turístico*. Foi o que permitiu que uma grande parte da população viajasse de férias.

Barretto (2000, p. 52) enfatiza que o turismo no século XIX foi marcado pelo transporte ferroviário na esfera nacional e naval em nível internacional. Após a Primeira Guerra Mundial, o automóvel começa a ser valorizado. Para a autora, o desenvolvimento dos meios de transportes, a vida urbana, o trabalho em fábricas (conquista de tempo livre e férias remuneradas), transforma o turismo em um acontecimento mundial.

Acerenza (2000, p. 67) afirma que no início do século XIX, a América já demonstrava um desenvolvimento significativo no turismo, principalmente nos Estados Unidos, Argentina, Chile e Uruguai. O Brasil apresentava um desenvolvimento modesto (destaca-se, sobretudo, depois da Primeira Guerra). O autor ressalta que no período entre-guerras (1918 a 1939) há um novo progresso do transporte de passageiros.

Em 1922, com a comemoração do bicentenário de independência do Brasil, surgem os primeiros grandes hotéis na cidade do Rio de Janeiro (ACERENZA, 2000, p. 69). No ano seguinte foi criada a Sociedade Brasileira de

Turismo. Nos anos seguintes, desenvolve-se no Estado de São Paulo o turismo de águas termais. Quase ao mesmo tempo, incrementa-se o turismo no Estado do Rio Grande do Sul.

Durante a Segunda Guerra Mundial (1939 a 1945), Barretto (2000, p. 54) descreve que a atividade turística esteve praticamente parada. Após o ano de 1945, o transporte aéreo demonstrou grande potencial. Para regulamentar o direito aéreo foi criada a IATA (International Air of Transport Association). Com o crescimento da aviação, houve um grande desenvolvimento do turismo. Segundo Ignarra (2003, p. 06), “a aviação em menos de um século evoluiu rapidamente, tornando as viagens cada vez mais rápidas e baratas, possibilitando, assim, um grande intercâmbio turístico”. Houve um surgimento expressivo de empresas de transporte aéreo. De acordo com Acerenza (2000, p. 74), em 1971 havia na Europa 57 empresas de transporte aéreo regular. O turismo torna-se um fenômeno massivo, começa a ganhar visibilidade e desperta o interesse de grande parte dos países do mundo.

Barretto (2000, p. 55) assegura que na segunda metade do século XX o turismo expandiu-se para todo o globo. O número de agências de viagens aumentou devido ao crescimento das companhias aéreas. O ambiente familiar dos antigos meios de hospedagem deixou de ser o anseio do turista. Surgem as grandes cadeias de hotéis, padronizadas e impessoais. Na Suíça, nascem as primeiras escolas profissionais de hotelaria.

Logo após a Segunda Guerra, Acerenza (2000, p. 77) destaca que houve um crescimento no turismo em Cuba, que registra, em 1957, 272.200 visitantes. Em relação à América Latina, o desenvolvimento do turismo começa principalmente a partir da década de 1960, com o esforço de organizações que buscam fomentar a atividade. Em decorrência disso, surge, entre 1970 a 1990, vários centros turísticos, alguns planejados e outros espontâneos.

Neste mesmo período, segundo Acerenza (2000, p. 80), no Brasil algumas regiões apresentam considerável inserção do turismo receptivo, essencialmente na costa nordestina, litoral do Rio de Janeiro e São Paulo. Destaca o crescimento considerável de Balneário Camburiú, localizado no litoral norte de Santa Catarina, procurado principalmente por causa das praias. Foz do Iguaçu, no

Paraná, se estabeleceu como destino internacional por conta das suas cataratas, localizadas na tríplice fronteira do Brasil, Paraguai e Argentina.

(...) entre 1970 y 1990, el turismo se consolida definitivamente como un derecho adquirido por la sociedad. Su expansión es tal, que se ha convertido en una de las principales actividades económicas del comercio internacional, y los pronósticos en cuanto a su crecimiento en el nivel mundial, indican que éste continuará en los próximos años. (ACERENZA, 2000, p. 81)

Alguns fatores motivaram o turismo a deixar de ser apenas uma compensação financeira:

O turismo, tal qual o entendemos hoje, origina-se pela curiosidade, pelo esnobismo, pela enfermidade e pela busca de climas diferentes (nem sempre melhores), mas consegue estabelecer-se quando alguns empreendedores começam a cobrar um serviço que não apenas facilita o deslocamento, mas também o ameniza com atividades específicas. (SANTANA, 2009, p. 27)

Foram muitas as transformações que impulsionaram o desenvolvimento turístico: abertura de estradas romanas; surgimento das rotas comerciais; aparecimento das estalagens de caridade; as Grandes Navegações; a invenção do trem, do carro, do avião, entre outros. Esses fatores, aliados à conquista do tempo livre e férias remuneradas, contribuíram para que o turismo chegasse ao estágio atual. A seguir veremos alguns conceitos de turismo.

2.2 CONCEITOS DE TURISMO

Cruz (2007, p. 03) ressalta que, historicamente, o conceito de turismo se aproximou do conceito de viagem. Para Acerenza (2000, p. 23), o conceito do turismo tem gerado controvérsia. Refere-se ao turismo sob a ótica de várias disciplinas e correntes de pensamento. Do ponto de vista das disciplinas, afirma, são resultados parciais, referindo-se a aspectos específicos e não enfocam a sua totalidade. Do ponto de vista das correntes de pensamento, destaca a teorias humanista e da alienação. Enfatiza que são diferentes maneiras de visualizar o turismo, resultante de princípios ideológicos e filosóficos.

Barretto (2000) apresenta uma série de definições de turismo. Afirma que a primeira definição é de um economista austríaco, Hermann von Schullern zu Schattenhofen. Em 1911, ele concluiu que o “turismo é o conceito que compreende todos os processos, especialmente os econômicos, que se manifestam na chegada, na permanência e na saída do turista de um determinado município, país ou estado”. Na sequência veremos outras definições descritas pela autora:

Tráfego de pessoas que se afastam temporariamente do seu lugar fixo de residência para deter-se em outro local com o objetivo de satisfazer suas necessidades vitais e de cultura ou para realizar desejos de diversas índoles, unicamente como consumidores de bens econômicos e culturais. (MORGENROTH *apud* BARRETTO 2000, p. 10).

Turismo é, de um lado, conjunto de turistas; do outro, os fenômenos e as relações que esta massa produz em consequência de suas viagens. Turismo é todo o equipamento receptivo de hotéis, agências de viagens, transportes, espetáculos, guias-intérpretes que o núcleo deve habilitar-se para atender às correntes (...). Turismo é o conjunto das organizações privadas ou públicas que surgem para fomentar a infra-estrutura e a expansão do núcleo, as campanhas de propaganda (...). Também são os efeitos negativos ou positivos que se produzem nas populações receptoras. (FUSTER, 1973 *apud* BARRETTO, 2000, p. 11).

Morgenroth caracteriza o fenômeno principalmente pelo deslocamento de sua residência habitual, e consumo de bens econômicos e culturais. Enquanto Fuster diz que turismo é um conjunto de turista de um lado, e do outro, os resultados das relações originadas pelo primeiro. Dias (2003, p. 45) define o turismo como:

(...) conjunto de atividades que as pessoas realizam durante suas viagens e estadas em lugares diferentes ao de seu entorno habitual, por um período de tempo consecutivo inferior a um ano, com o objetivo de lazer, negócios ou outros motivos, não relacionados com uma atividade remunerada no lugar visitado. Importante assinalar que o turismo compreende todas as atividades dos visitantes, tanto de turistas como de excursionistas.

Assim como Morgenroth e Fuster, Dias define turismo como o conjunto de atividades realizadas em viagem fora do local habitual, cujos objetivos, entre outros, é o negócio. Muitos autores definem que a atividade turística não se efetiva quando deixa de ser espontânea, sendo remunerada ou motivada pelo negócio. Essa definição de Dias, ao menos no que tange o objetivo negócio, ainda é divergente.

Porém, relatam, pessoas que viajam alheios ao turismo possuem um comportamento consumista semelhantes aos turistas e muitas vezes acumulam suas obrigações com a prática do turismo (ACERENZA, 2000, p. 34; BARRETTO, 2000, p. 13). Para Barretto (2000, p. 13), o turismo “é uma atividade em que a pessoa procura prazer por livre e espontânea vontade. Portanto, a categoria de livre escolha deve ser incluída como fundamental no estudo do turismo”.

Além das definições propostas pelos autores acima, verificamos, também, as recomendadas pela Organização Mundial do Turismo (OMT):

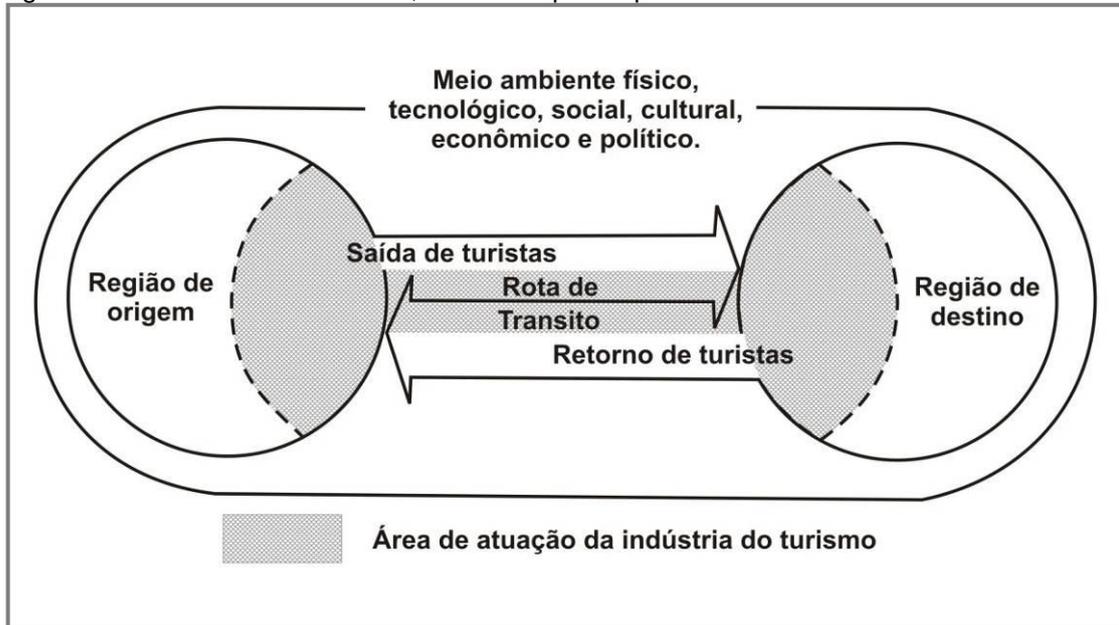
Soma de relações e de serviços resultantes de um câmbio de residência temporário e voluntário motivado por razões alheias a negócios ou profissionais. (DE LA TORRE, 1992 *apud* BARRETTO, 2000, p. 12).

El turismo es un fenómeno social que consiste en el desplazamiento voluntario y temporal de individuos o grupos de personas que, fundamentalmente por motivos de recreación, descanso, cultura o salud, se trasladan de su lugar de residencia habitual a otro, en el que no ejercen ninguna actividad lucrativa ni remunerada, generando múltiples interrelaciones de importancia social, económica e cultural. (DE LA TORRE, 1997, p. 16).

Quanto às definições conceituais de turismo há divergências entre os autores. Alguns consideram que este fenômeno ocorre desde o início da viagem; outros, somente na chegada ao local. Entretanto, concordam que a viagem se realiza de forma espontânea, sem o objetivo de negócio.

Diante desses vários pontos de vista, e com base em alguns autores supracitados, trabalharemos com a definição de que o fenômeno do turismo inicia na concepção da viagem, desde a procura por informações, até o término ao local de origem. A figura 04 representa o sistema turístico básico, elaborado por Leiper.

Figura 04: Sistema turístico básico, elaborado por Leiper.



Fonte: Acerenza (2000, p. 170).

De acordo com Barretto (2000, p. 17), “o turismo é um fenômeno social complexo e diversificado. Há diversos tipos de turismo, que podem ser classificados por diferentes critérios”.

2.3 TURISMO, REGIÃO E ESPAÇO

Santos (1985) discute que o conceito de região muda com o passar dos tempos, e a noção antes ligada à ideia de autonomia, não resiste com a atual configuração econômica. Nos países desenvolvidos, as regiões geográficas eram na verdade regiões históricas, formadas antes da revolução dos transportes. Todo este histórico influenciou “tanto na configuração do espaço, quanto na vida econômica e cultural”. Este fato contribuiu para assegurar a manutenção de um grande número de relações “internas” (SANTOS, 1985, p. 65).

A cada momento histórico, pois, o que se convencionou chamar de *região*, isto é, um *subespaço* do espaço nacional total, aparece como o melhor lugar para a realização de um certo número de atividade. Tais fatores locacionais, repetimos, são apenas parcialmente regionais ou locais. [...] Sua “velhice”, em relação a novas formas técnicas, não é, obrigatoriamente, um fator de perda relativa de seu valor produtivo ou de sua capacidade de

participar no processo de acumulação geral e dentro do ramo respectivo. É a incidência, sobre essas formas envelhecidas, das relações sociais, que lhes assegura um lugar na hierarquia dos papéis. Este dado, fundamental para qualquer análise da questão, e de natureza geral, pertence à lógica de funcionamento da formação social nacional com um todo. (SANTOS, 1985, p. 67)

Segundo Santos (1985), apesar das configurações espaciais particulares, por vez dotados de uma autonomia de existência, isso não os investe de uma autonomia de funcionamento. “Por isso, a região e o lugar são *lugares funcionais* do todo” (SANTOS, 1985, p. 68). Afirma que “uma região é, na verdade, o *locus* de determinadas funções da sociedade total em um momento dado” (1985, p. 66).

Santos (1985, p. 66) menciona que, dentro das discussões da geografia com um mundo globalizado as regiões deixam de existir. Mas Carvalho (2002, p.13), frente a essas discussões assegura: “mesmo que se afirmem que a região não mais exista, continuaremos a vivê-la ou assisti-la nas diversas expressões materializadas na sociedade e utilizada como mecanismos de ações políticas de planejamento.”

A divisão regional descrita pelos autores supracitados dá-se principalmente pelo sistema produtivo, contextualizado no discurso de um mundo globalizado, exceto ao que afirma Santos (1985) serem regiões historicamente consolidadas.

Sobre as discussões de regionalização do turismo, Boullón sugere, em um sistema de planificação nacional primeiro deve-se definir a sua área de atuação, e principalmente regionalizar o país, dividindo o território em partes, utilizando-se de uma série de critérios técnicos. O autor afirma que cada região deverá ser dividida com características iguais, mas, como seria praticamente impossível encontrar áreas idênticas, é comum utilizar a ideia de região dos economistas. Estes se utilizam dos seguintes critérios para regionalizar um território, buscam similaridades nos indicadores econômicos (produção, transporte, comércio, entre outros) e de desenvolvimento social (nível de alfabetização, saúde, salário, entre outros). “Al ser similares los indicadores, las regiones adquieren una determinada identidad que conduce a calificar su espacio como homogéneo y continuo” (BOULLÓN,1990, p. 57).

Vera *et al* (1997, p. 59) relata: “mención particular merece el concepto de *región turística* en el contexto de la identificación y caracterización de espacios

turísticos”. Descreve que a complexidade do fenômeno turístico, e particularmente sua vinculação com o meio geográfico surgem uma grande diversidade de “regiões” ou “espaços” turísticos, sendo classificados por critérios como: funcionalidade, recursos, entre outros. Vera *et al* (1997, p. 60) observa que, “también es frecuente, especialmente en determinados contextos, el uso de unidades político-administrativas como regiones turísticas”. Ressalta ainda a importância da administração turística estar inserida no âmbito político administrativo regional, a qual gerará em determinado contexto uma identidade, a inserção de uma região turística em uma região político-administrativa deverá otimizar seus resultados.

Essa reflexão remete-nos à região Encantos do sul, que não está inserida em uma região político-administrativa, ao menos, não em uma única região. O Estado de Santa Catarina está dividido em 36 Secretarias de Desenvolvimento Regional - SDR. Esta região ocupa parcial e integralmente a área de quatro SDR's: a de Laguna, formada por 05 municípios; a de Tubarão, com 07 municípios; a de Braço do Norte, constituída por 07 municípios; e a de Criciúma, formada por 11 municípios. Outra divisão político-administrativa existente na área de abrangência da região turística são as 04 associações de municípios: Associação dos Municípios da Região de Laguna – AMUREL, composta por 14 municípios; Associação dos Municípios da Região de Carbonífera – AMUREC, formada por 11 municípios; Associação dos Municípios da Grande Florianópolis – GRANFPOLIS, composta por 22 municípios; e Associação de Municípios da Serra Catarinense – AMUSC, que conta com 07 municípios.

A utilização do termo “região” não se dá no sentido de classificação do território turístico. A região turística a que nos referimos é uma compartimentação de uma área. Para essa pesquisa delimitamos como área o município de Laguna, localizado ao sul do Estado de Santa Catarina. A região turística Encantos do Sul, criada através das políticas públicas estaduais para o turismo, engloba 30 municípios. Compreende uma área que vai do litoral até a encosta da Serra Geral, contendo uma diversidade de atrativos, grande parte dos municípios integrantes não possui um desenvolvimento expressivo da atividade turística.

Cruz descreve que, “o espaço geográfico é o principal objeto de consumo do turismo e disso decorre uma das mais importantes especificidades da prática

social do turismo: o consumidor-turista tem de se deslocar até o produto a ser consumido, o lugar turístico” (2003, p. 21). Boullón ao observar como se configura fisicamente outros setores concluiu que, em nenhum caso a ocupação do território é integral como na atividade turística (1990, p. 56).

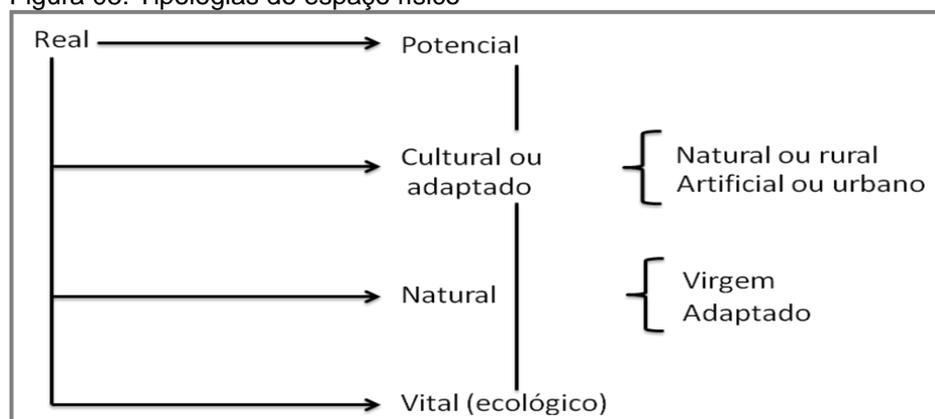
Boullón alega que o espaço turístico é o resultado da presença e distribuição territorial dos atrativos turísticos, destaca que, “no debemos olvidar, son la materia prima del turismo” (1990, p. 65). O autor faz algumas distinções de espaços, apresentando algumas tipologias.

Quadro 01: Tipologias do espaço

Espaço real: Se refere a toda superfície de nosso planeta e a capa da biosfera.
Espaço potencial: O espaço potencial não existe no presente, na realidade pertence ao imaginário dos planejadores.
Espaço Cultural: É a parte da superfície terrestre que devido à ação do homem mudou sua fisionomia original.
Espaço Natural adaptado: São as partes da superfície terrestre onde predominam as espécies do reino vegetal, animal e mineral.
Espaço artificial: Inclui aquelas partes da superfície terrestre onde predomina todo tipo de artefato construído pelo homem. Sua máxima expressão é a cidade, por isso, também é chamando de espaço urbano.
Espaço natural virgem: São aquelas áreas, cada vez mais escassas de espaço natural sem vestígio da ação do homem.
Espaço vital: esta tipologia se refere não a terra, mas, ao homem e qualquer espécie do reino monera, protista, vegetal e animal.

Fonte: adaptado de Boullón (1990, p. 85)

Figura 05: Tipologias do espaço físico



Fonte: Boullón, 1990, p. 65

Cooper *et al* (2001, p. 136) diz que “a destinação une todos os aspectos do turismo – demanda, transporte, oferta e marketing – em uma estrutura

conveniente”, é na destinação que acontece os elementos mais importantes do sistema turístico. É o local “onde a indústria que lida com o fluxo de turismo está localizada: ou seja, onde se encontram as atrações e todas as outras instalações de apoio de que o visitante necessita.

Quadro 02: Características comuns das destinações turísticas

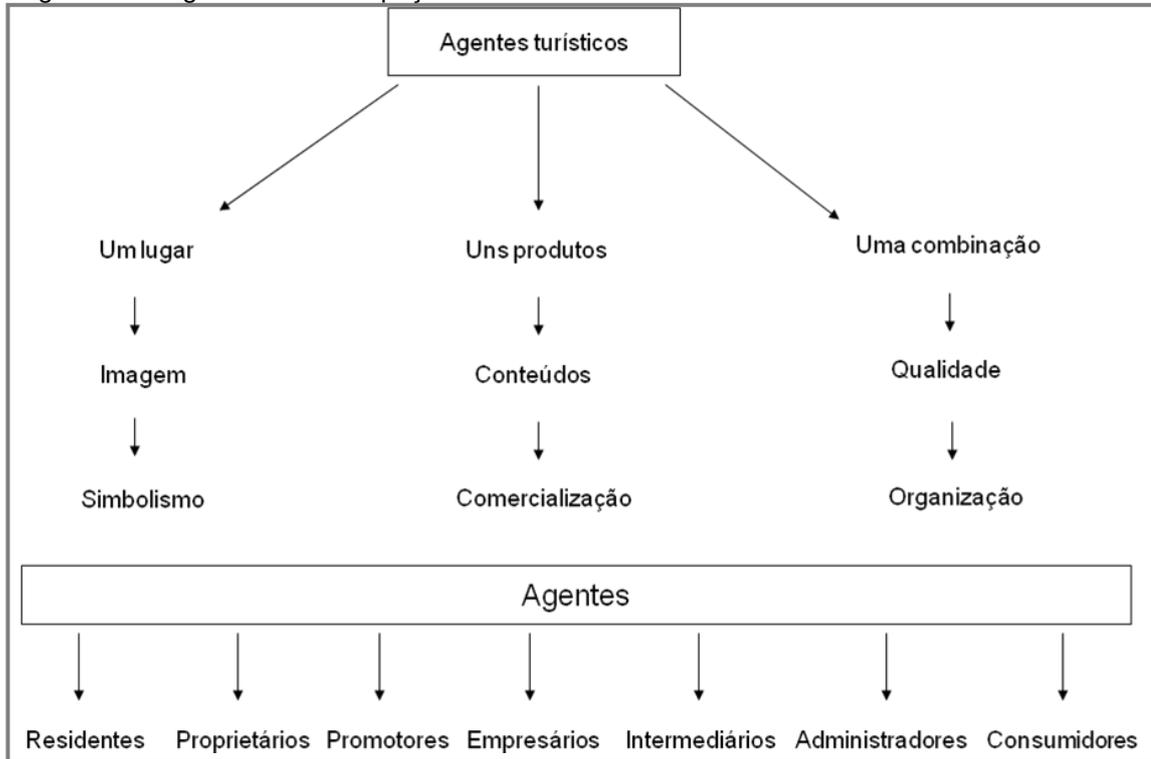
- As destinações são amálgamas (atrações, serviços, acessos, entre outras).
- As destinações são experiências culturais.
- As destinações são inseparáveis, ou seja, o turismo é consumido onde é produzido.
- As destinações são utilizadas não apenas pelos turistas, mas também por outros.

Fonte: Adaptado de Cooper *et al* 2001, p. 136

Para Cooper *et al* (2001, p. 136) “a oferta do turismo apresenta um padrão complexo no mundo, porque se localiza em ambientes diversos e em contextos econômicos e sociais diferentes”. “Os componentes da destinação turística só podem ser eficazes se um planejamento e gerenciamento cuidadoso oferecerem um produto turístico sustentável e, desta forma, garantirem que um ou mais dos componentes não *avance* à frente dos outros” (COOPER *et al*, 2001, p. 142).

Vera *et al* (1997, p. 200) define o turismo como a prática social coletiva que agrega mecanismos particulares da relação que afetam a identidade e o espaço. Afirma que todo destino turístico possui sua singularidade enquanto a finalidade social, e alcança sua particularidade material através de seus elementos primários que compõem sua atratividade – os recursos e os atrativos, e seus elementos secundário que facilitam seu consumo – todos os equipamentos turísticos existentes.

Figura 06: Singularidade do espaço do destino turístico



Fonte: Vera et al, 1997, p. 200

Segundo Cruz (2001, p. 22), “a transformação do espaço em produto turístico requer uma crescente racionalidade devido à competitividade entre produtos turísticos, que se dá, hoje, em escala global”. A racionalidade e competitividade influenciam na organização dos setores produtivos, ajustando-os a um mercado globalizado, por isso, o planejamento territorial é uma condição para que os planos e políticas regionais sejam bem sucedidos.

2.4 PLANEJAMENTO E GESTÃO DO TURISMO

Souza (2010, p. 46) afirma que planejamento e gestão não são intercambiáveis ou equivalentes, visto que, possuem referenciais temporais diferentes, são *distintos e complementares*.

Souza (2010, p. 46) destaca que:

O planejamento é a preparação para a gestão futura, buscando-se evitar ou minimizar problemas e ampliar margens de manobra; e a gestão é a efetivação, ao menos em parte (pois o imprevisível e o indeterminado estão sempre presentes, o que torna a capacidade de improvisação e a

flexibilidade sempre imprescindíveis), das condições que o planejamento feito no passado ajudou a construir.

“A gestão pode ser entendida como uma etapa interativa, cujas informações retro-alimentam o processo de planejamento” (ALMEIDA et al, 1999 *apud* Anjos, 2004, p. 58). “O planejamento está ligado às ações futuras, a maximização das potencialidades e a minimização dos problemas” (ANJOS, 2004, p. 58), trata-se de um processo mais complexo e longo do que gestão.

Podemos afirmar que a gestão está ligada às ações no presente, enquanto que planejamento trata das medidas futuras, teoricamente previstas – embora saibamos que poderão ocorrer alterações ao longo do processo, por isso, planejamento e gestão deverão comunicar-se constantemente, inter-relacionando e subsidiando-se (ANJOS, 2004, p. 58). Para Anjos *et al* (2005, p. 383), “o planejamento precisa ser flexível o suficiente para garantir que a gestão de cada processo aconteça de forma contínua e sistêmica, resultando em estratégias eficientes e eficazes social, ecológica e economicamente”. Para atingir a eficiência e eficácia de cada procedimento é necessário constante avaliação e re-avaliação, permitindo adequações, garantindo o andamento e a flexibilização dos procedimentos, imprescindíveis frente às mudanças (ANJOS et al, 2005, p. 383).

O processo de desenvolvimento do planejamento envolve um cruzamento amplo de participantes que podem trazer consigo objetivos conflitantes (COOPER et al, 2001, p. 234). Mas, para realização do planejamento e imprescindível a participação de vários atores – representantes de organizações públicas e privadas, planejadores e comunidade envolvida. É essencialmente importante que se alcance uma representatividade da comunidade local, para que apresente seu posicionamento frente às decisões. Segundo Anjos et AL (2005, p. 383), “o planejamento e a gestão territorial deve ter base na participação da comunidade que integra o sistema, embora necessite incorporar aspectos coordenativos, interativos, integrativos e estratégicos” .

Para Jenkins (1993) *apud* Monterrubio-Cordero (2009, p. 108), integrar a comunidade local no planejamento e gestão do turismo não é uma tarefa simples, na prática são vários os fatores que dificultam sua integração no processo de gestão

turística. Monterrubio-Cordero (2009, p. 109) descreve que, na inserção processo de planificação do turismo, muitas vezes, a comunidade apresenta-se desinteressada, ou quando participa, demonstra indiferença nas tomadas de decisões.

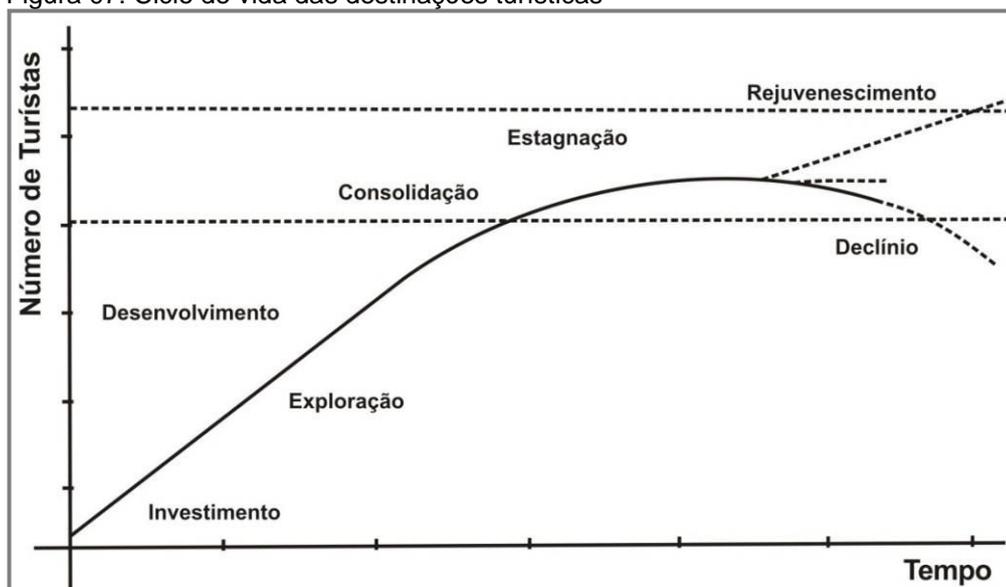
A comunidade local é um elemento imprescindível para o desenvolvimento da atividade turística. Butler (1980) *apud* Monterrubio-Cordero (2009, p. 106) assegura: “el grado de amabilidad y hostilidad que la comunidad receptora presente es de suma importancia a tal grado de poder determinar la visita o el regreso de turistas al destino”. Neste sentido, os autores afirmam que a disposição da comunidade local frente ao turismo pode definir seu êxito ou fracasso do destino turístico, como confirmam os estudos baseados na teoria do ciclo de vida dos destinos turísticos⁴ (figura 07).

Muitos são os fatores que impedem a integração da comunidade no processo de planeamento e gestão do turismo. “Sin embargo, los obstáculos presentados no siempre dependen de la disposición de la comunidad sinotambién de las autoridades y formas tradicionales de gobierno que limitan la incorporación de la voz comunitaria” (MONTERRUBIO-CORDERO, 2009, p. 109).

Ante esto, se requiere que exista una revaloración de la importancia del turismo, pero no sólo como actividad económica, sino como una actividad compleja cuyas dimensiones tienen repercusiones en la vida de los residentes locales. Reconocer los elementos, las varias dimensiones y con ello la importancia del turismo permitirá otorgar atención equitativa a cada uno de estos elementos, incluyendo la comunidad receptora de turismo (MONTERRUBIO-CORDERO, 2009, p. 109).

⁴Plog afirma, os destinos turísticos seguem um padrão previsível, do nascimento à maturidade, até a velhice. Cada fase atrai viajantes distintos. Considera como “idade” ideal a “maturidade jovem”. Cabe aos planeadores locais, representantes do desenvolvimento e promotores, através de um trabalho conjunto evitar que o destino passe para a próxima fase, onde ocorrerá o declínio (2002, p. 272).

Figura 07: Ciclo de vida das destinações turísticas



Fonte: Butler (1980) *apud* Ruschmann (2008, p. 103)

Para Dias (2008, p. 36), “não há planejamento perfeito”; ao contrário, todo planejamento deve ser re-avaliado constantemente, devido às transformações permanentes, é preciso considerar “novas variáveis, novas situações, novos arranjos, e assim por diante”. Esse planejamento é necessário, porque o território é um elemento básico do desenvolvimento turístico, pois abriga os recursos ambientais e culturais dos destinos turísticos, além de ser o espaço físico destinado à instalação da infra-estrutura e dos equipamentos que irão atender ao fluxo de visitantes (DIAS, 2008, p. 37). O território, por si só, é um ambiente essencialmente dinâmico, por isso a importância da participação de seus agentes na formulação do planejamento e na gestão. A atividade turística também influenciará na dinâmica do território, dessa forma, é indispensável monitorar a atividade, re-avaliar o planejamento e adequá-lo frente à nova realidade.

(...) podemos afirmar que o planejamento é uma condição necessária, mas não suficiente para nortear a atividade turística; é fundamental incluir a perspectiva da sustentabilidade da atividade em todas as suas dimensões (a sociocultural, a econômica e a ambiental) para que o desenvolvimento se dê contemplando todos os setores da sociedade (DIAS, 2008, p. 38).

Segundo Ruschmann (2008, p. 88), “no planejamento regional, deve-se considerar não apenas a homogeneidade geográfica, mas as coincidências culturais e econômicas que unificam os espaços, distinguindo-os de outros semelhantes”. “La

integración del medio ambiente en los procesos de desarrollo turístico requiere un cambio de actividades, con el objetivo de sentar los principios de un desarrollo equilibrado y sostenido que preserve los recursos naturales y culturales necesarios para las generaciones futuras” (VERA et al, 1997, p. 326).

O planejamento adequado dos aspectos físicos, legais, promocionais, financeiros, econômicos, mercadológicos, gerenciais, sociais, e ambientais irá contribuir para a concretização dos benefícios do desenvolvimento turístico. (Goeldner; Ritchie; McIntosh, 2002, p. 339)

O uso do território pela atividade turística e a fragilidade dos recursos dos quais depende o turismo para sua continuidade justificam por si só a necessidade de recorrer-se à técnica de planejamento como forma de garantir um desenvolvimento turístico sustentável (DIAS, 2008, p. 37).

O planejamento e a gestão turística, de acordo com Boullón (1990, p. 58) têm a finalidade de ordenar as ações humanas sobre o território, antecipar o efeito do aproveitamento dos recursos.

Neste início do século, na problemática que envolve a relação entre sociedade e território, uma das principais questões que se enfrenta é a falta ou a adoção de planejamento territorial desvinculado da realidade. Esta situação aliada à desregulamentação do uso do espaço, leva a um processo de descaracterização, a médio e longo prazo, do próprio território. (Anjos, 2004, p. 64)

Para que um processo de desenvolvimento seja sustentável, Anjos (2004, p. 64) afirma que “deve-se ter um cuidado minucioso aos problemas sociais, econômicos e ambientais envolvidos, assim como a ligação estreita entre política e planejamento”.

2.5 PATRIMÔNIO E ARQUEOLOGIA

2.5.1 Arqueologia no Brasil

Antes de iniciarmos as discussões, vamos esclarecer algumas confusões comuns, que a maioria das pessoas fazem com relação à arqueologia. Primeiramente, sobre a imagem que se atribui a essa ciência – e principalmente em virtude da indústria cinematográfica, destaque para o personagem de Indiana Jones

– é que seus profissionais são aventureiros em busca de tesouros. Construiu-se uma imagem de que o arqueólogo tem um interesse exclusivo no artefato, e que em sua maioria possui um alto valor monetário. Para Scatamacchia (2005, p. 19), “a noção de arqueologia como uma aventura de caça ao tesouro, de busca de objetos exóticos, é uma noção equivocada”. No Brasil os artefatos confeccionados em cerâmica, lítico (pedra), vegetal, osso e concha, materiais que não possuem valor monetário, mas, poderão repassar informações importantes quando resgatados adequadamente através de métodos e técnicas da arqueologia. Trata-se de um trabalho minucioso, que durante as pesquisas de campo busca-se identificar e registrar todo o contexto em que o objeto encontra-se inserido. Um trabalho que poderá levar semanas, meses, até mesmo anos, deferente da maioria das representações cinematográficas. Segundo Scatamacchia (2005, p. 19), “toda ação praticada pelo homem envolve algum tipo de artefato e deixa algum tipo de marca no solo. Tais marcas podem ser resgatadas pelo arqueólogo por meio de métodos especiais de escavações”.

Outra confusão é a afirmação de que a Arqueologia estuda os dinossauros. A ciência responsável por estudar estes animais extintos é a Paleontologia. A Arqueologia estuda as sociedades humanas, através dos vestígios encontrados que podem ser fauna, plantas, lítico (rochas), entre outros, mas, sempre que associados aos grupos humanos.

A etimologia da palavra Arqueologia vem do grego *Archaios* = passado / antigo e, *Logos* = ciência / estudo. Podemos definir arqueologia como a ciência que estuda o passado das sociedades humanas através dos vestígios por elas deixados. Para reforçar essa temática vamos esclarecer alguns pontos. O objeto de estudo da Arqueologia são as sociedades humanas e o seu objetivo é compreender essas sociedades através dos vestígios materiais por eles deixados, seja do período pré-histórico ou histórico. Portanto, sítios arqueológicos são espaços físicos onde são encontrados os vestígios arqueológicos, que poderão ser terrestres ou subaquáticos.

Os primeiros estudos de vestígios arqueológicos no Brasil, segundo Prous (2006, p. 09), ocorreram em 1843, com o botânico Peter Wilhelm Lund, dinamarquês, também paleontólogo amador, em Lagoa Santa, em Minas Gerais. O pesquisador encontrou em cavernas ossos humanos junto a ossos de animais

desaparecidos. Prous (1992, p. 6) afirma que Lund pesquisou mais de 800 grutas nessa região, e descobriu ossos de animais fossilizados, preservados a milhares de anos. Fazia coleta desses materiais, descrevia-os, dando assim a conhecer numerosas espécies de uma fauna extinta. Lund também descreveu para europeus artefatos em pedra polida, afirmou que os montes de conchas (sambaquis) encontrados no litoral do Brasil, foram construídos pelos seus primeiros habitantes, auxiliando inclusive o reconhecimento desse tipo de sítio no norte da Europa (PROUS, 2006, p. 9).

Conforme Prous (1992, p. 7), o interesse de D. Pedro II pela antropologia contribuiu para a implantação das primeiras entidades oficiais destinadas a ter um papel relevante na arqueologia brasileira. D. Pedro II enriqueceu o Museu Nacional, onde estão depositadas coleções de material europeu e africano de algumas das primeiras escavações pré-históricas realizadas no mundo. Logo após a queda do Império, o Museu Paulista tornou-se o concorrente do Museu Nacional, enquanto Emílio Goeldi reorganizava o Museu Paraense, de Belém, o qual, mais tarde, seria sede dos estudos a respeito da arqueologia amazônica. Prous (2006, p. 10) afirma que “no final do século XIX, foram realizadas as primeiras escavações arqueológicas de Santa Catarina, por Von den Steinen, e em Sítios do Amapá por Emílio Goeldi”.

A pesquisa universitária, segundo Funari (2003, p. 26) passou a ser desenvolvida no Brasil após a Segunda Guerra Mundial. Prous relata que, inicialmente as pesquisas eram orientadas por franceses e norte-americanos. Posteriormente, “com programas independentes realizados pelos pioneiros formandos por esses mestres estrangeiros” (PROUS, 2006, p. 10).

Surge na década de 1960 o Programa Nacional de Pesquisa Arqueológica - PRONAPA, orientado por Betty Meggers e Clifford Evans, que visava apresentar um quadro preliminar da pré-história dos estados litorâneos, desde o Rio Grande do Sul até o Rio Grande do Norte. Apesar de várias críticas ao projeto, foi a partir dele que foram criadas as principais “Tradições” ceramistas até hoje conhecidas (PROUS, 2006, p. 10). A partir da década de 1980 cresce o número de pesquisadores no país, ainda que o mercado careça de profissionais, a maiorias dos trabalhos são realizados por equipes nacionais (PROUS, 2006, p. 11).

Com o passar do tempo, a pesquisa arqueológica teve seus métodos e teorias modificados. Hoje, pautada em teorias modernas que envolvem o processualismo e o pós-processualismo, temos novas maneiras de averiguar um vestígio e demais sítios arqueológicos.

A escavação é um trabalho lento, utiliza instrumentos como colheres de pedreiro, pincéis, espátulas. Tudo é minuciosamente observado, medido, descrito, desenhado e fotografado. São encontrados artefatos, restos de alimentação, ossos humanos. Através da análise de todos os vestígios encontrados, que o arqueólogo representa aspectos socioculturais, reconstituindo o cotidiano dos grupos que habitaram o local em questão.

A história do Brasil é dividida em dois períodos: pré-história e história (ou ainda pré-colonial e colonial). Este último é marcado pelo período anterior ou posterior à chegada do colonizador, oficialmente no ano de 1500. A pré-história é o período anterior à escrita, que pode variar, levando em consideração que a escrita desenvolveu-se em períodos diferentes no mundo, por isso este limite muda, de acordo com a formação histórica. Este pode variar entre 4000 a.C. (antes de Cristo) com registros escritos na Mesopotâmia e 1500 d.C (depois de Cristo) como é o caso do Brasil, data oficialmente reconhecida com a chegada dos colonizadores, que trouxeram a escrita para o país.

O litoral brasileiro era ocupado por um grupo chamado sambaquieiros, que desapareceram antes mesmo da chegada dos colonizadores. Era um grupo de pescadores-caçadores-coletores.

2.5.2 Cartas patrimoniais: patrimônio x preservação

Para a utilização do patrimônio arqueológico como atrativo turístico é de fundamental importância o planejamento e a gestão da atividade, pois é um ambiente frágil. Os impactos ao meio deverão ser minimizados para não colocarmos em risco um patrimônio que em sua maioria perdura há centenas de anos.

A ampliação dos indicadores exige mais do que um aumento quantitativo nas análises, mas particularmente, tal crescimento gera uma complexidade tão intensa dos processos de planejamento e gestão, que levam a criação

de parâmetros cada vez mais qualitativos, e, portanto mais humanos e flexíveis, amparados em valorações culturais. (ANJOS, 2004, p. 146)

Em se tratando da gestão do patrimônio arqueológico apresentaremos uma série de cartas, declarações, normas entre outras recomendações, produzidas a partir de discussões geradas em encontros realizados em várias partes do mundo, promovidas por entidades como a União das Nações Unidas pela Educação e Cultura - UNESCO, Organização dos Estados Americanos - OEA, Conselho Internacional dos Monumentos e Sítios - ICOMOS.

Na conferência geral da UNESCO realizada em Nova Déli em 5 dezembro de 1956, elaborou-se recomendações para as pesquisas arqueológicas; dentre elas: “cada Estado-membro deveria garantir a proteção de seu patrimônio arqueológico...” (IPHAN, 2004, p. 72). Destaca a importância de desenvolver ações educativas, com objetivo de instigar o respeito e a estima ao passado, bem como divulgação das pesquisas, criação de circuitos turísticos, exposições e conferências. Utilizando fontes bibliográficas com resultados obtidos em investigações científicas, além de desenvolver bibliografia de fácil leitura. Afirma que “os Estados-membros deveriam adotar todas as medidas necessárias para facilitar o acesso do público a esses sítios” (IPHAN, 2004, p. 74). Recomenda que “deveria ser criado junto aos sítios arqueológicos importantes, um pequeno estabelecimento de caráter educativo - eventualmente um museu – que permita aos visitantes compreender melhor o interesse dos vestígios que lhes são mostrados” (IPHAN, 2004, p. 74).

Pensando os sítios arqueológicos isoladamente essa recomendação seria inviável, pois são inúmeros os sítios arqueológicos existentes no Brasil. Mas, pensando em regionalização e integração, poderia ser sim, um objetivo tangível. Por exemplo, a região turística Encantos do Sul abriga um valioso patrimônio arqueológico pré-colonial, mas ainda carece de um espaço museológico, que evidencie a importância do patrimônio arqueológico regional. Na região encontramos muitas cidades com pequenos museus como podemos observar no quadro 03, alguns destes com acervos pré-históricos e históricos, coletado assistematicamente ou doado por alguns colecionadores, sem muitas informações. Iniciativas como forma de valorizar e sensibilizar a população para a preservação do patrimônio

arqueológico vem sendo desenvolvidas, principalmente através atividades educativas fomentada por escolas, universidades e grupos de pesquisa da região⁵.

Quadro 03: Museus existentes em Laguna e municípios vizinhos.

Cidade	Nome do museu	Status	Fundação	Tipologia do acervo
Imbituba	Museu da Baleia de Imbituba	Fechado	1992	Antropologia e etnografia; Arqueologia; Artes Visuais; Ciências Naturais e História Natural Imagem e Som.
	Museu da Freguesia de Mirim	Fechado	2005	não informado
Jaguaruna	Museu Cidade de Jaguaruna	Aberto	não informado	não informado
Laguna	Museu Anita Garibaldi	Aberto	não informado	Arqueologia; Artes Visuais; História; Imagem e Som.
	Casa de Anita	Aberto	não informado	Artes Visuais; História.
Tubarão	Museu Ferroviário de Tubarão	Aberto	1996	Artes visuais; Ciência e tecnologia; História; Som.
	Museu Willy Zumblick	Aberto	2000	Artes visuais.
	Museu Universitário Walter Zumblick	Fechado ⁶	1995	Antropologia e etnologia; Arqueologia; Artes visuais; Ciências Naturais e História Natural; Ciência e tecnologia; História; Som; Visual.

Fonte: IBRAM, 2011.

No ano de 1962, em Paris, na conferência geral da UNESCO, elaborou-se as recomendações para a salvaguarda da beleza e do caráter das paisagens e sítios. Relativo às medidas de salvaguarda afirma que esta deverá ser assegurada com o auxílio dos seguintes métodos:

- a) controle geral por parte das autoridades competentes;

⁵ Destacamos o Grupo de Pesquisa em Educação Patrimonial e Arqueologia - GRUPEP – Arqueologia / UNISUL, que atua desde o ano 2000 na região. Suas atividades visam a sensibilização da população para preservação do patrimônio arqueológico. Recebe visitante (público em geral) e principalmente estudantes, que recebem informações referentes aos grupos pré-históricos que ocuparam a região e as pesquisas desenvolvidas pelo grupo. Participam de visitas monitoradas ao laboratório de arqueologia e sítios arqueológicos, oficinas, palestras, entre outros eventos. O grupo desenvolve pesquisa relacionada à arqueologia terrestre e subaquática.

⁶Segundo o Guia dos museus brasileiros, o Museu Universitário Walter Zumblick encontra-se aberto, mas *in loco* constatamos que ele está fechado, sem data para abertura.

- b) inserção de restrições nos planos de urbanização e no planejamento em todos os níveis: regional, rural ou urbano;
- c) proteção legal, “por zonas”, das paisagens extensões;
- d) proteção legal dos sítios isolados;
- e) criação e manutenção de reservas naturais e parques nacionais;
- f) aquisição de sítios pelas coletividades públicas”. (IPHAN, 2004, p. 85)

Enfatiza a importância da educação patrimonial, com ação educativa desenvolvida, “dentro e fora das escolas, para despertar e desenvolver o respeito do público pelas paisagens e sítios e para tornar mais conhecidas as normas editadas para garantir sua salvaguarda”. (IPHAN, 2004, p. 89) Fala da importância da preparação do educador, que deverá ser específica, focada na temática, igualmente enfatizam educação do público fora da escola. No documento afirmam que a trabalho de sensibilização do público em geral “deveria ser tarefa da imprensa, das associações privadas de proteção das paisagens e dos sítios ou de proteção da natureza, dos órgãos encarregados do turismo e das organizações de juventude e educação popular”. (IPHAN, 2004, p. 89)

Em maio de 1964, no encontro do ICOMOS, formulou-se o documento chamado Carta de Veneza (local onde se realizou o encontro), que define monumentos como:

Portadores de mensagem espiritual do passado, as obras monumentais de cada povo perduram no presente como o testemunho vivo das suas tradições seculares. A humanidade, cada vez mais consciente da unidade dos valores humanos, as considera um patrimônio comum e, perante as gerações futuras, se reconhece solidariamente responsável por preservá-las, impondo a si mesma o dever de transmiti-las na plenitude de sua autenticidade. (IPHAN, 2004, p. 91)

Em seu Art. 14 versa sobre a preservação dos sítios monumentais e afirma que “devem ser objeto de cuidados especiais que visem a salvaguardar sua integridade e assegurar seu saneamento, sua manutenção e valorização.” (IPHAN, 2004, p. 94)

A OEA, em seu encontro no ano de 1967, apresenta as Normas de Quito, uma reunião sobre conservação e utilização de monumentos e sítios de interesse

histórico e artístico. O documento destaca a importância da preservação do patrimônio e sua valorização econômica.

A Europa deve ao turismo, direta e indiretamente, a salvaguarda de uma grande parte de seu patrimônio cultural, condenado à completa e irremediável destruição, e a sensibilização contemporânea, mais visual que literária, tem oportunidade de se enriquecer com a contemplação de novos exemplos da civilização ocidental, resgatados tecnicamente graças ao poderoso estímulo turístico. (IPHAN, 2004, p. 113)

No que tange à valorização econômica dos monumentos de interesse arqueológico, histórico e artístico consideram estes importantes recursos, tanto quanto os patrimônios naturais. Enfatizam: “conseqüentemente, as medidas que levam a sua preservação e adequada utilização não só guardam relações com os planos de desenvolvimento, mas fazem ou devem fazer parte deles”. (IPHAN, 2004, p. 109)

Recomenda “... mobilizar esforços nacionais no sentido de procurar o melhor aproveitamento dos recursos monumentais de que se disponha, como meio indireto de favorecer o desenvolvimento econômico do país” (IPHAN, 2004, p. 110). Incentiva a utilização do patrimônio para fins econômico, mas, enfatizam a importância de que, só deverá acontecer posteriormente a uma atividade “prévia de planejamento em nível nacional, ou seja, a avaliação dos recursos disponíveis e a formulação de projetos específicos dentro de um plano de ordenação geral” (IPHAN, 2004, p. 110).

Afirma que a importância de um patrimônio cultural não se perde, nem se compromete ao atrelar-se ao turismo. Pelo contrário, se a utilização for planejada de maneira sustentável, “a maior atração exercida pelos monumentos e a influência crescente de visitantes contribuem para afirmar a consciência de sua importância e significação nacionais” (IPHAN, 2004, p. 112). Segundo o IPHAN (2004, p. 112), a utilização com fins econômicos de um monumento ou conjunto urbano, desde que, desenvolvido com medidas que primam por sua integridade, “constituem não só uma lição viva de história como uma legítima razão de dignidade nacional”.

Os patrimônios culturais que fazem ou farão parte da atratividade turística deverão receber recursos financeiros suficientes para sua adequação – considerando que a atividade já tenha elaborado um planejamento prévio do desenvolvimento sustentável - e monitoramento. Deverá ser esta a contrapartida

pela utilização do patrimônio para fins turísticos, atendendo a todas as exigências legais, entre outras, que venha garantir a salvaguarda do monumento. Muitas organizações vislumbram no turismo uma forma de valorizar o patrimônio, buscando sensibilizar a população para a preservação do patrimônio.

A Conferência das Nações Unidas sobre Viagens Internacionais e Turismo (Roma, 1963) não somente recomendou que se desse alta prioridade aos investimentos em turismo dentro dos planos nacionais, como fez ressaltar que, “do ponto de vista turístico, o patrimônio cultural, histórico e natural das nações, constitui um valor substancialmente importante”; e que, em conseqüência, seria urgente “a adoção de medidas adequadas dirigidas a assegurar a conservação e proteção desse patrimônio”. (IPHAN, 2004, p. 113)

Em um estudo desenvolvido conjuntamente entre a UNESCO e a União Internacional de Organizações Oficiais de Turismo, destaca dois pontos importantes: “a) a afluência turística determinada pela revalorização adequada de um monumento assegura a rápida recuperação do capital investido nesse fim”, lembramos que a atividade salvar o patrimônio, pautada em um planejamento para o desenvolvimento da atividade; “b) a atividade turística que se origina da adequada apresentação de um monumento e que, abandonada, determinaria a sua extinção, traz consigo uma profunda transformação econômica da região em que esse monumento se acha inserido”. (IPHAN, 2004, p. 114)

O estudo da UNESCO também definiu que a utilização dos monumentos artísticos e históricos de maneira adequada, necessita primeiramente o desenvolvimento de iniciativas e esforços de caráter cultural e econômico-turístico. “Na medida em que esses interesses coincidentes se unam e se identifiquem, os resultados perseguidos serão mais satisfatórios”. (IPHAN, 2004, p. 116)

Afirma que “a valorização da riqueza monumental só poderá ser levada a efeito dentro de um quadro de ação planejada, quer dizer, na conformidade com um plano diretor de alcance nacional ou regional”. Portanto, é indispensável a integração dos projetos com planos diretores existentes na cidade ou na região a qual esteja inserido. Quando não houver um plano, é necessário a elaborá-lo, objetivando estabelecer a atividade de forma adequada. (IPHAN, 2004, p. 117) Será importante a cooperação dos interesses privados (principalmente das comunidades circunvizinhas) e o respaldo da opinião pública - são indispensáveis para o

realização de qualquer projeto de valorização do patrimônio. “Nesse sentido, deve-se ter presente, durante a sua formulação, o desenvolvimento de uma campanha cívica que possibilite a formação de uma consciência pública favorável”. (IPHAN, 2004, p. 118)

A pesquisa que salienta que “a valorização de um monumento ou conjunto urbano de interesse ambiental é o resultado de um processo eminentemente técnico [...]”, em consequência disso deverá ser executado por um órgão de caráter especializado, que centralize todas as atividades, primando pela integridade do patrimônio. (IPHAN, 2004, p. 121)

Em geral, todo projeto de valorização envolve problemas de caráter econômico, histórico, técnico e administrativo. Os problemas técnicos de conservação, restauração, reconstrução viriam segundo a natureza do bem cultural. Os monumentos arqueológicos, por exemplo, exigem a colaboração de especialista na matéria. (IPHAN, 2004, p. 121)

A Carta de Lausanne, que tinha como foco a proteção e a gestão do patrimônio arqueológico, enfatiza que esse monumento é um recurso frágil e sobretudo não renovável. “Os planos de ocupação do solo decorrentes de projetos desenvolvimentistas devem, em consequência, ser regulamentados, a fim de minimizar, o mais possível, a destruição desse patrimônio”. (IPHAN, 2004, p. 304)

Segundo a carta, o monumento arqueológico é um bem de todos e é obrigação moral de todo ser humano protegê-lo. Aos países cabe assegurar e disponibilizar recursos financeiros suficientes para a sua proteção. (IPHAN, 2004, p. 305) O desenvolvimento desordenado ainda configura grande ameaça a preservação do patrimônio arqueológico, cabe ao poder público coibir e estimular o desenvolvimento de maneira planejada, para não comprometer o patrimônio cultural e natural. “A proteção do patrimônio arqueológico constitui processo dinâmico permanente. Por conseguinte, todas as facilidades devem ser concedidas aos profissionais trabalhando nessa área, a fim de permitir sua permanente reciclagem”. (IPHAN, 2004, p. 309)

Em sua IX Assembléia Geral do ICOMOS, em 9 de outubro de 1996, é redigida a Declaração de Sofia.

As atividades turísticas, por outro lado, não podem pretender utilizar o patrimônio assegurando apenas o respeito ao significado e à sua

mensagem. Para que esta fruição seja viável e válida, serão necessários sempre estudos analíticos e inventários completos, com o objetivo de explicar os diversos significados do patrimônio no mundo contemporâneo e justificar as novas modalidades de uso a que se propõem (...) E, sem dúvida, antes de as atividades turísticas serem supervalorizadas, arriscando-se a transformá-la em ameaça à integridade das substâncias do patrimônio cultural, levar-se-á em conta, e cada vez mais, a relação e a comunidade que o herdou. Convém acrescer que esta relação integra o conjunto dos elementos históricos, espirituais e afetivos existentes na raiz das transformações sociais. (IPHAN, 2004, p. 356)

Para a declaração o processo de desenvolvimento do turismo cultural deverá garantir a participação da sociedade civil, juntamente com ações das autoridades políticas e administrativas, primando pela preservação e desenvolvimento sustentável dos recursos culturais e naturais. (IPHAN, 2004, p. 356)

2.6 TURISMO ARQUEOLÓGICO E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

O Arqueoturismo ou Turismo Arqueológico é uma vertente do turismo cultural, utiliza como atrativo turístico sítios arqueológicos. “El interés que la comunidad mantenga en la protección de sus recursos estará directamente relacionado con la existencia de dichos recursos, y por lo tanto del desarrollo turístico, en tiempos futuros” (MONTERRUBIO-CORDERO, 2009, p. 107).

Manzato (2005 *apud* MANZATO 2007, p. 4) descreve que:

Turismo Arqueológico ou Arqueoturismo consiste no deslocamento de visitantes a locais denominados sítios arqueológicos, onde são encontrados os vestígios remanescentes de antigas sociedades, sejam elas pré-históricas ou históricas, passíveis de visitação terrestre e/ou aquática.

As viagens motivadas pela busca de um crescimento do conhecimento cultural já ocorrem desde o século XVII. Rodrigues *apud* Funari (2001, p.15) afirma que:

[...] as boas famílias mandavam seus filhos completarem a educação com viagens nas quais aprendiam línguas e costumes de outros povos, compravam obras de arte e visitavam os monumentos da Antigüidade, como o fórum, em Roma.

A cultura já era um agente impulsionador das viagens desde muito antes do desenvolvimento organizado do turismo. Este segmento turístico utiliza como atrativo sítios arqueológicos e deverá alcançar alguns aspectos como: a proteção dos recursos; a valorização econômica; a participação da população local; o turismo como ferramenta de conservação e preservação. Diferentemente do comum observado no país, com a maioria dos produtos turísticos, este segmento não pode carecer de qualificação, para um correto desenvolvimento, deverá ser monitorado, norteado por um planejamento e que vise desenvolvimento de estratégias para o fortalecimento deste segmento, esta atividade será um meio de promoção e preservação, de toda esta cultura evidenciada.

Uma das ações que deverá ser implementada é a Educação Patrimonial, voltada para a população e visitantes, visando sensibilizá-los para a preservação do patrimônio arqueológico. O Projeto Arqueológico Camacho, a partir do ano de 1999, desenvolveu uma série de atividades de Educação Patrimonial, em escolas dos municípios de Laguna, Jaguaruna e Tubarão, além da população em geral e professores. Durante as atividades de campo, foram promovidas atividades de monitoramento no local da pesquisa, os visitantes tinham a oportunidade de conhecer de perto a pesquisa arqueológica. Também foram desenvolvidas atividades como, oficinas e a exposição itinerante intitulada “Educação Patrimonial, Arqueologia e Preservação dos Sambaquis no Sul de Santa Catarina – Brasil”. (FARIAS; GASPAR; DE BLASIS, 2005, p. 55). Um fato importante, pois nem sempre há uma interação entre a população e pesquisadores. Farias, Gaspar e De Blasis (2005, p. 55) afirmam que “a partir daí, tentamos transmitir informações sobre arqueologia para o público leigo através da metodologia da Educação Patrimonial”.

As palestras realizadas concentraram-se na discussão sobre o sambaqui, “quem vivia nele, como viviam, que tipo de tecnologia desenvolviam como foi construído”. Instigavam os participantes a refletir sobre a vida dos sambaquieiros, posteriormente realizavam visitas a escavação (FARIAS; GASPAR; DE BLASIS, 2005, p. 56).

A Educação Patrimonial só terá êxito se houver aproximação e identificação do objeto (patrimônio) e sujeito, propiciada através de um trabalho de valorização dessas culturas. Foi esse o objetivo da exposição itinerante “*Educação Patrimonial, Arqueologia e Preservação dos Sambaquis no Sul de Santa Catarina – Brasil*”, cujo espaço interativo levou a comunidade

escolar a conhecer a trajetória dos povos sambaqueiros. (FARIAS; GASPAR; DE BLASIS, 2005, p. 59).

Segundo Yazigi (2009, p. 336), “o Brasil possui cerca de vinte mil sítios arqueológicos”. “A arqueologia se destaca com o papel de revelar os fundamentos da construção identitária do Brasil, que permanece longe de ter sido concluída” (YAZIGI, 2009, p. 345).

Quanto ao manejo de um sítio arqueológico aberto ao público, Yazigi afirma:

(...) implica em grande responsabilidade por parte de instâncias governamentais, institucionais, profissionais e sociais. Entre outras diligências, é preciso contar com monitoria gabaritada, capaz de proporcionar processos educativos de alta qualidade, pois, ao contrário de outros lugares turísticos, essa prática é própria de segmentos mais cultos ou em processo educacional escolar. (2009, p. 336).

Gomes *apud* Funari (2001, p.28) cita o México como um exemplo do desenvolvimento da relação entre turismo e museus:

(...) Os sítios arqueológicos monumentais, verdadeiros museus a céu aberto, são, de longe, o principal atrativo de uma indústria turística geradora de milhões de dólares. Qualquer roteiro que passe pela Cidade do México inclui uma visita obrigatória ao Museu Nacional de Antropologia, ao Museu do Templo Maior, às ruínas de Teotihuacán, bem como ao museu que exhibe os achados das escavações realizadas neste sítio.

Para Yazigi (2009, p. 346), “a bibliografia brasileira relativa à correlação entre turismo e arqueologia é ainda muito limitada, apesar de sítios arqueológicos acenarem com grandes possibilidades de diversificação da oferta cultural”.

A grande idéia desta vertente do turismo cultural é contar com o desenvolvimento da atividade turística com agente que promova e preserve os sítios arqueológicos que existem ainda hoje no município, divulgando toda essa cultura que foi produzida e que está sendo desvendada através dos achados deixados por essa civilização. Esse segmento se realiza quando o turista é motivado a se deslocar com o objetivo de estar visualizando, os vestígios que podem ser considerados particularidades da cultura em questão.

3 O MUNICÍPIO DE LAGUNA

3.1 GRUPOS PRÉ-HISTÓRICOS QUE HABITARAM O LOCAL DE PESQUISA

É muito comum ouvirmos falar que a história do Brasil inicia em 22 de abril de 1500, com a chegada dos “descobridores”, remetendo-se apenas ao período histórico de nosso país. Felizmente, essa é uma ideia que está sendo desconstruída, subsidiada principalmente pela arqueologia⁷. Através das evidências encontradas pela arqueologia, podemos afirmar que a ocupação de grupos humanos no Estado de Santa Catarina se deu em tempos mais distantes. O Estado foi densamente ocupado e os vestígios destas ocupações são encontrados em quase todos os municípios. Lembramos que a falta de registro de sítios arqueológicos em uma dada área não significa propriamente sua inexistência, esta situação ocorre, sobretudo, devido a falta de pesquisa no local.

Os resultados obtidos com as pesquisas arqueológicas apontam a migração de várias levas humanas, que alcançaram o sul do país durante longos períodos. Farias e Kneip (2010, p.15) afirmam que a primeira teria chegado por volta de 12.000 A.P.⁸, ocuparam o interior, próximas a grandes recursos hídricos, nas áreas de várzeas. Mantiveram uma estabilidade tecnológica ao refletir comportamentos relacionados aos caçadores-coletores até cerca de 1.000 anos A.P. Os caçadores-coletores são apontados como o primeiro grupo a ocupar o território catarinense. Estabeleceram-se no Vale do Rio Uruguai e são conhecidos com a nomenclatura de Tradição⁹ Umbu e Humaitá.

Por volta de 8.500 anos A.P. chegam os pescadores-caçadores-coletores, construtores de sambaquis, ocuparam o litoral catarinense, possuíam uma cultura bastante estável, utilizavam os recursos litorâneos. Estes sítios são abundantes na região litorânea, se destacam na paisagem devido a sua formação monticular.

Outros grupos chegam após os sambaquieiros. São os ceramistas Jês (Xokleng e Kaingang), há aproximadamente 1000 A.P. Primeiro ocuparam o

⁷Ciência que busca compreender as sociedades humanas a partir dos vestígios da cultura material.

⁸Anos A.P. significa antes do presente. O presente refere-se ao ano de 1950, quando foi descoberto o método de datação absoluta do carbono 14 (C14).

⁹ O conceito entendido neste trabalho trata-se ao estabelecido por Chmyz (1967), em que tradição representa um “grupo de elementos ou técnicas que se distribuem com persistência cultural”, o que seria a definição da arqueologia para um determinado conjunto tecnológico.

planalto, depois migraram para as áreas de encosta e litoral. Sua principal evidência no planalto são as casas subterrâneas, também chamadas de estruturas subterrâneas, conhecidas pelas depressões com formato circulares. Na área de encosta são atribuídas a estes grupos as manchas escuras no solo, são evidências de fogueira e produção de artefatos. Na parte litorânea foram encontrados locais cerimoniais, como cemitérios.

Derradeiramente, chegam os grupos Tupi-guarani, por volta de 700 A.P. Migraram de regiões amazônicas e ocuparam o litoral, meio-oeste e extremo oeste catarinense, onde estabeleceram grandes aldeias. Suas evidências são manchas escuras e principalmente vestígios de grandes vasilhas cerâmicas decoradas.

As pesquisas arqueológicas mostram que o Estado foi intensamente ocupado por grupos distintos, fazendo parte da construção da história catarinense. Essas populações não poderão ser caracterizadas por uma homogeneidade cultural. Eram grupos distintos, se diferenciavam por sua organização sócio-cultural, bastante diversa, não se adequando a ideia de unidade cultural propagada em veículo de comunicação e até nos livros escolares. As pesquisas indicam que esses grupos que habitaram o estado em tempos pretéritos, se caracterizavam por sua diversidade cultural.

Neste cenário apresentaremos um pouco de cada uma dessas culturas a partir de dados produzidos pelas pesquisas arqueológicas desenvolvidas no Estado de Santa Catarina.

3.1.1 Caçadores-coletores

As principais evidências deixadas por esses grupos são principalmente artefatos líticos¹⁰, que foram vinculados pelos pesquisadores a duas tradições tecnológicas: Umbu e Humaitá.

Prous (1992, p. 149) distinguiu a Tradição Umbu pela presença de pontas de projétil, de produção lítica com lascas retocadas, com artefatos *bifaces*. A ocupação se deu em regiões de campos, esporadicamente ocupando as áreas de encosta do planalto e o litoral. A tradição Humaitá se caracteriza com artefatos sobre

¹⁰ Artefatos (objetos) confeccionados em rochas.

seixos, com pouco aprimoramento sobre o material produzido. Prous (2006, p. 48) diz que não possuíam pontas de flechas (em lítico), isso não significa que não utilizassem esses artefatos, poderia estar utilizando outra matéria-prima mais perecível, como a madeira. Seus artefatos líticos eram lascados de basalto e arenito silicificado, com tamanhos grandes e maciços. Para Hoeltz (2004) *apud* Farias (2005, p.54), “essa constatação nos faz pensar que grupos etnicamente semelhantes que viviam em ambientes diferentes, produziam seus artefatos conforme a disponibilidade de matéria-prima”. Esses grupos habitavam tanto abrigos fechados, quanto áreas abertas. Os sítios estão localizados próximos a recursos hídricos como: arroios, rios, banhados e lagoas.

Atualmente, dois grandes projetos acadêmicos são desenvolvidos na região da encosta em Santa Catarina. Um deles o é projeto *AMA – Arqueologia na Mata Atlântica*, que tem como área de pesquisa a região da AMUREL, desenvolvido por Farias e equipe, desde 2003, e o *Projeto Taió*, no Alto Vale do Itajaí, por Schmitz e equipe, desde 2004.

Nos anos de 2005, 2006, 2007 e 2008, Farias identificou e escavou diversos sítios caçadores-coletores nos municípios da AMUREL. Foram encontradas evidências de assentamentos desses grupos nos municípios de Armazém, São Martinho, Santa Rosa de Lima, Braço do Norte, Rio Fortuna, Pedras Grandes, Grão Pará, Jaguaruna, Treze de Maio e Tubarão. Essas localidades fazem parte da região turística Encantos do Sul, cujo espaço geográfico está inserido na área de encosta, com uma biodiversidade significativa. A pesquisadora também avançou suas busca em municípios como: Angelina e Major Gercino, localizados no centro-norte do Estado; e em outros, situados ao sul, como Urussanga e Maracajá; em ambos foram encontrados evidências de ocupação por grupos caçadores-coletores.

A área de pesquisa definida pelos pesquisadores se caracteriza por uma zona de transição, com diversas formações florestais ao longo de grandes rios e próximo ao oceano Atlântico. Essas formações são um desdobramento da Floresta Ombrófila Densa¹¹, que sofre modificações na sua fitofisionomia com as alterações

¹¹ A Floresta Ombrófila Densa recebe denominações diferenciadas conforme sua cota altimétrica. A altitude define algumas comunidades fitoecológicas que, em muitos casos, se entremeiam. Então, em altitudes de até 30m ocorre a Floresta Ombrófila Densa (FOD) de Terras Baixas, de 30 a 400m, a FOD

de altitude (FARIAS e KNEIP, 2010, p. 8). Farias (a partir de 2005) afirma que esse ambiente diversificado propiciou aos grupos pré-históricos um espaço de relativa abundância de alimentos, realizando, portanto, um processo de ocupação contínua, onde forrageadores transitariam, num movimento tanto horizontal quanto vertical, e retirariam desse ambiente o necessário à sua subsistência. Estabeleceu, ainda dentro de uma perspectiva regional, um modelo de mobilidade/estabilidade, transição/permanência, contato/ausência, de contato entre os grupos que viviam em locais próximos, além de avaliar o padrão de subsistência com recursos vegetais e animais disponíveis na Floresta Ombrófila Densa.

Através dos resultados da análise dos materiais arqueológicos resgatados, a pesquisadora e equipe inferiram que a matéria-prima básica para a produção de artefatos líticos existe em grande quantidade na área, mas, segundo análises é de baixa qualidade. Quanto a matéria-prima é encontrada rochas como: quartzo e a calcedônia (mais abundantes), além de granito, gnaisse e micaxisto. Os dois primeiros são utilizados na manufatura de artefatos mais elaborados, e os outros para a confecção de artefatos mais brutos, exigindo pouco gasto de energia por parte do artesão.

As evidências são encontradas em locais favoráveis ao assentamento do grupo junto a áreas com recursos vegetais, minerais e animais variados, próximos de córregos e arroios. Estas escolhas demonstram que eles conheciam os melhores pontos e, portanto, optavam por esses locais para a organização de seus acampamentos. Esse era o padrão utilizado por eles em todo o território que circulavam. Farias e equipe propõe que a encosta possuía uma função estratégica na subsistência do grupo, desconstruindo a ideia de que a encosta seria um local apenas de passagem, para grupos do litoral acessar o planalto e *vice-versa*. Localizada entre o litoral e o planalto, é um ambiente relevante para a habitação e as estratégias de sobrevivência dos grupos. Vários deles, caçadores-coletores e ceramistas, provavelmente, circulavam nesses ambientes, aproveitando os recursos de fauna e flora, fartas na região. A floresta fornecia alimentos em abundância, como o palmito, um recurso que poderia ser coletado durante todo o ano.

Submontana, de 400 a 800m a FOD Montana e em altitudes superiores a 800m, encontramos a FOD Alto-montana. (FARIAS, 2010, p. 8)

Farias indica que os sítios pesquisados na encosta seriam atrelados à cultura pré-ceramista, visto que, possuíam material lítico relacionados a ela. As datas encontradas informaram que ocorreu algum tipo de interação entre os grupos Jê e os caçadores-coletores.

As pesquisas desenvolvidas por Schmitz e equipe no Alto Vale do Itajaí apontaram para um processo de ocupação bem remoto, com datas acima de 8.000 anos A.P. Farias (2005) obteve datas para a encosta que oscilam entre 1100 e 430 anos A.P. nos sítios escavados sugere possível contato entre grupos caçadores-coletores e ceramistas. Afirma ainda que, “as datas apresentadas por Schmitz demonstram uma ocupação mais antiga relacionada a grupos caçadores-coletores com tecnologia de lascamento Umbu” (FARIAS e KNEIP, 2010)

3.1.2 Os pescadores-caçadores-coletores

O litoral sul catarinense foi intensamente ocupado por pescadores-caçadores-coletores que tinham como principal característica cultural a construção de grandes montes de conchas, conhecidos como sambaquis (figura 08). Esses sítios arqueológicos geraram discussão por muito tempo. Duas correntes movimentavam a discussão, a naturalista e artificialista. Os naturalistas justificavam o surgimento dos sambaquis por fatores naturais, como o recuo do mar e ação eólica, ou ainda, formado a partir do dilúvio bíblico, justificando assim a grande quantidade de esqueletos humanos. A segunda tendência explicava que sua formação ocorreu pela ação antrópica, devido a indolência dos grupos indígenas, que amontoavam grande quantidade de restos alimentares, formando grandes lixões.

Farias e Kneip (2010, p.16) afirmam que:

Essa discussão durou mais de 50 anos e os pesquisadores e naturalistas conseguiram entrar em consenso, definindo a corrente mista, que considera os sambaquis uma mistura das duas causas citadas. Ela defende a combinação entre vestígios naturais e culturais, ou seja, as populações pré-históricas teriam construído o sambaqui sobre um terraço natural.

Estes sítios são alvo de pesquisa há muitos anos. Os estudos mais recentes estão concentrados no litoral norte, no município de Joinville, em

Florianópolis e no litoral sul - nos municípios de Tubarão, Laguna, Capivari de Baixo, Treze de Maio e Jaguaruna.

Figura 08: Sambaqui do Ipoã



Fonte: acervo do autor

Desde 1945, os sambaquis do município de Joinville já haviam sofrido alguma intervenção arqueológica. Um pesquisador que atuou na região foi Guilherme Tiburtius, inicialmente coletava e catalogava os artefatos de sambaquis, posteriormente passou a escavá-los.

As ações de Tiburtius correspondiam aos episódios de destruição desses sítios, pois, não havia até o ano de 1960, leis de proteção destes patrimônios. Inclusive essas ações de desmonte de sambaquis eram praticados pelo poder público.

O pesquisador estudou intensamente os sambaquis da região; alguns foram inteiramente escavados, outros parcialmente. Em 1964, foram realizadas oito escavações no sambaqui de Enseada com intervalos, os vestígios encontrados eram registrados em desenhos e croquis minuciosos.

No município de Joinville, Tiburtius estudou o Sambaqui Morro do Ouro com importantes descobertas. Prous (1977) relata que os sepultamentos possuíam, em sua maioria, mobiliário funerário, bastante significativo com adornos, que

normalmente acompanhavam as crianças. Além disso, foram descobertos dois zoólitos¹² – um pássaro com asas abertas e uma representação de mamífero deitado, adornos de todo tipo de material, desde líticos, ósseo e dentes de animais marinhos e terrestres.

Figura 09: Zoólito com forma de peixe



Fonte: acervo GRUPEP – Arqueologia / UNISUL

Figura 10: Zoólito com forma de mamífero aquático.



Fonte: acervo GRUPEP – Arqueologia / UNISUL

Figura 11: Escavação arqueológica no Sítio Cabeçadas I



Fonte: acervo GRUPEP – Arqueologia / UNISUL

Figura 12: Sítio sambaqui da região do Farol de Santa Marta



Fonte: acervo GRUPEP – Arqueologia / UNISUL

Farias e Kneip (2010) enfatizam que Tiburtius deixou um legado arqueológico de extrema importância para a cidade de Joinville, que soube aproveitar o seu trabalho, valorizando-o através da criação do Museu Arqueológico do Sambaqui de Joinville - MASJ.

Posteriormente, outros arqueólogos escolheram a região de Joinville para desenvolver as suas pesquisas. Na década de 1960, Walter Piazza estudou o

¹²Esculturas entalhadas em pedras com formas zoomórficas.

sambaqui de Espinheiros I. No ano de 1994, um projeto de salvamento arqueológico foi realizado no Sambaqui Espinheiros II, executado pela equipe do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP – MAE e do Museu Arqueológico do Sambaqui de Joinville. A pesquisa foi coordenada por Afonso e DeBlasis (1994).

A intervenção ocorreu devido ao rápido crescimento da cidade, e a ocupação das regiões periférica, onde estavam localizados os sambaquis. Os pesquisadores constataram que o sítio já estava sendo destruído, o material estava sendo extraído para a utilização como material de aterro. O projeto possibilitou a pesquisa e resgate de parte das evidências arqueológicas.

O estudo focou a formação do sítio e o estudo estratigráfico, de onde se avaliaria o ritmo de acumulação de moluscos, bem como os processos culturais que dimensionaram e diferenciaram cada camada.

Com a análise dos resultados da escavação, os arqueólogos constataram a presença de um espaço ordenado que fora habitado pelos sambaquieiros, confirmando que os sambaquis foram construídos de forma planejada, como afirmam Gaspar, DeBlasis (1992), Figuti (1993), Barbosa, Gaspar, Barbosa (1994), Afonso, DeBlasis (1994).

No sul do Estado, os sambaquis foram pesquisados sistematicamente a partir da década de 1950 por Luis de Castro Faria (1955), João Alfredo Rohr (1961 em diante), Walter F. Piazza (1966a, 1966b e 1967), Anamaria Beck (1971) e Wesley R. Hurt (1968). Muitos dos trabalhos que foram desenvolvidos na região resultaram em uma coleta sistemática de dados e comparação com outros resultados alcançados em diferentes regiões litorâneas de Santa Catarina (BECK, 1971, p. 69).

Os sítios sambaquis localizados no litoral sul catarinense, bem como no norte, foram intensamente minerados pela indústria caieira (na figura 13 podemos visualizar um sambaqui sendo minerado) e utilização do material como base em aterros. A atuação de João A. Rohr foi fundamental para a preservação de grande parte dos sambaquis que permanecem ainda hoje na região. Em suas vistorias denunciava qualquer tipo de vandalismo e depredação ao IPHAN, inclusive recriminando diretamente os autores desse tipo de ação, relatam moradores que conheceram o trabalho do pesquisador na região. Foi responsável pelo cadastro de

mais de 50 sítios arqueológicos na região de Jaguaruna, dos quais, 30 são sambaquis (ROHR, 1969, p. 4).

Figura 13: Sambaqui minerado na localidade de Campos Verdes, em Laguna



Fonte: acervo desconhecido.

Rohr descreve sítios com até 70 metros de altura e tendo dimensões de 300 a 400 metros de comprimento e largura, como os sambaquis da Ponta da Garopaba do Sul, em Jaguaruna, e o Carniça, em Laguna.

Visitamos Jaguaruna, pela primeira vez, em 1961 e jamais esqueceremos o impacto que, na ocasião, nos causaram os gigantescos sambaquis da região que, pelo seu número e, particularmente, pelo seu tamanho, permitem aquilatar, de alguma maneira, o poderio humano que, em tempos idos, campeava naquelas paragens. (ROHR, 1969, p.1)

Nas década de 1970, Beck desenvolveu uma pesquisa no litoral sul, em sambaquis da região de Laguna. O projeto tinha por objetivo “(...) determinar o conteúdo cultural dos Sambaquis e suas variações entre as três Regiões do litoral, onde se desenvolve o Projeto (...)” (BECK, 1971, p. 69). A pesquisadora dividiu o projeto em três sub-projetos, um destes tinha como área de estudo o litoral de Laguna e os outros dois o litoral de Florianópolis e Joinville.

Na região de Laguna foram pesquisados sambaquis com evidências culturais muito significativas que apresentaram artefatos líticos – polidos, picoteados,

lascados, e com técnica mista. No sítio Congonhas I, no município de Tubarão, foi resgatada uma peça importante, um “prato lítico” polido. A técnica de lascamento foi pouco encontrada na região. A respeito desta constatação, Beck (1971, p. 73) infere duas hipóteses: a falta de conhecimento dessa técnica ou a ausência de matéria-prima apropriada para este tipo de trabalho. No entanto, a pesquisadora não conseguiu averiguar com exatidão a tipologia lítica para os sambaquis da região de Laguna. Embora em pouca quantidade, constatou-se a presença de artefatos confeccionados com materiais ósseos e conchíferos. Beck (1971) promoveu ainda uma pesquisa bioantropológica, foram exumados muitos esqueletos com acompanhamento funerário, como artefatos líticos, artefatos de ossos e conchas, corantes e sepulturas de argila. Concluiu que estes grupos pescadores-coletores-caçadores do litoral sul fazem parte do mesmo horizonte cultural, afirmou que os sambaqueiros alimentavam-se de moluscos, em virtude do grau de abrasão dentária verificada nos indivíduos. Mais tarde, essas afirmações foram desconstruídas, como veremos adiante.

Há mais de 15 anos os sambaquis da região sul vêm sendo estudados conjuntamente por equipes de arqueólogos advindos do MAE/USP, MN/UFRJ, GRUPEP-Arqueologia/UNISUL, Universidade Federal de Tocantins e Universidade do Arizona, coordenados por Paulo DeBlasis e Madu Gaspar.

Intitulado *Sambaquis e Paisagem: modelando a interrelação entre processos formativos culturais e naturais no litoral sul de Santa Catarina*, o projeto, que é interdisciplinar, tem como foco o estudo de maneira integrada dos processos de ocupação pré-colonial do litoral sul de Santa Catarina, com ênfase nas sociedades sambaqueiras, integrando-as na evolução dos cenários naturais da região (DEBLASIS, 2005).

Com ele, os pesquisadores buscam compreender como as sociedades sambaqueiras transformaram essa área em seu território por mais de 5.000 anos, produzindo fortes mudanças na paisagem litorânea que podem ser vistas até hoje através dos sambaquis.

A pesquisa está subdividida em diferentes áreas de investigação (geológica, antracológica, zooarqueológica, geofísica, biológica e aspectos regionais e intra-sítio de investigação arqueológica), compondo, metodologicamente, uma

abordagem sistêmica, multifacetada e multidisciplinar, organizada na forma de um sistema geo-referenciado de informações (SIG), visando à elaboração de modelos integrados de evolução ambiental e cultural, assim como micro-evolução humana, da sociedade sambaquieira e suas relações com sociedades contemporâneas (DEBLASIS, 2005).

O projeto, iniciado em 1995, foi criado por Paulo DeBlasis e Edna Morley, com o apoio da Wenner Gren Foudation for Anthropological Research, Heins Foudation, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - FAPESP, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ e Universidade de São Paulo - USP. Esse projeto investiga detalhadamente o sambaqui Jabuticabeira II, escavado sistematicamente há 12 anos, e busca informações sobre o padrão construtivo e a cronologia dos mais de 80 sambaquis espalhados em volta da paleolagoa de Santa Marta.

Os resultados obtidos até o momento permitem afirmar que os sambaquis são estruturas construídas intencionalmente, possuem função cerimonial ou habitacional, sendo ainda, considerados grandes marcos paisagísticos. Embora essa variabilidade funcional não pode ser atribuída a um ou outro sambaqui especificamente. Por isso as pesquisas continuam com investigações nos sambaquis menores a fim de definir padrões funcionais.

Uma informação importante a ser ressaltada é a forma de organização sócio-econômica do grupo. Sabemos que se tratava de populações estáveis na área lagunar, se alimentavam basicamente de peixes e pequenas caças, utilizavam conchas como material construtivo e faziam diversos rituais, entre eles o de sepultamento.

3.2 PERÍODO HISTÓRICO

Os colonizadores portugueses, fundamentados no Tratado de Tordesilhas, desconsideraram o território de Laguna como seu, não dando importância à estreita faixa de terra ao sul do Brasil, que pertencia à Capitania Hereditária de Sant'Ana, concedida a Pero Lopes (DALL'ALBA, 1976, p.169).

Os primitivos habitantes da região foram os índios patos, denominação por que eram conhecidos os carijós que povoavam esta parte do litoral e que, segundo alguns historiadores, formavam uma grande nação, cujos domínios se estendiam do rio Biguaçu (rio dos Patos) até muito além das águas do Mampituba, já nas planícies do Rio Grande, cuja imensa lagoa do litoral teriam legado o seu nome.

Disseminadas pela costa, as tribos erguiam os seus aldeamentos à margem dos rios ou das lagoas piscosas tão comuns nesta área litorânea. Cultivavam a mandioca e o algodão e deviam fazer colheita farta, pois que a terra é propícia as essas culturas. Mas, o roçado e a pesca não lhes podiam ter modificado a ancestral tendência para a caça. E caça haviam de encontrar em abundância, não só nas matas do interior como nas terras baixas próximas do mar, onde viviam, em bandos, aqueles patos cuja quantidade impressionou os primeiros navegadores, e onde vivem, ainda hoje, os palmípedes da fauna meridional.

Meio tão favorável teria tornado sedentária essas tribos carijós. Radicadas, então, à terra, defendiam com indômita bravura. Contudo, se eram temíveis na guerra, os patos abominavam a antropofagia e eram de trato fácil na paz. Não possuíam traços característicos muito frisantes que os distinguissem dentro do imenso grupo Tupi. Amavam as danças, adornavam-se com penas e colares de dentes e usavam as armas e os instrumentos comuns a todas as tribos. Como quase todos os indígenas, “inhumavam os seus mortos em grandes urnas de barro cozido, semelhantes à nossas panelas, com tampos, nos quais faziam rudes relevos”, urnas que, contendo ossos, ainda hoje, por vezes, aqui são encontradas, geralmente nos sambaquis, onde também são encontrados furadores, pontas de flecha e fragmentos de machado de pedra que, por certo, pertenciam a esses primitivos donos da terra (ULYSSÉA, 1956, p.7)

A região sul do Brasil não era totalmente desconhecida do colonizador. No começo do século XVI navegadores espanhóis passaram pelo local. Os jesuítas visitavam-na em seu trabalho de catequese (ULYSSÉA, 2004, p.46).

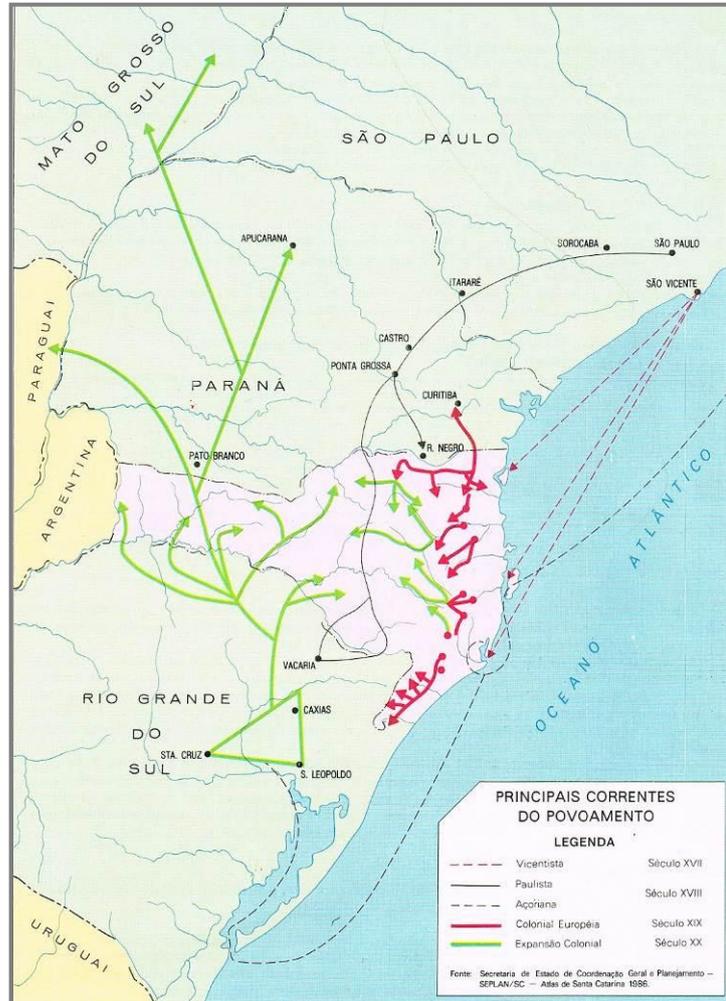
Historicamente, o povoamento do litoral de Santa Catarina ocorreu no final do século XVII, com os bandeirantes que partiram de São Vicente e que já haviam ganhado o litoral norte catarinense (figura 14), esses fundaram duas vilas: São Francisco (São Francisco do Sul) por volta de 1658 e Nossa Senhora do Desterro (atual Florianópolis) em 1672.

Laguna foi o terceiro e o único núcleo do sul a ser fundado pelos bandeirantes. Sua data de fundação ainda é uma interrogação¹³. Varia entre 1676 e 1684. Nesse período, o vicentista Domingos de Brito Peixoto, rico fazendeiro da Baixada Santista e seus dois filhos, Francisco de Brito Peixoto e Sebastião de Brito

¹³ Segundo Dall'alba (1975, P. 13), “enquanto diversos autores dão o ano de 1684 como marco de fundação, o próprio Francisco de Brito Peixoto” em uma petição de 1714, afirma que a fundação se deu em 1676. “Teria sido em 1676 a tentativa fracassada pelo naufrágio da primeira expedição, e a fundação efetiva em 1684 com a nova expedição vinda por terra e por mar”.

Guerra, chegaram a Laguna, onde se confrontaram com os grupos indígenas da região (ULYSSEÁ 1956, p.8; DALL'ALBA, 1976, p.13).

Figura 14: Expansão vicentista.



Fonte: <http://geoconceicao.blogspot.com.br>
Acesso em 15/06/2012

Sua ocupação não foi espontânea. Obedecia à determinação da Coroa em expandir o seu território para o sul, com o propósito de fixar povoados. Os fundadores trouxeram consigo escravos, colonos e sua própria família para habitar o local (ULYSSEÁ, 2004, p. 46).

Em 1720, havia em Laguna, segundo o ouvidor-geral do império Rafael Pires Pardini, quarenta e dois ranchos de palha e trezentas pessoas. De acordo com sua descrição, a maior parte desses indivíduos era analfabeta (ULYSSEÁ 1956, p.10; ARNS, 1975, p. 58).

Somente em 1725 foi que Laguna ganhou sua primeira construção de importância religiosa em alvenaria, pequena capela que tinha como padroeiro Santo Antonio dos Anjos, o mesmo santo que originou o nome da vila batizada de “Santo Antonio dos Anjos de Laguna” (ULYSSEÁ, 1956). Anteriormente, havia uma capela construída em pau-a-pique, situada nas proximidades da atual matriz (ARNS, 1975, p. 90).

Em 1749, chegaram os primeiros casais de açorianos, que se estabeleceram nas proximidades da enseada de Imbituba, onde foi fundada a Vila Nova. Outra leva de colonos açorianos desembarcou em Laguna e Imbituba em 1751. Esses grupos trouxeram noções de agricultura, introduziram novas culturas, como o trigo, o linho e a cochonilla (ULYSSEÁ, 1956, p.10; ULYSSEÁ, 2004, p.32). Entre os anos de 1748 e 1756, chegaram à região seis mil açorianos. Duzentas e quinze pessoas, entre elas, 40 casais, foram designados a povoar a região de Passagem da Barra e Garopaba do Sul. Porém, os recém-chegados se recusaram habitar a região, alegando segundo documentos da época, as más condições do terreno (MARTINS, 1997, p.46).

Com a instalação desses colonos na região, as atividades econômicas tornaram-se específicas, enquanto Vila Nova destacou-se em função da agricultura, com o cultivo principalmente, da mandioca, Laguna teve suas atividades voltadas à pesca.

Por volta de 1760, as atividades da vila cingem-se quase que exclusivamente à pesca, trazendo, como natural consequência, a escassez de outros gêneros de primeira necessidade. Até a farinha de mandioca, que fora sempre a principal produção agrícola desta zona, escasseia, passando a ser vendida a preço mais alto que na vila do Desterro. De tal sorte se dedicava a população à indústria do pescado que a Câmara, receando a consequente diminuição do peixe nas águas da lagoa, tratou de tomar medidas defensivas, estabelecendo malhas mais largas para as redes, proibindo a pescaria nas proximidades da barra, para não afugentar o peixe de entrada e com, objetivo de defender os pequenos habitantes das águas da voracidade das aves marinhas, impondo pesadas multas e até prisão àqueles que, durante o ano, não apresentassem às autoridades um número certo de cabeças de biguá (ULYSSEÁ, 2004, p.32).

A situação econômica de Laguna mudaria anos mais tarde, quando D. Pedro de Ceballos apoderou-se da colônia de Sacramento e avançou para o norte,

tomando os fortes de Santa Tereza e São Miguel, fechando a barra do Rio Grande. Privados da saída para o Atlântico, os comerciantes gaúchos utilizaram o porto de Laguna, como intercâmbio direto e indireto com o Rio de Janeiro. O relativo movimento do porto fez com que seus habitantes tomassem gosto pela vida marítima.

Vivendo a margem de uma extensa lagoa a que vem três rios navegáveis, eles encontravam aí a estrada natural e fácil para o transporte das mercadorias, para a comunicação com os povoados que nasciam pelas terras marginais (ULYSSÉIA, 2004, p.34).

A vila foi crescendo em função da exportação de peixe seco, pelo comércio do trigo e da cochonilla cultivados pelos açorianos de Vila Nova, da carne salgada, de couros e de queijos provindos de Viamão ou da Serra (ULYSSÉIA, 2004, p.36).

Como a economia, nesse período¹⁴ gerava a prosperidade, foram construídos alguns edifícios de alvenaria em estilo português. E esta condição perdurou até o século XIX (ULYSSÉIA, 2004, p.36).

Em sua passagem por Laguna em 1820, Saint-Hilaire¹⁵ descreveu a localidade como sendo “as terras distritais cobertas de florestas exuberantes e produzia, principalmente, mandioca, arroz, feijão, milho, favas e algum trigo, ensaiando-se, nas margens do Tubarão, a cultura do cânhamo. Na vila, o comércio era particularmente ativo e as casas de negócio bem sortidas”.

De acordo com Saint-Hilaire (ULYSSÉIA, 2004, p.37), “as ruas eram estreitas, mas direitas e pavimentadas com uma mistura de areia, terra preta e cascalho, bem batida, de tal sorte que, nos dias de chuva, pouca lama se formava no seu leito. Tinham as casas boa aparência e eram em geral, de alvenaria”.

No ano de 1838, os republicanos gaúchos, precussores da Guerra Farroupilha no Rio Grande do Sul, apoiados por alguns liberais catarinenses, residentes na vila de Laguna, invadiram a vila de Lages. Isolados no Planalto, os farroupilhas precisavam de um porto marítimo, pois a entrada da Lagoa dos Patos estava sob poder dos imperiais.

¹⁴ Este período é compreendido entre 1770 a 1775

¹⁵ Viajante que visitou a vila de Laguna em 1820.

Realmente, eram numerosos, nesta vila, os adeptos do regime que se implantara no Rio Grande. Sobretudo, havia representante do clero que defendiam com calor a excelência da doutrina liberal, o que constituía poderoso elemento de propaganda, já pelo valor intelectual, já pela ascendência que exerciam os padres sobre os habitantes, na quase totalidade católico-romano. Diversos revolucionários, acossados pelos imperialistas tinham vindo homiziar-se na vila e foram aqui acolhidos com simpatia, não só pelo povo como até por autoridade. Por este porto entrava, a despeito da vigilância do governo provincial, material de guerra destinada aos rebeldes gaúchos (JOHANNY *apud* ULYSSÉIA, 2004, p.38).

Dessa forma, invadir Laguna parecia aos republicanos uma tarefa fácil. O coronel Felipe Capote e alguns homens desceram dos campos de Vacaria, invadiram Araranguá, avançaram ao norte, passaram pelo Camacho, Carniça, campo da Barra até chegar em Laguna. Como possuíam poucos soldados, não ousaram entrar em combate com a guarnição imperial. Decidiram, então, enviar uma expedição sob o comando de David Canabarro. Ao mesmo tempo em que a força expedicionária passa pela fronteira do Mampituba, Giusepe Garibaldi cruza as margens do Rio Capivari para o Atlântico, transportando os seus lanchões¹⁶ de guerra.

De acordo com Ulysséia (2004, p.39), em 22 de julho de 1839 a vila de Laguna foi capturada e os farroupilhas foram recebidos com entusiasmo. Liberais e republicanos queriam que fosse proclamada a República de Piratini. Foi então que em 29 de julho do mesmo ano que o presidente, Vicente Francisco de Oliveira, proclamou a autonomia de Santa Catarina, constituindo-se, assim, em um estado republicano¹⁷ e livre (ULYSSÉIA, 2004, p.39; DALL'ALBA, 1976, p.170).

O primeiro decreto do governo republicano promovia e nomeava David Canabarro, general em chefe do Exército Catarinense. Um segundo decreto, datado de 10 de setembro, elevava Laguna à categoria de cidade, com a denominação de Juliana, e a constituía em capital provisória do Estado independente. Este mesmo decreto determinava à Câmara que adornasse o interior do seu brasão com uma figura de Liberdade encostada a um escudo e mandava considerar de festa nacional o dia 22 de julho (ULYSSÉIA, 2004, p.40).

¹⁶ Um dos lanchões, o que foi capitaneado por Garibaldi, naufragou na altura da praia do Campo Bom, no município de Jaguaruna (ULYSSÉIA, 2004, p.39).

¹⁷ Começam então os 106 dias tumultuosos da república catarinense, que foi desde 29 de julho até o combate naval de 15 de novembro do mesmo ano (ULYSSÉIA, 2004, p.39).

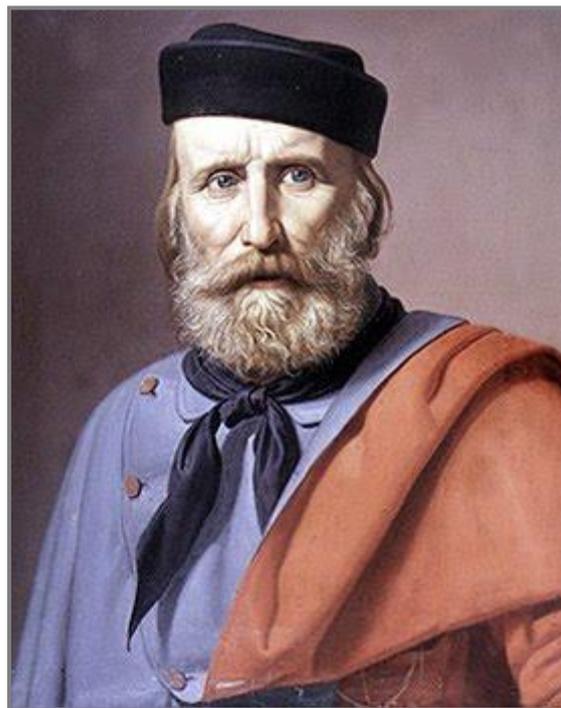
Porém, os republicanos ao norte em Massiambu e na ponta da Pinheira eram contidos em combates. Garibaldi (figura 16), juntamente com Anita (figura 15), comandaram a esquadra que em outubro resolveu fazer um bloqueio. Iniciou-se uma série de pequenos combates¹⁸, estaria chegando o fim do ideal republicano. O último combate no interior da região foi realizado em Imaruí.

Figura 15: Anita Garibaldi



Fonte: <http://www.portalsaofrancisco.com.br>
acesso em 15/06/2012

Figura 16: Giuseppe Garibaldi



Fonte: <http://josedahistoria.blogspot.com.br>
acesso em 15/06/2012

Foi, portanto, no dia 15 de novembro que as forças imperiais atacaram Laguna, a esquadilha imperialista de Frederico Mariath rompe a barra e os navios dos republicados inicia um combate desesperado. Sem saída, Garibaldi atea fogo em seus próprios barcos e segue com Anita e seus homens para o lado meridional da lagoa. “Ao anoitecer, as tropas imperiais entram na vila abandonada. Era o fim da efêmera República Catarinense” (ULYSSÉIA, 2004, p.41). “Atacados por terra e por mar, já sem apoio dos catarinenses, os Farroupilhas, com enormes perdas, são obrigados a retirar-se para os campos de Lages” (DALL’ALBA, 1976, p.170).

¹⁸ Foi num desses combates que Garibaldi conheceu Ana de Jesus Ribeiro, que mais tarde tornou-se conhecida como Anita Garibaldi. Segundo autores, Anita e Garibaldi apaixonaram-se e lutaram lado a lado em combates a favor da república.

“Anita¹⁹, em trajes masculinos, marchava ao lado de Garibaldi como um simples soldado” (ULYSSÉIA, 2004, p.105).

Após oito anos, em 1847, Laguna²⁰ passou à categoria de cidade. Dez anos depois foi construída a comarca, cujo termo atingiu ao norte a Lagoa de Ibiraquera e, ao sul, o Rio Mampituba, portanto toda parte sul de Santa Catarina.

Em 1870, houve o desmembramento de terras, que veio a constituir o município de Tubarão, que enfraqueceu o comércio lagunense. Só em 1884, com o funcionamento da estrada de ferro “D. Tereza Cristina” (figura 17), foi que houve um melhoramento econômico não só de Laguna, mais de toda a região sul-catarinense (ULYSSÉIA, 2004, p.41).

Figura 17: Estação ferroviária de Laguna.



Fonte: acervo desconhecido.

A partir do século XX, o município de Laguna possuía os seguintes limites territoriais: ao norte, com os municípios de Imbituba e Imaruí²¹; ao sul, com Jaguaruna; a leste, com o Oceano Atlântico; e a oeste, com Tubarão, Gravatal e Capivari de Baixo.

¹⁹ Anita se integra aos farroupilhas, lutando e cuidando dos feridos em batalhas. Em 1847, o casal e seus três filhos seguem para a Itália, onde lutam pela unificação da pátria. Em uma de suas batalhas contrai uma febre que a levou à morte em 4 de agosto de 1849.

²⁰ Nesse período ocorreram fatos essenciais para o desenvolvimento do município de Laguna: em 1855 foi fundado o hospital São Francisco de Assis e o teatro Sete de Setembro; em 1860 foi organizada a banda “União dos Artistas”; em 1867 ocorreram as primeiras trocas de comunicações telegráficas; em 1876 fundou-se uma biblioteca pública; em 1878 foi impresso o primeiro jornal de Laguna, O Município (ULYSSÉIA, 2004, p.42).

²¹ Em 1890 há mais uma separação de terras lagunenses quando é fundado o município de Imaruí.

Atualmente, a base econômica do município é a pesca, a pecuária e a agricultura. O comércio, as pequenas empresas e algumas indústrias também são responsáveis pela sua economia. O turismo é outro ponto forte. Laguna dispõe de patrimônio natural, destacando-se as praias e lagoas, e de patrimônio cultural identificado nos inúmeros sítios arqueológicos, museus, centro histórico e monumentos, tudo isto, marcado por traços de diversas culturas, com ênfase na indígena e açoriana, muito presente na vida dos lagunenses.

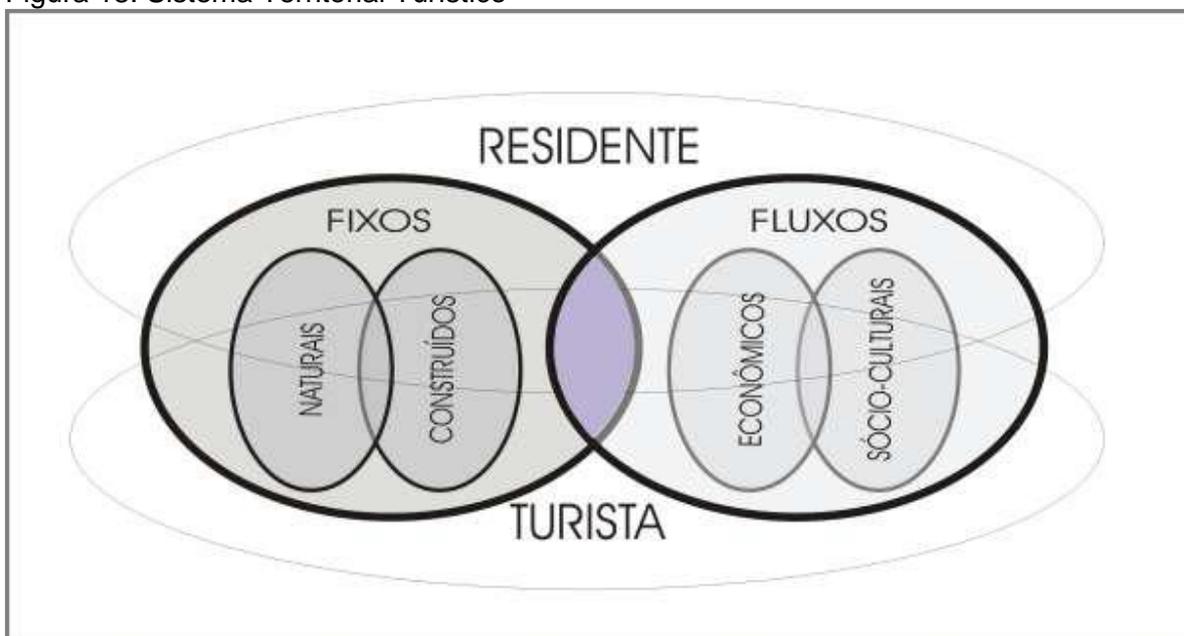
4 SUBSISTEMAS TERRITORIAIS

Para melhor organização dos dados e compreensão da dinâmica territorial de Laguna utilizamos como subsídio o modelo de análise do **subsistema territorial turístico** (figura 18), proposto por Anjos (2004).

Segundo Anjos (2004, p. 156), este modelo visa “compreender a dinâmica do sistema territorial turístico, possibilitando o desenvolvimento de um sistema de informação geográfica – SIG que dê suporte aos demais processos, através de atualização permanente dos dados”.

A compreensão do sistema territorial turístico deve considerar as especificidades territoriais de dois subsistemas sociais que o constituem: o subsistema dos residentes e o subsistema dos turistas. Cada subsistema tem alguns interesses convergentes e outros antagônicos. Desta forma, cada subsistema deve ser analisado na sua particularidade e nas suas relações, buscando perceber as especificidades, dinâmicas e sobreposições (de escalas espaciais e temporais) entre os dois subsistemas (ANJOS, 2004, p. 156).

Figura 18: Sistema Territorial Turístico



Fonte: ANJOS, 2004, p. 155.

Os dados foram estruturados em quatro subsistemas (Anjos, 2004) são estes:

- a. Subsistema dos fluxos sócio-culturais - compreende as dinâmicas socioculturais como: renda, trabalho, lazer, escolaridade, organização, comportamento social, entre outros;
- b. Subsistema dos fluxos econômicos - dinâmicas econômicas como: produção, distribuição, consumo, acumulação, entre outros;
- c. Subsistema dos fixos naturais – todo patrimônio natural e;
- d. Subsistema dos fixos construídos – todo patrimônio edificado.

Segundo Anjos (2004, p. 166), “tais indicadores precisam demonstrar os elementos que limitam ou potencializam o sistema, na mesma direção que os fluxos provenientes destes fixos contribuem ou reduzem as possibilidades de desenvolvimento do sistema”. A compreensão desta dinâmica auxiliará no processo de planejamento e gestão do território turístico. A seguir, apresentaremos, através dos subistemas, os resultados alcançados com o levantamento dos dados territoriais de Laguna.

4.1 FIXOS NATURAIS

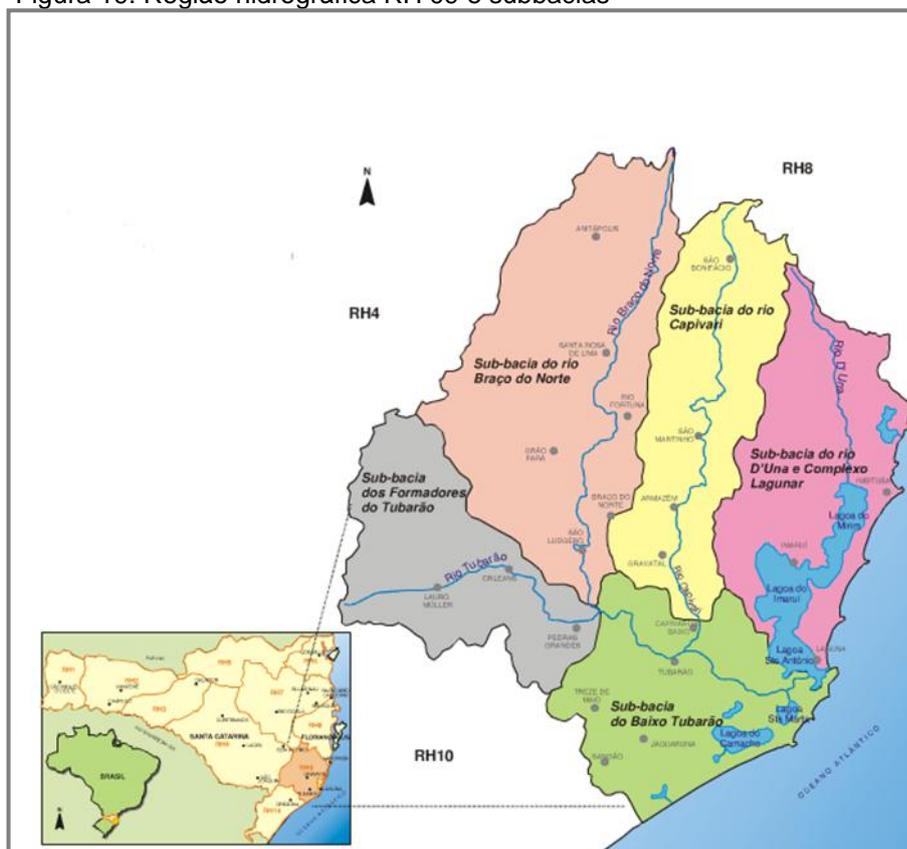
Segundo a caracterização das regiões hidrográficas do estado de Santa Catarina, o município de Laguna está inserido na Região Hidrográfica Sul Catarinense - RH-09 (figura 19), tem como principais cursos hídricos a bacia do rio Tubarão e a bacia do rio D’Una. A bacia do Rio Tubarão é a maior da região. O rio que tem sua foz a Lagoa de Santo Antônio dos Anjos, no município, nasce a 120km de distância na encosta da Serra Geral. Seu curso passa pelo território de 19 municípios. Tem como principais afluentes os rios Braço do Norte, Capivari, Laranjeiras, Congonhas, Palmeiras e rio Pedras Grandes/Azambuja.

O clima da região, de acordo com a classificação de Koeppen, é subtropical tipo Cfa (mesotérmico úmido com verão quente), proporcionando temperatura média anual em torno de 18°C. A umidade relativa é de 85% e a precipitação média anual de 1.400 mm com chuvas bem distribuídas durante todo o ano, garantindo deficiências hídricas nulas e bons índices de excedentes hídricos (FARIAS, 2010, p. 04).

A bacia hidrográfica do rio D'Una deságua na Lagoa Mirim, no complexo lagunar, no Parque Estadual da Serra do Tabuleiro (SANTA CATARINA, 1997, p. 31) e tem como principais afluentes o rio Araçatuba, riacho Ana Matias, rio Cachoeira dos Inácios, rio Forquilha, rio Chicão, rio Espreado e rio da Penha.

O município de Laguna divide-se em três microbacias hidrográficas: rio Jaguaruna, rio das Congonhas e rio da Madre; rio Sambaqui Pequeno e Córrego do Matuto; e Itapirubá (LAGUNA, 2010, p. 106).

Figura 19: Região hidrográfica RH 09 e subbacias



Fonte: <http://www.docstoc.com>
Acesso em 15/06/2012

Na área em estudo, o relevo tem características bastante peculiares quanto aos dois grandes domínios que separa: as terras altas do planalto e o litoral – estreita faixa de terra que cobre toda a extensão do Estado de Santa Catarina.

Laguna está assentada em uma planície cenozoica que apresenta alguns morros testemunhos, como é o caso do Morro do Bananal e da Ponta das Laranjeiras. Essa área agrupa, portanto apresenta, características das regiões da

encosta e do litoral (LAGO 1971 *apud* FARIAS, 2010, p. 05). Partes dos territórios desse município encontram-se nos domínios da serra do leste catarinense, dispostas de forma subparalela, no sentido NE-SW, tornando-se mais baixas em direção ao litoral. Nas proximidades da linha da costa, as altitudes ficam em torno dos 100m; enquanto que nas serras próximas, como as do Tabuleiro e Anitápolis, algumas elevações chegam a ultrapassar 1.200m.

As Unidades Litoestratigráficas presentes na região subdividem-se em:

a) Super Grupo Tubarão

O Super Grupo Tubarão da Era Paleozóica, período Permiano Médio a Inferior, é caracterizado por arenitos, folhelhos com camadas de carvão e restos de flora. Segundo o DNPM (1987) esta unidade constitui uma estratigrafia que pode ser subdividida em dois grupos, um inferior, Grupo Itararé e um superior, denominado Grupo Guatá. O primeiro grupo não ocorre na área de estudo.

b) Grupo Guatá

O Grupo Guatá do período Permiano Médio é representado estratigraficamente por siltitos cinza esverdeado, arenitos com intercalações de camadas de carvão e por folhelhos carbonosos. Essa unidade é composta pelas Formações Rio Bonito e Palermo. (DNPM, 1984).

c) Formação Rio Bonito

Corresponde a uma porção sedimentar, cujo depósito está situado sobre o Grupo Itararé, sua constituição é determinada por uma seção basal arenosa, dividida em duas seções, uma mediana, argilosa e outra superior, areno-argilosa, contém esta os principais leitos de carvão explorados na Bacia do Paraná. (DNPM, 1984)

Foi White (1908 *apud* DNPM, 1984) que propôs a denominação “camada Rio Bonito” associada a um conjunto de rochas arenosas, que estão relacionadas a rochas do tipo pelíticas.

Esta formação possui três intervalos denominados por três membros:

Membro Triunfo – corresponde a porção basal, constituída por arenitos esbranquiçados finos e médios, mas localmente grosseiros, argilosos e miáceos, selecionados e sub-arredondados.

Membro Paraguaçu – sua estrutura de estratificação é plano-paralelo, esta unidade é formada por siltitos e folhelhos.

Membro Siderópolis – é formado principalmente por arenitos finos, siltitos, siltitos carbonosos e camadas de carvão. (DNPM, 1984). Essa formação também não ocorre na área de estudo.

d) Formação Palermo

A Formação Palermo, considerada pelítica, é constituída por siltitos arenosos, siltitos e folhelhos silticos intercalados por vezes com arenitos quartzosos cimentados por carbonato de cálcio. As cores predominantes vão de cinza escuro, médio até termos mais claros e raramente ocorrem na variedade cinza esverdeado. (DNPM, 1984)

e) Grupo Passa Dois

O Grupo Passa Dois está acima do Grupo Guatá, constituindo uma unidade estratigráfica de idade Permiana Médio à Superior. As unidades litoestratigráficas deste grupo estão divididas nas Formações Irati, Serra Alta, Terezina e Rio do Rastro, sendo que apenas a Formações Irati ocorre na área de estudo. (DNPM,1987)

f) Formação Irati

A Formação Irati é caracterizada por deposição marinha, apresentando duas porções: uma inferior, caracterizada pela presença de siltitos e folhelhos cinza-escuros e claros, e outra superior, contendo folhelhos pretos pirobetuminosos, calcários creme a cinza-escuros, às vezes dolomíticos alternados e pelíticos. (DNPM, 1987)

g) Sedimentos do Quaternário

Nossa área de estudo encontra-se em uma região que apresenta sedimentos da Era Cenozóica, em sua maioria referente ao Período Quaternário. Estes depósitos compreendem sedimentos aluvionares, colúvio-aluvionares, lagunares, turfáceos e marinhos. Os depósitos aluvionares formam amplas planícies constituídas de areias finas e grossas, também cascalho, material siltico-argiloso e argilas da planície de inundação; estas, já com predominância de material mais grosseiro, próximo às nascentes com ocorrência de material mais fino nas planícies. (DNPM, 1987).

A formação dos depósitos colúvio-aluvionares ocorreu por acúmulo de materiais na base de encostas com influências fluviais. A deposição lagunar apresenta, como elementos, areias siltico-argilosas, ligadas a lagoas da costa sul do Estado. Os depósitos turfáceos são provenientes de prováveis lagoas que secaram devido à regressão do nível do mar, recobertos, posteriormente, pela migração do cordão litorâneo holocênico, sendo novamente atingidos por uma nova transgressão marinha. Em virtude destes acontecimentos, a composição destes depósitos é heterogênea misturada com areias, argilas plásticas e silte (DNPM, 1987).

4.1.1 Geomorfologia do Quaternário

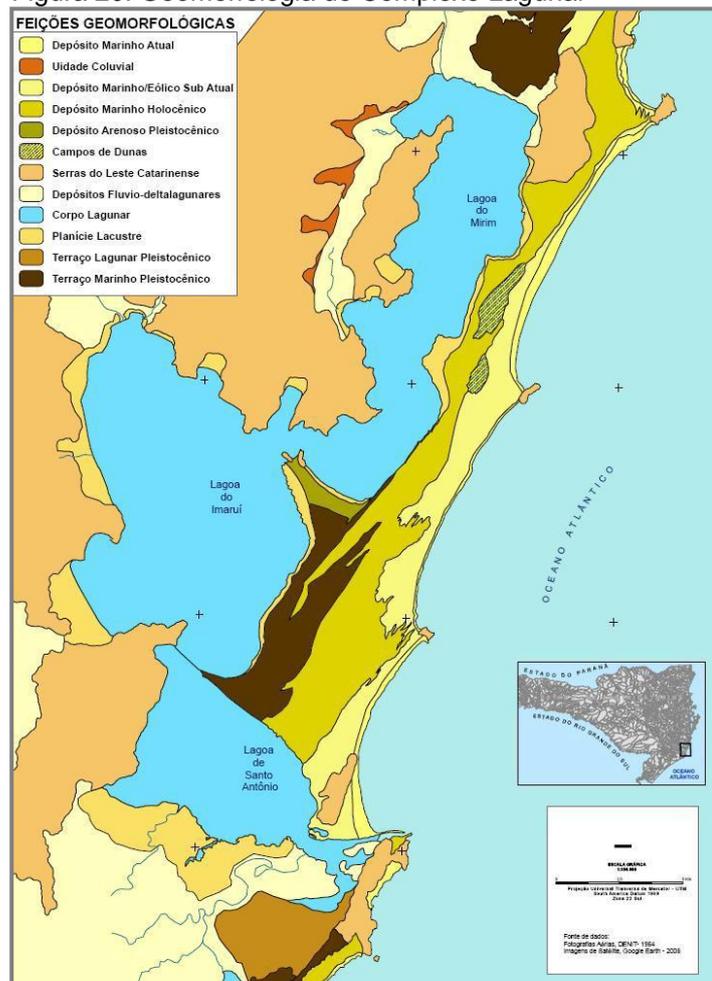
O Complexo Lagunar está localizado na Planície Costeira de Santa Catarina, formado por depósitos eólicos (de várias gerações), depósitos turfáceos, depósitos deltáicos intralagunares, depósitos lagunares e cordões litorâneos de diversas idades (CARUSO, 1993 *apud* MACHADO; AYALA, 2010, p. 7). Na figura 20 podemos visualizar a geomorfologia do complexo lagunar (Lagoa Santo Antônio, Lagoa do Imaruí e Lagoa do Mirim). A seguir apresentaremos as diversas feições mapeadas por Machado e Ayala em sua pesquisa, desenvolvida no ano de 2010.

- SERRAS DO LESTE CATARINENSE (Ambiente de elevações cristalinas): dispostas em meio à planície litorânea, constituíam, no passado, ilhas que hoje estão ligadas ao continente através dos processos de sedimentação marinha (SANTA CATARINA, 1986). Segundo Machado e Ayala, “esta unidade é intensamente dissecada pelo sistema de drenagem, que por sua vez, é controlado estruturalmente pelas fraturas do embasamento. Dessa forma, o

relevo se apresenta caracterizado por encostas íngremes e vales profundos” (2010, p. 9).

- UNIDADE COLUVIAL: Machado e Ayala afirmam que, esta unidade “consistem em depósitos de base de encosta gerados pelo transporte de materiais, através de processos gravitacionais e aluviais” (2010, p. 9). Horn Filho (2010, p. 98) destaca que esta unidade é constituída de material detrítico mal selecionado e inconsolidado, contendo fragmentos angulosos. Machado e Ayala (2010, p. 9) descrevem que, estas áreas “apresentam-se na forma de rampas e devem sua geomorfologia aos vários pontos de afluxo de sedimentos que favorecem a coalescência dos leques, e também ao efeito de retrabalhamento e erosão posteriores”.

Figura 20: Geomorfologia do Complexo Lagunar



Fonte: MACHADO; AYALA 2010, p. 08.

- **DEPÓSITOS FLUVIO-DELTALAGUNARES:** A composição desses depósitos está ligada aos rios que desembocam no atual complexo lagunar, são encontrados próximo aos canais de drenagem. Na área da pesquisa podemos encontrar estas formações próximas aos cursos do rio Aratingaúba (Imaruí, SC), Tubarão e em suas desembocaduras. O depósito mais significativo é o delta intra-lagunar do Rio Tubarão, que deságua na Lagoa de Santo Antônio, assentando seus sedimentos fluviais ao ambiente lagunar (MACHADO e AYALA, 2010, p. 9). Os depósitos fluvio-deltalagunares tem em sua composição areias siltico-argilosas, silte e argilas com materiais orgânicos vegetais (CARUSO, 1993 *apud* MACHADO e AYALA, 2010, p. 9)
- **PLANÍCIE LACUSTRE:** Influenciada diretamente pelo corpo lagunar, sua formação está ligada ao processo de ressecamento da lagoa, causado pela regressão do nível marinho e a deposição de sedimento. Em decorrência disso em comum encontrar sedimentos de origem marinho e fluvial inter-relacionados (MACHADO e AYALA, 2010, p. 10).

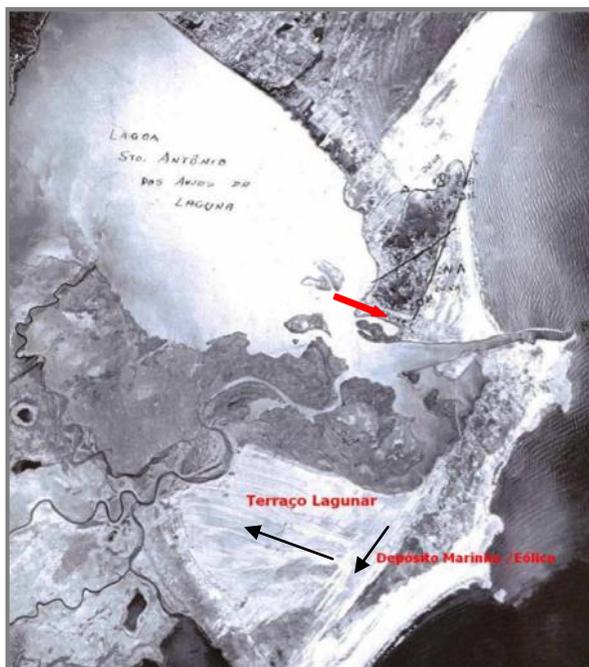
Figura 21: Planície Lagunar da lagoa do Imaruí



Fonte: MACHADO e AYALA 2010, p. 10.

- **TERRAÇO LAGUNAR PLEISTOCÊNICO:** Esta feição constitui-se durante os estágios de regressão e transgressão do nível do marinho. É possível observar a distinção do padrão de deposição (Figura 22) entre a feição considerada no presente trabalho como sendo Terraço Lagunar e as que consideramos depósito marinho/eólico (provavelmente de idade Pleistocênica) (MACHADO e AYALA, 2010, p. 11).

Figura 22: Direção das feições deposicionais do terraço lagunar e do terraço marinho/eólico, localizado próximo à foz do Rio Tubarão, Município de Laguna, SC. Seta vermelha indica localização do centro histórico.



Fonte : Fotografia Aérea, escala original 1:60.000 (MACHADO; AYALA 2010, p. 10).

- **DEPÓSITO MARINHO HOLOCÊNICO:** Constituíram-se em um momento de nível marinho mais elevado, as feições representadas no mapa são depósitos que se encontram em cotas acima da planície marinha atual. Na área entre a sede do município e a Pedra do Frade (figura 23) é possível perceber as antigas linhas da costa devido ao alinhamento dessas antigas cristas (MACHADO; AYALA, 2010, p. 11).

Figura 23: Antigas cristas praias, na localidade entre Laguna e Pedra do Frade.



Fonte: Imagem de satélite retirada do Google Earth (MACHADO; AYALA 2010, p. 10).

- **CAMPOS DE DUNAS MÓVEIS:** São áreas que se encontram sob a forma de dunas móveis, recobrimdo parcialmente outras dunas fósseis e/ou depósitos marinhos Holocênicos. São formadas por areias quartzosas finas a médias, bem arredondadas e selecionadas e de coloração esbranquiçada. A origem sedimentar para esses imensos ambientes eólicos é a plataforma continental interna(MACHADO; AYALA, 2010, p. 11). Algumas dunas móveis na região ultrapassam 20 metros de altura (Figura 24).

Figura 24: Campo de Dunas próximo Farol de Santa Marta



Fonte: Google earth 2012, by Tomelin.

- **TERRAÇO MARINHO PLEISTOCÊNICO:** Segundo Machado e Ayala, originários de um momento de nível do mar mais alto, as feições localizadas no complexo lagunar são depósitos que se encontram em cotas acima da planície marinha atual (2010, p. 12). Segundo Caruso (1995 *apud* MACHADO; AYALA, 2010, p. 12) “esta feição está relacionada com o Sistema III e constituem corpos arenosos de proveniência eólica e praial”, para o autor as características desses depósitos lhe atribuem idade aproximada de 120.000 anos.
- **DEPÓSITO ARENOSO PLEISTOCÊNICO:** Para Machado e Ayala (2010, p. 12), “este depósito está relacionado ao final da regressão holocênica, evento regressivo subsequente ao máximo da transgressão holocênica (5.150 anos

A.P.)”. Segundo, na região esta feição tem suas bordas laterais envolta em depósitos mais finos, provenientes da atual dinâmica lagunar.

- DEPÓSITO MARINHO/EÓLICO SUB ATUAL: Machado e Ayala (2010, p. 12) afirmam, “mais antigos que os campos de dunas atuais e que o depósito praial atual, estes depósitos foram retrabalhados e encontram-se parcialmente fixados por vegetação característica de restinga”.
- DEPÓSITO MARINHO ATUAL (ATUAL LINHA DE COSTA): Esta formação é dominada pela hidrodinâmica marinha. Machado e Ayala (2010, p. 13) descrevem que esta feição está “limitada a leste pela linha de arrebentação e a oeste pelos sedimentos eólicos, sobrepostos a depósito marinho recente. São depósitos inconsolidados, compostos por areias quartzosas finas, claras e bem selecionadas”.

O período quaternário foi caracterizado por variações climáticas, variações que alteraram taxas de intemperismo, e conseqüentemente influenciaram na formação do solo, além de consideráveis alterações nos níveis fluviais e marinhos. Todas estas transformações determinaram a organização da evolução da plataforma continental, determinando assim a atual situação geomorfológica do relevo.

Os sedimentos guardam informações e dados da cronologia deposicional e erosiva. Mesmo sabendo que os processos de sedimentação guardam informações de eventos raros de grande magnitude, ou seja, existem feições cuja ocorrência não estão preservada sob a forma de “registros sedimentares”.

Schumn (1977 *apud* SANTA CATARINA, 1991) afirma que é a partir da associação da natureza sedimentar e a evolução geomorfológica, que se determina à maneira para entender o ambiente geomorfológico do quaternário.

No período do quaternário formaram-se muitas características da superfície terrestre que encontramos na atualidade, com mudanças ambientais e espaciais em um tempo relativamente curto.

4.1.2 Vegetação

Segundo Ministério do Meio Ambiente (2000 *apud* CITTADIN, 2010, p. 71), o Estado de Santa Catarina está inserido no Bioma Mata Atlântica, uma das regiões mais ameaçadas, calcula-se que sua área original foi reduzida em 8%.

A Mata Atlântica na RH-09 é constituída por parcelas das formações de Floresta Tropical Atlântica (Floresta Ombrófila Densa), Floresta de Araucária e Faxinais (Floresta Ombrófila Mista) e a Vegetação Litorânea (Formação Pioneira) (KLEIN 1978 *apud* LAGUNA, 2010, p.162).

Klein destaca que no município de Laguna a formação vegetal originalmente reconhecida é constituída pela Vegetação Litorânea e Floresta Tropical da Encosta Centro-Sul, intensamente modificada pelo desenvolvimento de atividades agropecuárias e aumento das áreas urbanas (1978 *apud* CITTADIN, 2010, p. 71). Segundo o relatório técnico do mapeamento temático geral do Estado de Santa Catarina, realizado pela GEOAMBIENTE (2008), o município de Laguna, apresenta 6,5% do seu território com remanescente da Floresta Tropical Atlântica em estágio médio e avançado de regeneração.

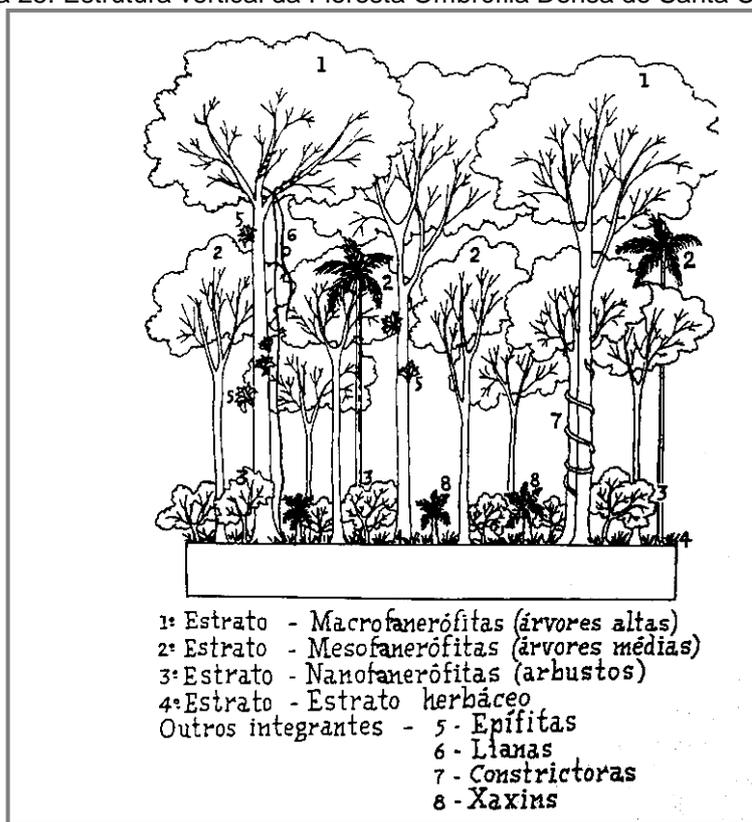
No município a vegetação original foi praticamente dizimada, restando apenas alguns remanescentes de Floresta Tropical Atlântica atualmente denominada de Floresta Ombrófila Densa.

Esse tipo de floresta ocorre em planícies cenozóicas litorâneas e domínios do pré-cambriano. Apresenta macrofanerófitas de folhas largas e copas densas/fechadas, com microclima interior uniforme e sem estacionalidade. De acordo com Klein (1978), a característica principal desta formação é a ocorrência de diversos estratos definidos por tamanhos e espécies diferentes (Figura 25).

Das tipologias florestais catarinenses, esta é a que possui maior diversidade florística, ocorrendo em cerca de 619 espécies arbóreas. Algumas das espécies que caracterizam esta fitofisionomia, na região de estudo são *Euterpe edulis* (palmiteiro – Figura 26), *Talauma ovata* (bagaçu) e *Rheedia gardneriana* (bacopari). Outras espécies climáticas e de grande valor econômico são *Geonoma gamiova* (geonoma), *Ocotea catharinensis* (canela-preta), *Talauma ovata* (bagaçu),

Vantanea compacta (guaramirim), *Calyptanthes grandifolia* (guaramirim-chorão), *Cedrela fissilis* (cedro – Figura 27), etc. Entretanto, em função da intensa antropização da região, a formação nativa primária praticamente inexistente - quando ocorre, apresenta padrões fitoecológicos bastante alterados (FARIAS, 2010).

Figura 25: Estrutura vertical da Floresta Ombrófila Densa de Santa Catarina



Fonte: Klein (1978).

Figura 26: *Euterpe edulis* (palmititeiro) Figura 27: Aspectos do fruto e sementes de *Cedrela fissilis* (cedro)



Fonte: FARIAS, 2010, p.09



Fonte: FARIAS, 2010, p.10

A área de estudo apresenta alguns resíduos dessa Floresta, no entanto, está muito impactada pela urbanização, sendo que alguns trechos apresentam reflorestamento de eucalipto; outros são terrenos coberto por pastagens e ainda, algumas partes são tomadas pela urbanização desordenada. A Resolução CONAMA 004/94, determina que em locais com florestas de estágio médios e avançados onde ocorrem espécies indicadoras como: *Schizolobium parahiba* (guapuruvu), *Bathiza meridionalis* (macaqueiro), *Piptadenia gonoacantha* (pau-jacaré) e *Hieronyma alchorneoides* (licurana), entre outras, deverá haver um cuidadoso estudo a fim de diminuir o impacto. Muitas das espécies que compõem esta formação fitoecológica fornecem alimentos saborosos e ricos em vitaminas através de: frutos (*Inga sessilis*, *Eugenia uniflora*), tubérculos e folhas (*Dioscorea dodecaneura*), palmito (*Bactris lindimani*) e etc. Outras ainda apresentam potencial para confecção de artefatos (*Geonoma gamiova*), propriedades medicinais (*Aspidosperma australe*), condimentares e tintoriais (*Cabralea canjerana*) (FARIAS, 2010).

Mesmo com a acentuada intervenção humana podemos encontrar na região diversas espécies típicas da Floresta Ombrófila Densa em áreas isoladas, tais como: *Ficus* spp, *Arecastrum ramanzoffianum*, *Marlierea parviflora*, *Myrcia dichrophylla* e *Myrcia glabra*, encontram-se ainda nos locais de mata um número representativo de *bromeliáceas*, *orquidáceas*, *pteridófitas*, *lianas* e diversas epífitas características da Mata Atlântica.

Estes remanescentes são encontrados em áreas próximas a áreas urbanas como no Morro do Inhame, próximo ao balneário Mar Grosso, no Morro da Glória, próximo ao centro da cidade, nos morros da Passagem da Barra, Praia do Gravatá e Praia da Tereza. Nas áreas rurais estas formações são localizadas nas encostas das localidades de Sertão do Santiago, Estiva, Laranjeira, Bananal, Morro Grande, Figueira, Ponta do Daniel e em quantidade reduzida na localidade de Pescaria Brava, esta vegetação desempenha um papel importante na proteção e manutenção dos mananciais da região (CITTADIN, 2010, p. 72).

A formação de vegetação de restinga é encontrada em 21,1% do território do município (GEOAMBIENTE, 2008). Cittadin descreve que essa formação é localizada na parte norte do município, próximo à Br 101, entre as praias do Gi, do Sol e Itapirubá. Ao sul entre a praia do Ipoã e a lagoa de Santa Marta, bem como

nas dunas da praia da Galheta, Farol de Santa Marta e Cigana. Ocorrem também, entre os cursos de água que ligam a lagoa do Santo Antonio e a lagoa de Santa Marta (CITTADIN, 2010, p. 73).

A vegetação costeira segundo Beltrame (2003 *apud* CITTADIN, 2010, p. 73), pode ser subdividida de acordo com o tipo de habitat em agrupamento e associações vegetais muito características:

- Agrupamentos varzosos: ocorrem em baías, reentrâncias do mar e foz dos rios onde estão os manguezais. No delta do rio Tubarão verifica-se a presença do *Laguncularia racemosa* (mangue-branco) (KLEIN, 1978 e 1984 *apud* CITTADIN, 2010, p. 73). Na lagoa de Santo Antônio, especialmente nas áreas onde a influência fluvio-marinha é maior, desenvolve-se *Spartina densiflora* e *Spartina alterniflora* (capins praturas). Essas áreas são localizadas na foz do rio Carniça, no entorno do rio Sambaqui e nas ilhas fluviais próximas as localidades da ponta do Daniel, Ribeirão Pequeno e Parobé (LAGUNA, 2010, p. 169).
- Vegetação de praia: segundo Beltrame (2003), é limitada pela ação marinha, de porte herbáceo, rasteiro e ralo, que vai se adensando à medida que avança sobre as dunas mais afastadas do mar. Em Laguna as principais espécies encontradas estão a *Ipomoea pes-caprae* (batateira-de-praia), *Hydrocotyle bonariensis* (erva-capitão), *Paspalum vaginatum* (gramade-praia) e *Senecio crassiflorus* (margarida-da-praia).
- Vegetação de dunas moveis e semi-fixas: segundo Klein (1984), é composta por vegetação lenhosa arbustiva, caracterizada por grande uniformidade fitofisionômica, entremeados por vegetação como herbácea de gramíneas, ciperáceas e bromeliáceas. Na praia do Sol, Galheta, Farol de Santa Marta, Cardoso e Cigana encontram-se diversas vegetações de dunas móveis e semi-fixas, destacando a *Schinus terebintifolius* (aroeira-vermelha), *Chenopodium spp* (erva de santa-maria), *Tibouchina versicolor* (quaresmeira), entre outras, este tipo de vegetação não ultrapassa a altura de 1,50 metros (CITTADIN, 2010, p.73). Outra espécie arbustiva frequentemente encontrada no município é *Butia capitata* (butiazeiro), uma frutífera que mede entorno de 1 a 5 metros de altura. De acordo com Cittadin (2010, p.73), essa formação

encontra-se ameaçada pela expansão das áreas urbanas e introdução de espécies exóticas para fixação das dunas. Também são encontradas nessas áreas espécies subarborescentes com *Desmodium sp* (pega-pega), *Baccharis spp* (carqueijinha), *Paspalum vaginatum* (grama de praia), *Smilax sp* (Salsaparrilha). Nas localidades de Bentos, Caputera e Areia Vermelha, junto a Br101 norte, verifica-se a presença de vegetação de restinga arbórea predominando arbustos de 2 a 3 metros de altura e árvores com até 15 metros, destacando-se espécies como *Clusia criuva* (mangue-formiga), *Ocotea pulchella* (canela da praia), *Bactris setosa* (tucum), *Pschotria sp* (grandiúva d'anta), *Matayba guinenses* (camboatá branco), *Cupania vernalis* (camboatá vermelho) (LAGUNA, 2010, p. 186).

- Vegetação que se desenvolve sobre rochas: são encontradas próximas a praia do Iró, Pedra do Frade, entre outras áreas rochosas. Destacam-se a *Coussapoa schottii* (figueira matapau), bromeliáceas rupícolas do gênero *Dyckia* e *Aechmea*, cactáceas como a *Opuntia arechchvelatai* (arrumbeva) e o *Cereus peruvianus* (mandacaru) (KLEIN, 1978 *apud* CITTADIN, 2010, p. 74).
- Vegetação que se desenvolve em pequenas lagoas permanentes: encontradas nas lagoas de Santa Marta e Camacho, é visível a presença de macrófitas aquáticas anfíbias, representadas pelo *Juncus spp* (junco), *Eriocalon spp* (sempre-viva), *Heliocharis geniculata* (tirica), *Thypha dominguenes* (taboa), *Paspalum spp* e *Panicum spp* (gramas de banhado) e *Fuirena robusta* (piri). Soriano-Sierra (1991 *apud* CITTADIN, 2010, p. 74) assegura que estes ambientes de marismas (terreno alagadiço à beira de mar ou rio) ocorrem próximos dos rios que desembocam na lagoa de Santo Antônio e lagoas do complexo, nas lagoas do Mirim e do Estreito do Perrixil, do Ribeirão Grande, de Santa Marta, do Camacho, Garopaba do Sul e na Manteiga, refere que as espécies predominantes desses locais são as fanerogâmicas. Segundo Beltrame (2003 *apud* CITTADIN, 2010, p. 74) os marismas do complexo lagunar sul-catarinense apresentam espécies pertencentes a 32 gêneros e 23 famílias.

A região da pesquisa apresenta uma intensa atividade antrópica, como a extração de granito utilizada pela construção civil, atividades agropecuárias como cultivo de milho, mandioca, e a constituição de pastagens por pequenos proprietários locais, sendo que, as áreas de vegetação nativa encontram-se esparsas e em diversos estádios de regeneração (FARIAS, 2010, p. 10).

As áreas de pastagens abrangem espécies da família das Asteráceas em conjunto com Onagráceas, algumas *Solanáceas*, *Poligonáceas*, *Cyperáceas*, *Poanáceas*, entre outras espécies.

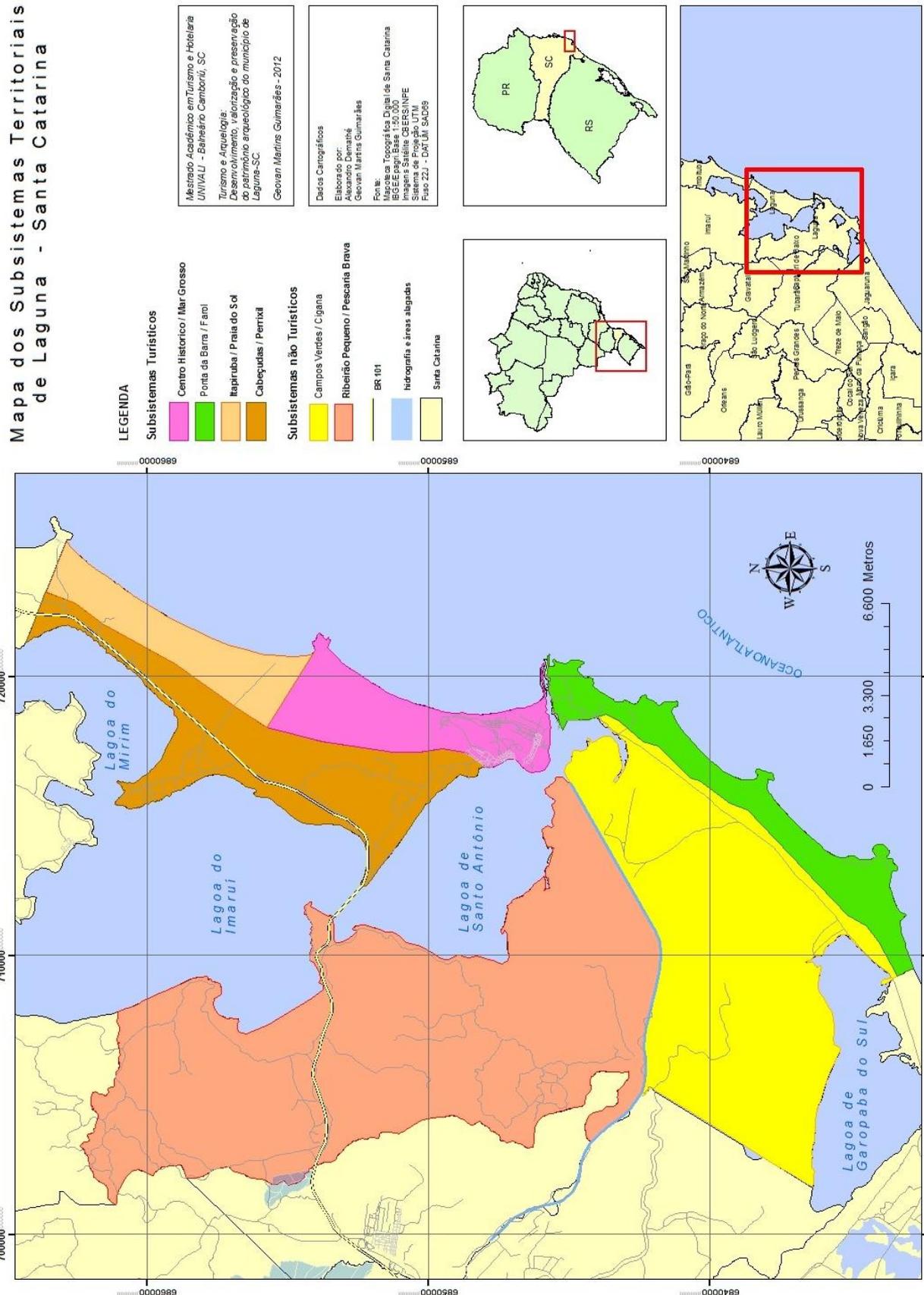
As espécies descritas neste estudo estavam presentes na pré-história e eram amplamente utilizadas pelos grupos humanos para os mais diversos fins, artesanal, tintorial e medicinal, além, obviamente de alimentar (FARIAS, 2010, p. 10).

4.2 FIXOS CONSTRUÍDOS

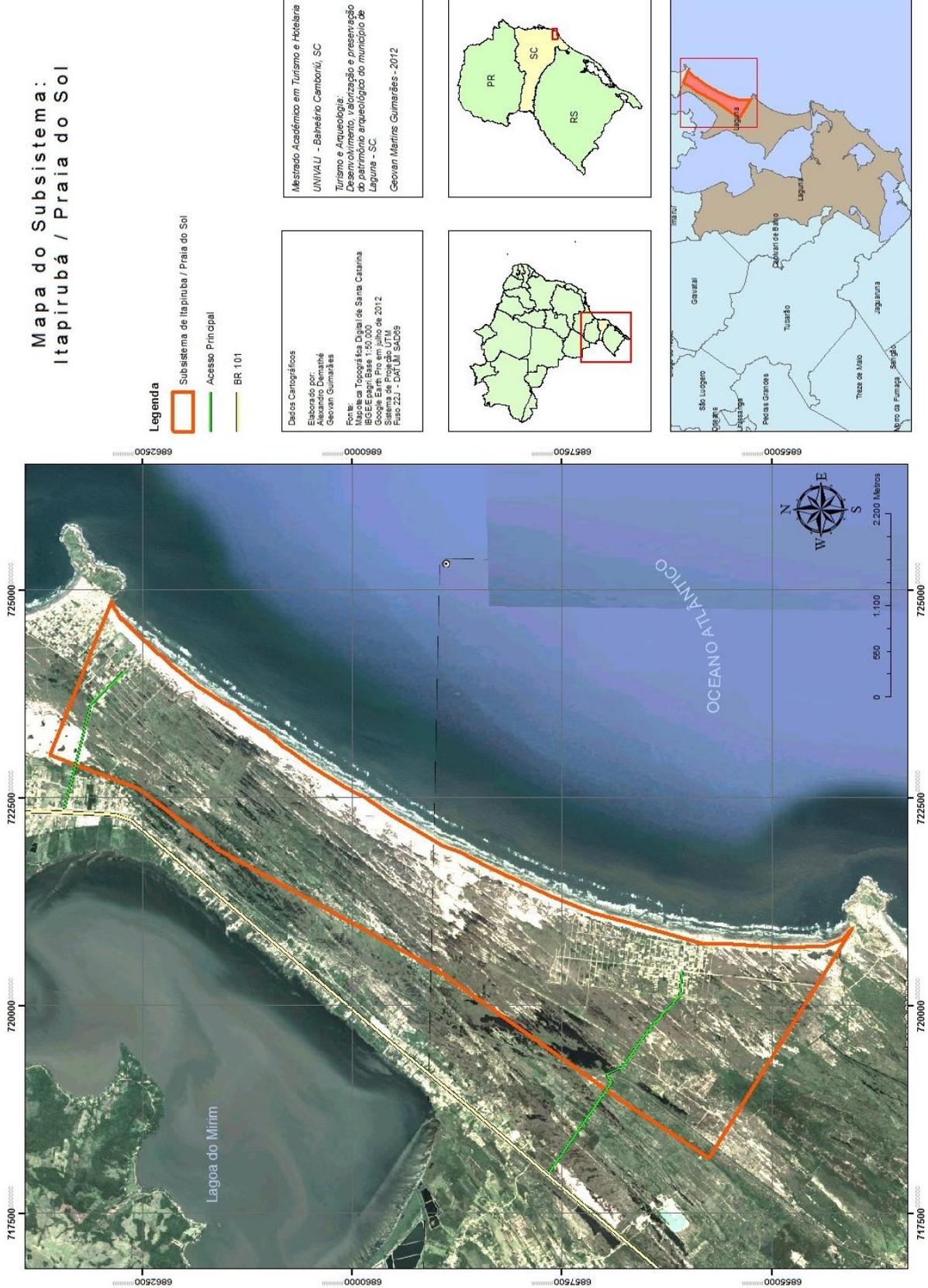
Neste trabalho iremos compartimentar em subsistemas o território de laguna para compreender a dinâmica dos elementos construídos de cada espaço. Com base no Plano diretor municipal - PDM criamos seis subsistemas: subsistema Itapiruba / Praia do Sol, localizado na porção norte do município; subsistema Centro Histórico / Praia do Mar Grosso, junto a sede urbana de Laguna; subsistema Ponta da Barra / Farol de Santa Marta, região sudeste; subsistema Campos Verdes / Cigana, ao sul; subsistema Ribeirão Pequeno / Pescaria Brava, sudoeste; e subsistema Cabeçudas / Perrixil, noroeste. O território foi compartimentado buscando integrar locais com dinâmicas territoriais semelhantes, apenas quatro deles são subsistemas turísticos. Para melhor compreensão elaboramos um mapa dos subsistemas territoriais de Laguna (mapa 02).

O **subsistema Itapiruba / Praia do Sol** se localiza na porção nordeste do município, trata-se de uma extensa faixa litorânea que abrange dois balneários (mapa 03). O acesso a ambos se dá pela BR 101, formado principalmente por habitações de veraneio. A ocupação é sazonal, com baixa atividade comercial fora da temporada, trata-se de um território turístico.

Mapa 02: Subsistemas territoriais de Laguna



Mapa 03: subsistema Itapiruba / Praia do Sol



Os loteamentos que compõe este subsistema começaram a ser aprovados a partir da década de 1970 em diversas fases (LAGUNA, p.60). O Plano diretor municipal destaca uma característica marcante dos dois balneários, possuem uma extensa área loteada com uma infraestrutura básica (arruamentos, energia elétrica e entre outras), sem residências, formando vazios urbanos. Os dois balneários possui abastecimento de água, mas não possuem rede de esgoto.

Não há estradas vicinais que interligue os dois balneários. A Praia do Sol possuiu uma ligação em estrada de terra com a Praia do Gi (via de acesso também à sede urbana), a maioria dos arruamentos o revestimento é do mesmo tipo de material, as principais vias estão pavimentadas com lajotas.

A Praia de Itapirubá encontra-se no extremo norte. O loteamento está dividido entre o município de Laguna e Imbituba. O acesso ao local é feito por estrada de pavimentação asfáltica. Há ainda um acesso secundário por estrada de terra na área pertencente ao município vizinho. A maioria dos arruamentos é pavimentada com pedras basálticas irregulares prensadas. Neste subsistema não foi encontrado registro de sítio arqueológico.

A segunda divisão é o **subsistema Centro Histórico / Praia do Mar Grosso**, este recorte abrange localidades com dinâmicas diferenciadas, mas no geral é a área onde a atividade turística realiza-se de maneira mais intensa no município. Formado pelo Centro Histórico, Mar Grosso, Campo de Fora, Magalhães, Navegantes, Laguna Internacional, Praia do Gi e parte do bairro Progresso (mapa 04).

Neste subsistema encontra-se o maior adensamento urbano do município. É nesta área onde iniciou a ocupação histórica do município, os primeiros grupos começaram a habitar o local onde se encontra o atual o centro histórico. Localizado junto a lagoa Santo de Antônio o lugar oferecia condições de habitação, pois possuía área de pesca, água potável e um porto abrigado.

Segundo Cittadin, o bairro Campo de Fora começa a se formar por volta de 1880, em seu início tinha como principal rua Almirante Lamego (2010, p.87). Atualmente a principal via de acesso é av. Eng. Colombo Salles, interligando diretamente ao centro. Era neste bairro que ficava a estação ferroviária, que encontra-se desativada.

Mapa 04: subsistema Centro Histórico / Praia do Mar Grosso

Mapa do Subsistema:
CENTRO HISTÓRICO / MAR GROSSO

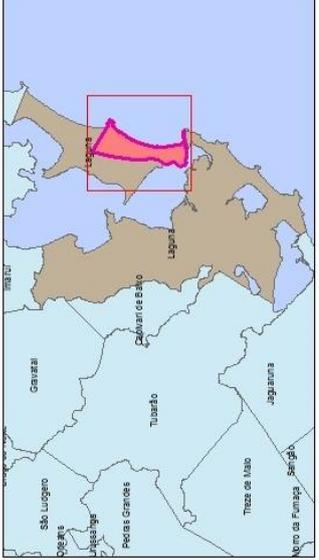
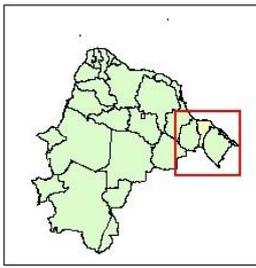
Legenda

-  Sambaqui
-  Guarani
-  Hidrovia
-  Acesso Principal
-  Poligonal do Centro Histórico
-  BR 101
-  Subsistema do Centro Histórico / Praia do Mar Grosso

Dados Cartográficos
Elaborado por:
Alexandre Demattê
Geovan Guimarães

Fonte:
Mapa de Topografia Digital de Santa Catarina
IBGE/Epagri/ Base 1:50.000
Atualizado em 2012
Sistema de Projeção UTM
Fuso 22J - DATUM SAD69

Mestrado Acadêmico em Turismo e Hotelaria
UNIVALI - Balneário Camboriú, SC
Turismo e Arqueologia:
Desenvolvimento, valorização e preservação
do patrimônio arqueológico do município de
Laguna - SC.
Geovan Martins Guimarães - 2012



O centro histórico foi tombado pelo IPHAN na década de 1980. São mais de 600 edificações de diferentes estilos arquitetônicos, como Colonial, *Art Déco*, Eclético, entre outros. O local por si só, se configura como atrativo turístico cultural. Mas, o turismo nesta área ainda é incipiente, basicamente é um local de circulação de munícipes. Nesta área onde estão concentrados os serviços públicos e comércio da cidade, assim como moradias. O plano diretor municipal destaca algumas deficiências e melhorias a ser realizadas: revitalização do calçamento, sinalização de trânsitos, sinalização turística, criação de pontos de informações turísticas, construção de ciclovias, entre outros (Laguna, 2009, p 64) (PDM, F2, p. 64). O turismo cultural poderia ser uma alternativa frente a grande sazonalidade do turismo no município. O principal via é a avenida Engenheiro Colombo Salles, de acesso e convergência do local.

Figura 28: Centro Histórico, Museu de Anita



Fonte: Acervo Marco Bocao

Figura 29: Centro Histórico, casarios.



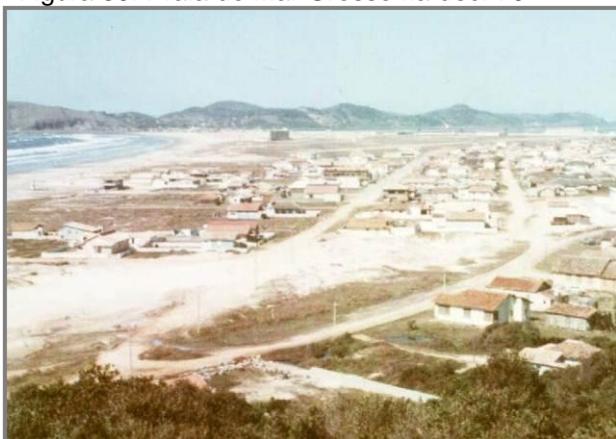
Fonte: Acervo Marco Bocao

Entre o Centro e o Mar Grosso estão os bairros Magalhães, Vila Ponta das Pedras, Vila Vitória e Navegantes, bairros ocupados essencialmente por moradores. A principal via de acesso se dá pela avenida Engenheiro Colombo Salles, que converge na rua Manoel Costa, posteriormente rua Prefeito Guimarães Cabral, ambas de mão única, sentido Mar Grosso. Outra via importante é a avenida João Pinho, especialmente para o bairro Navegantes. No sentido contrário o acesso é através da rua Getúlio Vargas e av. João Pessoa convergindo na av. Eng. Colombo Salles. Outra via que se destaque é a rua Pedro Rosa, rua da balsa que dá acesso a rodovia SC 487 na direção sul do município (Farol de Santa Marta).

Maioria das ruas dos bairros Magalhães, Vila Ponta das Pedras e Navegantes encontram-se asfaltadas, na Vila Vitória maior parte são ruas de terra.

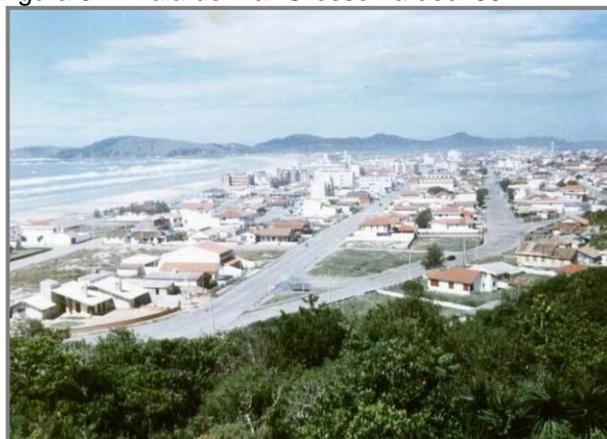
A Praia do Mar Grosso é o local onde encontramos maior adensamento urbano deste subsistema, grande parte das construções são verticalizadas, a maioria habitações é de veraneio (segunda residência). Sua urbanização teve maior intensidade a partir da década de 1970, conforme figura 30 e 31, podemos observar o aumento de construções. É neste local onde concentra-se maior parte dos equipamentos turísticos.

Figura 30: Praia do Mar Grosso na dec. 70



Fonte: Acervo de Carlos R. Cabral, 2012

Figura 31: Praia do Mar Grosso na dec. 80



Fonte: Acervo de Carlos R. Cabral, 2012

A rua Luiz Severiano Duarte constitui o principal acesso ao Mar Grosso, segue pela beira mar até a barra, cruzando todo o bairro. Esta converge na av. São Joaquim, que interliga-se com av. João Pinho, outra porta de entrada para o fluxo que vem do Centro Histórico, mais adiante passa a se chamar av. Senador Galotti, cruza o bairro.

Praia do Gí e Laguna Internacional possuem grande área loteada, com algumas ruas asfaltadas, mas pouco ocupado. A av. Castelo Branco é principal acesso a localidade, interliga-se com av. Claudio Horn, sendo esta a avenida beira mar.

Destacamos alguns problemas apresentados no plano diretor para Laguna Internacional, Mar Grosso e Praia do Gí. Um problema bastante recorrente no município é a falta de tratamento de esgoto; a rede pluvial deficiente; poucas opções de lazer; desrespeito ao código de posturas (poluição sonora e calçadas); um importante fato destacado é precariedade de acesso ao Mar Grosso – Laguna

Internacional x Mar Grosso (av. Castelo Branco); e acesso ao Mar Grosso via Morro da Glória (rua Engº Sá Rocaa) (PNDM, F2, p. 61).

Neste subsistema encontram-se cadastrados três sítios sambaquis, o sítio Laguna I – Morro do Peralta localizado próximo ao centro da cidade, no bairro Magalhães, a área do sítio foi ocupa, várias casas foram construída em cima do sítio. No ano de 2008 foi realizada uma pesquisa arqueológica pelo GRUPEP - Arqueologia, onde foram recuperados dois esqueletos, que estavam aflorando junto ao acesso de uma das casas. Como resultado está pesquisa gerou trabalhos de educação patrimonial, foram realizadas palestras e exposição na cidade, foi publicado um livro distribuído para a rede escolar do município, houve procurara por escolas do estado e outros pontos do país. O sambaqui Caieira está localizado no bairro Campo de Fora, foi pesquisado por Walter Piazza, a data mais antiga encontrada no sítio é de 3.230 AP. Sobre o sítio Magalhães poucas informações havia disponíveis, apenas a tradição e o responsável pelo cadastro. O quadro 04 apresenta demais informações dos sítios arqueológicos cadastrado no subsistema.

Quadro 04: Sítios Arqueológicos do subsistema Centro Histórico / Mar Grosso

Sítio	Data	Descrição	*
Laguna I - Morro do Peralta	– já tem data	Sambaqui	2
Caieira	710 2770 3230	Sambaqui	2
Magalhães	–	Sambaqui	#

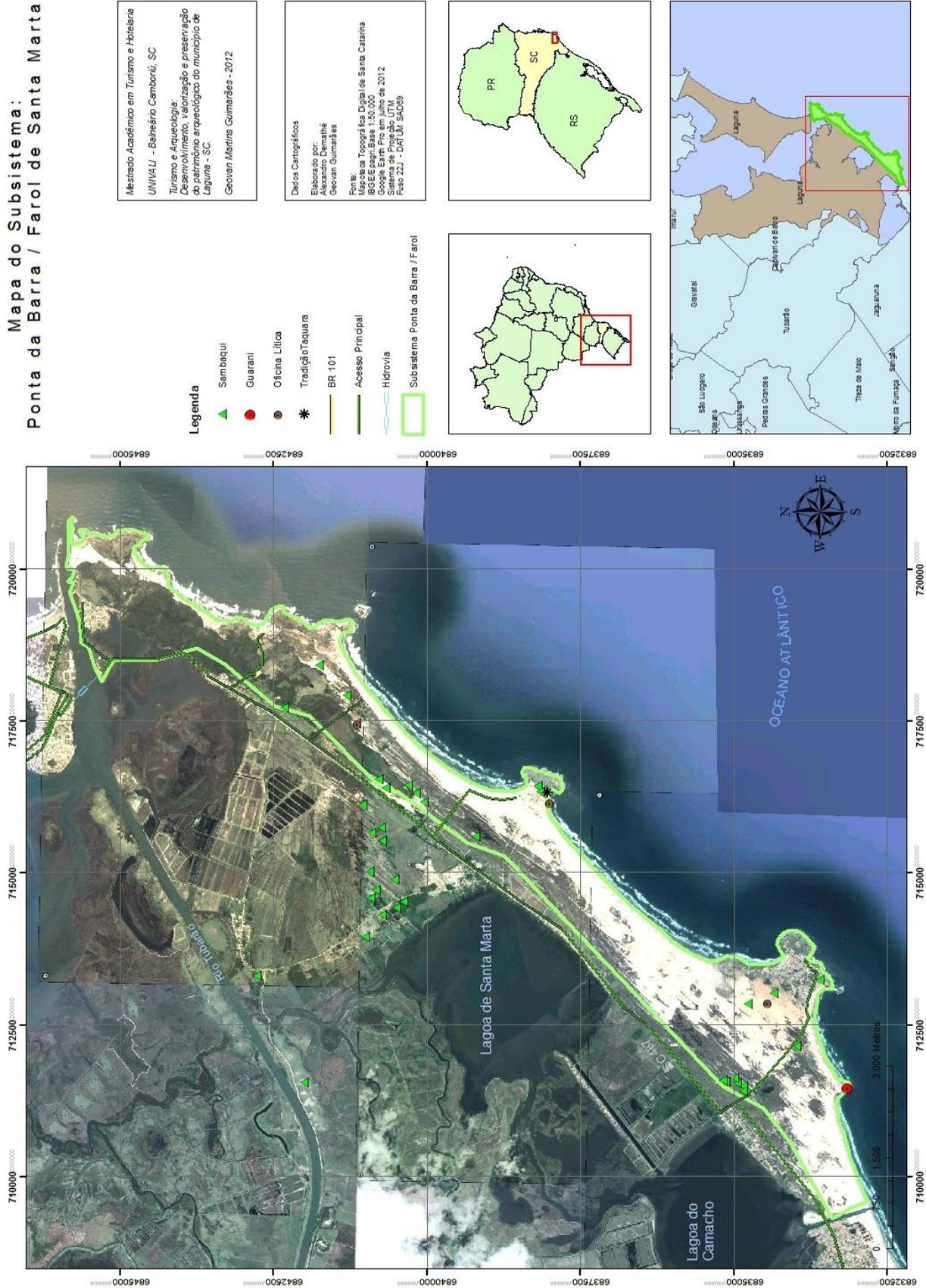
Fonte: Adaptado pelo autor (ASSUNÇÃO, 2010; DEBALISIS, 2007; FARIAS e KNEIP, 2010).* Avaliação da integridade do sítio, realizadas na pesquisa de mestrado de Danilo Assunção, projetos Sambaquis e Paisagens e GRUPEP – Arqueologia:

- 1 - Destruído
- 2 - Parcialmente preservado
- 3 - Bem preservado
- # - Não verificado

O subsistema **Ponta da Barra / Farol de Santa Marta**, localizado na porção sudeste do município, integram este subsistema os bairros: Ponta da Barra, Praia da Tereza, Praia Ypoã, Praia Galheta, Praia Farol de Santa Marta, Praia do Cardoso (mapa 05).

Para chegar ao subsistema a partir da sede urbana é necessário cruzar o canal da barra da Lagoa Santo Antonio, a duas formas, balsa ou bote. O bote faz o cruzamento de pessoas entre os molhes da barra do Mar Grosso e a localidade de

Mapa 05: subsistema Ponta da Barra / Farol de Santa Marta



Ponta da Barra. Segundo o plano diretor funciona das 5:00 às 23:45, a linha é operada pelos proprietários das embarcações, tem capacidade de 20 a 25 pessoas, e não há regulamentação do serviço pela prefeitura.

A balsa faz o cruzamento de pessoas e veículos, o embarque no lado norte da barra é realizado no bairro Magalhães, no lado sul fica na comunidade da Passagem da Barra, junto à SC 487, principal rodovia de acesso ao sul do município, interligando praias e comunidades da região, atualmente encontra-se em obra de pavimentação asfáltica, esta rodovia faz ligação com o município vizinho de Jaguaruna. A porção sul do município é conhecida como Ilha de Laguna, nesta região é encontrada a maior concentração de sítios arqueológicos.

A Ponta da Barra é o primeiro bairro do subsistema a partir da travessia da barra, principal acesso é a rodovia SC 487, é um bairro com ocupação mista, moradores e veranistas. O local é conhecido por oferecer uma gastronomia a base de frutos do mar. O bairro abriga um sítio histórico, Fortim do Atalaia.

Praia da Tereza, acesso em estrada de terra a partir da SC 487, na localidade há via pavimentadas com blocos intercalados de cimento. Área pouco urbanizada, formada essencialmente por habitações de veraneio, que se concentram principalmente junto a linha da costa.

Interligada também pela SC 487, a Praia do Ipoã possui uma área loteada pouco maior que a Praia da Tereza, acessível por estrada de terra, assim como seus arruamentos. Na proximidade foram encontrados quatro sítios arqueológicos, todos da tradição sambaqueira.

A Praia da Galheta é uma área de difícil acesso, todas as vias são estradas de terra, e o acesso a área é feito pela orla, o loteamento não é regularizado. A ocupação se deu junto ao promontório, trata-se de uma área de preservação permanente. Nesta área encontram-se quatro sítios arqueológicos, a especulação imobiliária e a circulação de veículos é o principal risco ao patrimônio arqueológico local.

Neste subsistema o maior adensamento urbano está localizado na Praia do Farol de Santa Marta. De acordo com Cittadin, em 1890 o Ministério da Marinha iniciou a construção do farol no Cabo de Santa Marta, com o objetivo de auxiliar a

navegação. O farol ainda está em funcionamento, possui 74 metros a partir do nível do mar, seu alcance de 22 milhas. Essa construção estimula a ocupação da região, primeiramente por famílias de pescadores e agricultores. Assim como em outras praias do município, a partir da década 70 acontece uma ocupação mais intensa por turistas que procuram o local devido a sua paisagem (2010, p. 88).

A estrada de acesso é de terra, dentro localidade alguns ruas estão pavimentadas com blocos intercalados de cimento. Segundo o plano diretor o arruamento é desalinhado e com muitas vielas, formado por residências de moradores e veraneio. O local possui uma infraestrutura turista com pousadas, hotéis, campings e restaurantes. Sua população oscila bastante, principalmente nos meses de verão e em feriados, muitas vezes ocasionando desequilíbrio no sistema de abastecimento de água.

Em relação às construções pré-coloniais próximas a comunidade do Farol foram cadastrados doze sítios arqueológicos, dentre sítios sambaquis, guarani e uma estação lítica.

Este subsistema abriga uma numerosa quantidade de sítios, são 33 registros de bens arqueológicos, de diferentes tipos. No quadro 05 organizamos algumas informações sobre cada um deles.

Quadro 05: Sítios Arqueológicos do subsistema Ponta da Barra / Farol de Santa Marta

Sítio	Datação	Tipo de sítio	*
Canto da Lagoa I	3370	Sambaqui	2
Canto da Lagoa II	–	Sambaqui	3
Canto da Lagoa III	–	Sambaqui	3
Canto da Lagoa IV	–	Sambaqui	#
Costão do Ilhote de S. Marta	980	Tupiguarani	#
Galheta I	3090	Sambaqui	3
Galheta II	4400 4530	Sambaqui	3
Galheta III ou do Padre	–	Sambaqui	2
Galheta IV	980	Taquara / Itararé	2
Sítio Histórico Galheta V	–	Histórico	#
Ilhote de Ipoã II	–	Sambaqui	#
Ilhote de Ipoã III	–	Sambaqui	#
Lagoa dos Bixos I	–	Sambaqui	3
Lagoa dos Bixos II	–	Sambaqui	3
Lagoa dos Bixos III	–	Sambaqui	2
Lagoa dos Bixos IV	–	Sambaqui	#

Lagoa dos Bixos V	–	Sambaqui	2
Lítico do Ipoã III	–	Sambaqui	#
Morro do Céu	–	Estação lítica	#
Passagem da Barra	–	Sambaqui	2
Roseta (Ilhote de Ipoã)	–	Sambaqui	#
Santa Marta I	3200	Sambaqui	2
Santa Marta II	–	Sambaqui	1
Santa Marta III	–	Sambaqui	3
Santa Marta IV	–	Sambaqui	2
Santa Marta V	4110	Sambaqui	2
Sambaqui Cabo de Santa Marta VI	–	Sambaqui	1
Sambaqui Cabo de Santa Marta VII	–	Sambaqui	1
Sambaqui Cabo de Santa Marta VIII	–	Sambaqui	#
Sambaqui Cabo de Santa Marta IX	–	Sambaqui	3
Sítio Cabo de Santa Marta X	–	Sambaqui	3
Polidores Fixos da Galheta	–	Sambaqui	#
Fortim do Atalaia	–	Sítio histórico	#

Fonte: Adaptado pelo autor (ASSUNÇÃO, 2010; DEBALISIS, 2007; FARIAS e KNEIP, 2010).

* Avaliação da integridade do sítio, realizadas na pesquisa de mestrado de Danilo Assunção, projetos Sambaquis e Paisagens e GRUPEP – Arqueologia:

1 - Destruído

2 - Parcialmente preservado

3 - Bem preservado

- Não verificado

O **subsistema Campos Verdes / Cigana** formado pelos bairros Passagem da Barra, Campos Verdes e Cigana. O mesmo está próximo ao subsistema Ponta da Barra / Farol de Santa Marta, onde o turismo é desenvolvido com bastante intensidade (mapa 06). Neste subsistema o turismo não tem um papel expressivo, o local funciona como uma espécie de corredor de acesso aos atrativos turísticos do subsistema supracitado e pouco se utiliza deste fluxo.

As comunidades existentes formam alguns adensamentos urbanos, em sua maioria residência horizontais, de moradores fixo, e um comércio local. Essencialmente possuem uma dinâmica voltada a atividades agrícolas e a pesca.

A comunidade Passagem da Barra está localizada junto a SC 487, este trecho da rodovia é pavimentado com paralelepípedos, também receberá pavimentação asfáltica.

O acesso ao bairro Campos Verdes é realizado a partir da SC 487, através da Estrada Geral de Campo Verdes. Está localizado próximo ao município de Tubarão, o mesmo possui uma dinâmica rural. Nesta localidade encontra-se o

maior número de registros de sítios arqueológicos deste subsistema, alguns foram totalmente destruídos devido a intensa atividade mineradora que havia na comunidade.

A comunidade de Cigana está ao extremo sul do município, entre a SC 487 e a lagoa da Camacho, a pesca é a principal atividade da localidade. A mesma constitui um pequeno adensamento urbano.

Quadro 6: Sítios Arqueológicos do subsistema Campos Verdes / Cigana

Sítio	Datação	Descrição	*
Canto da Lagoa I	3370	Sambaqui	2
Canto da Lagoa II	–	Sambaqui	3
Canto da Lagoa III	–	Sambaqui	3
Canto da Lagoa IV	–	Sambaqui	#
Caputera I	–	Sambaqui	#
Carnaça I	2400 2460 2550 3040 3210 3275 3300 3310 3350 3370 3370 3400	Sambaqui	3
Carnaça II	–	Sambaqui	2
Carnaça III	–	Sambaqui	2
Carnaça IV	–	Sambaqui	2
Carnaça IX	–	Sambaqui	1
Carnaça V	–	Sambaqui	1
Carnaça VI	–	Sambaqui	2
Carnaça VII	–	Sambaqui	1
Sítio Histórico Carnaça VIII	–	Sambaqui	#
Carnaça X	–	Sambaqui	3
Sítio Histórico Galheta V	–	Histórico	#
Km 308	–	Tupiguarani	#
Madre	–	Sambaqui	#
Morro do Céu	–	Estação Lítica	#
Porteira	–	Sambaqui	#

Fonte: Fonte: Adaptado pelo autor (ASSUNÇÃO, 2010; DEBALISIS, 2007; FARIAS e KNEIP, 2010).

* Avaliação da integridade do sítio, realizadas na pesquisa de mestrado de Danilo Assunção, projetos Sambaquis e Paisagens e GRUPEP – Arqueologia:

1 - Destruído

2 - Parcialmente preservado

3 - Bem preservado

- Não verificado

Subsistema **Ribeirão Pequeno / Pescaria Brava**, está situado a sudeste do município, a maior parte das comunidades desse subsistema está localizado junto as lagoas de Santo Antônio e Imaruí (mapa 07). Formaram-se próximos ao eixo principal da estrada de acesso, criando alguns adensamentos urbanos. Sua principal característica é de ruralidade, com o desenvolvimento da agricultura e pesca. A rodovia BR 101 corta esse subsistema, os acessos aos bairros partem desta rodovia. Há dois acessos principais, uma em direção ao leste para a comunidade de Ribeirão Pequeno, outra ao oeste em direção a Pescaria Brava.

Compõem esta região dois distritos: Ribeirão Pequeno e Pescaria Brava, este último se emancipará do território lagunense em 2013, criado pela lei estadual nº 12.690, de 25 de outubro de 2003. Neste trabalho trataremos este espaço como território de Laguna, visto que, será oficializado apenas no ano de 2013.

Neste subsistema não houve desenvolvimento do turismo, principal potencial seria o turismo rural e o turismo ligado a atividade náuticas. A ocupação das locais é formada por habitações permanentes.

No eixo da estrada geral do Ribeirão Pequeno formam-se as comunidade do Sertão da Maricota, Bananal, Morro Grande, Figueira, Ponta do Daniel, Parobé, Ribeirão Pequeno, Ribeirão Grande, Cortical e Madre.

Junto da estrada Geral de Pescaria Brava estão os bairros Barreiros, Siqueiro, Santiago e Pescaria Brava. Estão localizados próximos a BR 101 estão os bairros Ponta das Laranjeiras, Laranjeiras, Km 37, Taquaraçu, Sertão da Estiva e Estiva. Todos estes farão parte do novo município. Neste subsistema há uma intensa atividade comercial e industrial nos bairros próximos a BR 101.

Quanto ao patrimônio arqueológico cadastrado encontramos apenas o registro de dois sítios, um na comunidade de Ponta das Laranjeiras, um sambaqui que está destruído e outro bem preservado na localidade de Ribeirão Pequeno.

Quadro 07: Sítios Arqueológicos do subsistema Ribeirão Pequeno / Pescaria Brava

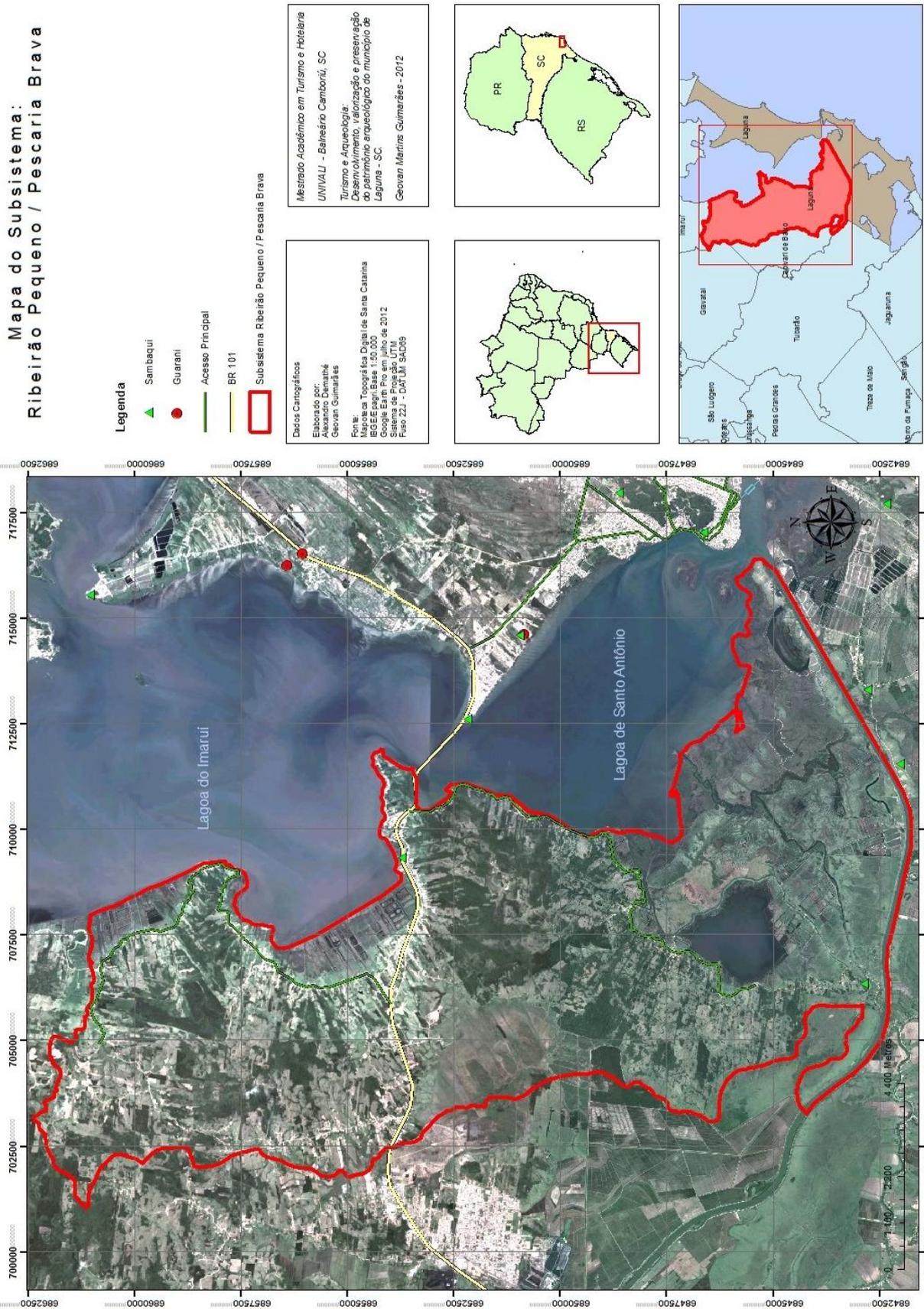
Sítio	Datação	Tipo de sítio	*
Ponta da Laranjeira	–	Sambaqui	1
Ribeirão Pequeno	2390	Sambaqui	3

Fonte: Adaptado pelo autor (ASSUNÇÃO, 2010; DEBALISIS, 2007; FARIAS e KNEIP, 2010).

* Avaliação da integridade do sítio, realizadas na pesquisa de mestrado de Danilo Assunção, projetos Sambaquis e Paisagens e GRUPEP – Arqueologia:

- 1 - Destruido
- 2 - Parcialmente preservado
- 3 - Bem preservado
- # - Não verificado

Mapa 07: Subsistema Ribeirão Pequeno / Pescaria Brava



O último é o **subsistema Cabeçadas / Perrixil** constituído pelos bairros Cabeçadas, Portinho, Jardim Juliana, São Judas Tadeu, Barbacena, Barranceira, Bentos, Caputera, Perrixil, Estreito, Nova Fazenda (mapa 08). Muitas dessas comunidades formam um grande adensamento urbano do município, principalmente a região de Cabeçadas e os bairros próximos ao subsistema Centro Histórico / Mar Grosso. Formado principalmente por residências fixas, são em sua maioria construções horizontais. Este território possui uma dinâmica bastante diversificada, com áreas rurais e urbanas.

Classificamos este subsistema como turístico, mesmo que esta atividade seja incipiente, principalmente se compararmos a outros subsistemas do município. A região possui alguns equipamentos turísticos. É detentora de um grande atrativo natural, as lagoas Santo Antônio, Imaruí e Mirim. O local é propício para prática de esportes náuticos, é já recebe alguns praticantes, além de que a orla da lagoa vive um processo de ocupação por moradores de segunda residência.

Principal via deste sistema é a BR 101, muitas das comunidades foram desenvolvendo-se próximas ao eixo desta rodovia, como Cabeçada, Barranceira, Bentos, entre outras. Esta é o principal acesso a sede urbana do município, tanto para quem chega do sul, como do norte. A SC 436 é a via de ligação entre BR 101 e a sede do município, junto a ela houve um adensamento urbano, constituindo vários bairros como Progresso, Portinho, São Judas Tadeu, entre outros.

Segundo Cittadin o processo formação dessas áreas envolve a “ocupação de baixa renda, composta por pescadores, trabalhadores do comércio e construção civil” (2010, p. 91). O fácil acesso e a valorização das propriedades próximas a lagoa ao redor da lagoa, tornou a área alvo da especulação imobiliária, transformando as áreas rurais urbanizadas com poucas infraestrutura. Marcado por um traçado viário orgânico, com lotes despadronizados, indicando se tratar de aglomerados que surgiram de modo espontâneo (CITTADIN, p. 134).

Fazem parte deste subsistema 12 sítios arqueológicos, pertencente a cultura tupiguarani e sambaqueira, apenas um foi datado.

Quadro 08: Sítios Arqueológicos do subsistema Cabeçuda / Perrixil.

Sítio	Datação	Descrição	*
Barreiros	–	Sambaqui	#
Bentos I	–	Tupiguarani	#
Bentos II	–	Tupiguarani	#
Cabeçuda I	4120	Sambaqui	2
Cabeçuda II	–	Sambaqui	2
Caputera I	–	Sambaqui	#
Caputera II	–	Sambaqui	#
Mato Alto	–	Tupiguarani	#
Peixaria	–	Sambaqui	#
Ponta do Perrixil I	–	Sambaqui	#
Ponta do Perrixil II	–	Sambaqui	#
Porteira	–	Sambaqui	#

Fonte: Adaptado pelo autor (ASSUNÇÃO, 2010; DEBALISIS, 2007; FARIAS e KNEIP, 2010).

* Avaliação da integridade do sítio, realizadas na pesquisa de mestrado de Danilo Assunção, projetos Sambaquis e Paisagens e GRUPEP – Arqueologia:

- 1 - Destruído
- 2 - Parcialmente preservado
- 3 - Bem preservado
- # - Não verificado

4.3 FLUXOS SOCIAIS

Seria estranho falarmos da dinâmica social do município de Laguna e não mencionarmos o período pré-colonial, pois essa é uma região densamente ocupada por grupos pré-coloniais.

Como vimos no subsistema dos fixos construídos grupos pré-coloniais deixaram evidências de ocupação. A data mais antiga encontrada até o momento no atual território do município é de 4530 A.P., e está relacionada à cultura sambaqueira, grupo que habitava regiões lagunares, de onde coletavam moluscos utilizados com material construtivo dos sambaquis, este grupo vem sendo estudado intensamente ao longo das últimas décadas. Grandes projetos de pesquisas foram desenvolvidos com o intuito de buscar compreender a ocupação pré-colonial da região do complexo lagunar. Destacamos aqui o Projeto Arqueológico do Camacho e o Sambaquis e Paisagem, participaram da pesquisa instituições como: Museu de Arqueologia e Etnologia – MAE (USP), Museu Nacional (UFRJ) e Grupo de Pesquisa em Educação Patrimonial e Arqueologia - GRUPEP – Arqueologia (UNISUL), entre outros. Até o momento as evidências encontradas apontam ser

este, o grupo mais antigo que ocupou o município. É importante destacar, as pesquisas arqueológicas na região continuam em andamento, e os dados aqui apresentados não são conclusivos, essas são informações que dispomos e nos permite fazer algumas considerações, ainda há muito para desvendar sobre os primeiros habitantes da região.

Basicamente podemos dizer os sambaquis eram locais ritualísticos dos grupos pescadores-caçadores-coletores, como afirma DeBlasis *et al* “tais sítios vêm sendo considerados, nos últimos anos, estruturas intencionalmente construídas (Gaspar e DeBlasis 1992), plenas de significação simbólica para seus construtores” (2007, p.30). Esses sítios aparentemente não eram locais de atividades cotidianas, os pesquisadores afirmam que as evidências indicam ser ambientes onde ocorriam essencialmente atividades rituais relacionadas ao culto aos mortos, aos ancestrais. (DeBlasis *et al*, 2007, p.49)

Esses grupos caçadores-pescadores-coletores possuíam toda uma complexidade social afirma DeBlasis *et al*:

...desenvolveram uma série de características mais elaboradas de organização social, envolvendo articulação comunal em torno de estratégias/ideologias amplamente compartilhadas, incluindo construções públicas e/ou atividades cerimoniais. Eventualmente, a presença de desigualdade social, hierarquias e lideranças formalmente estabelecidas os aproximariam dos modelos de organização genericamente designados como *chefias*, ou *cacicados* (2007, p.33).

Através das datações de alguns desses sítios os pesquisadores deduzem que muitos dos sambaquis foram construídos ao longo de várias gerações. Conforme DeBlasis *et al*, “uso contínuo por centenas de anos dos mesmos *loci* funerários aponta para um padrão de ocupação sedentário, onde os sambaquis emergem como monumentos que representam uma relação territorial e simbólica bastante estável...” (2007, p. 42).

Entre o período de 4,2 e 2 mil anos atrás aproximadamente observou-se um aumento significativo no número de sítios, as pesquisas consideram que neste período a região tem uma significativa expansão demográfica. O fenômeno não causa aparentemente mudanças na organização econômica e cultural da sociedade sambaqueira. Dados paleopatológicos da população esquelética do sítio

jaboticabeira II reforçam a ideia de sedentarismo e adensamento demográfico (DeBlasis *et al*, 2007, p.41).

Segundo dados do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística em seu último censo (2010) Laguna possui uma população de 51.562 habitantes, com uma densidade demográfica de 117 habitantes por km². Destes 49% são homens e 51% mulheres, isso em termos gerais, se analisarmos somente a faixa etária da população adulta (de 20 a 64 anos), temos um percentual de 30% de homem e 31% mulheres, assim como na distribuição total por gênero, são valores bastante aproximados. Se examinarmos essa distribuição a nível estadual e nacional conforme gráfico 01, são também estes muito semelhantes.

Gráfico 01: População brasileira, catarinense e lagunense, distribuída por gênero e domicílio



Fonte: IBGE (2010)

Da população lagunense, 79% das pessoas vivem em área urbana e 21% em área rural, proporcionalmente a percentagem de habitantes residentes em área rural é maior que a distribuição estadual (16%) e nacional (16%). A tabela 01 expressa o crescimento populacional total, por gênero e por área de domicílio a partir do ano de 1980 até 2010. Observa-se que o número de residentes em área rural tende a reduzir, o plano diretor da cidade apresentou uma estimativa de que no ano de 2020 a população rural se aproxime de 19%, ainda assim uma população maior que os atuais 16% dos residentes em área rural em nível de Brasil e Santa Catarina.

Tabela 01: Dados população municipal distribuída por condição de domicílio

Ano	Total	Gênero				Domicílio			
		Homens	%	Mulheres	%	Urbano	%	Rural	%
1980	39.531	19.494	49,3	20.037	50,7	28.325	71,7	11.206	28,3
1991	44.862	22.140	49,4	22.722	50,6	34.174	76,2	10.688	23,8
1996	43.870	21.610	49,3	22.260	50,7	34.346	78,3	9.524	21,7
2000	47.568	23.396	49,2	24.172	50,8	37.284	78,4	10.284	21,6
2007	49.537	24.384	49,2	25.153	50,8	39.367	79,5	10.170	20,5
2010	51.554	25.308	49,1	26.246	50,9	41687	80,9	10.895	21,1

Fonte: Plano diretor municipal (2009) e IBGE (2010)

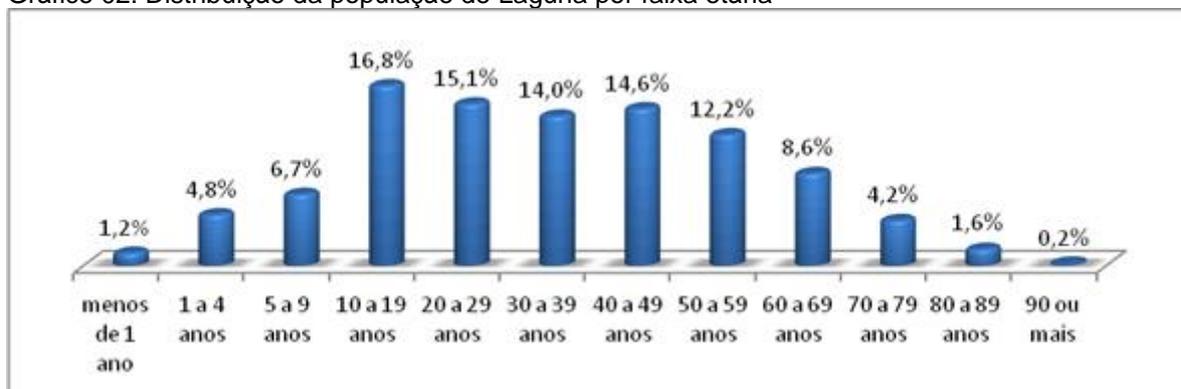
Tabela 02: Dados populacionais de Laguna, Santa Catarina e Brasil

	Total da população 2010	Total de homens	%	Total de mulheres	%	Total da população urbana	%	Total da população rural	%
Laguna	51.562	25.305	49	26.257	51	40.665	79	10.907	21
Santa Catarina	6.249.682	3.101.087	50	3.148.595	50	5.249.197	84	1.000.485	16
BRASIL	190.732.694	93.390.532	49	97.342.162	51	160.879.708	84	29.852.986	16

Fonte: Elaborado com base em IBGE 2010

Quanto à distribuição da população por faixa etária do município, percebemos que a maior parte está concentrada entre as faixas de 10 a 59 anos. Se distinguirmos estas faixas por fases de vida, considerando jovens a partir do nascimento a 19 anos, estes representam 29,5% do total, adultos dos 20 a 59 anos correspondem a 55,9% e idosos mais de 60 anos totalizam 14,6%. Percebemos que o grupo etário mais representativo são indivíduos adultos, seguido pelos jovens e por último os idosos.

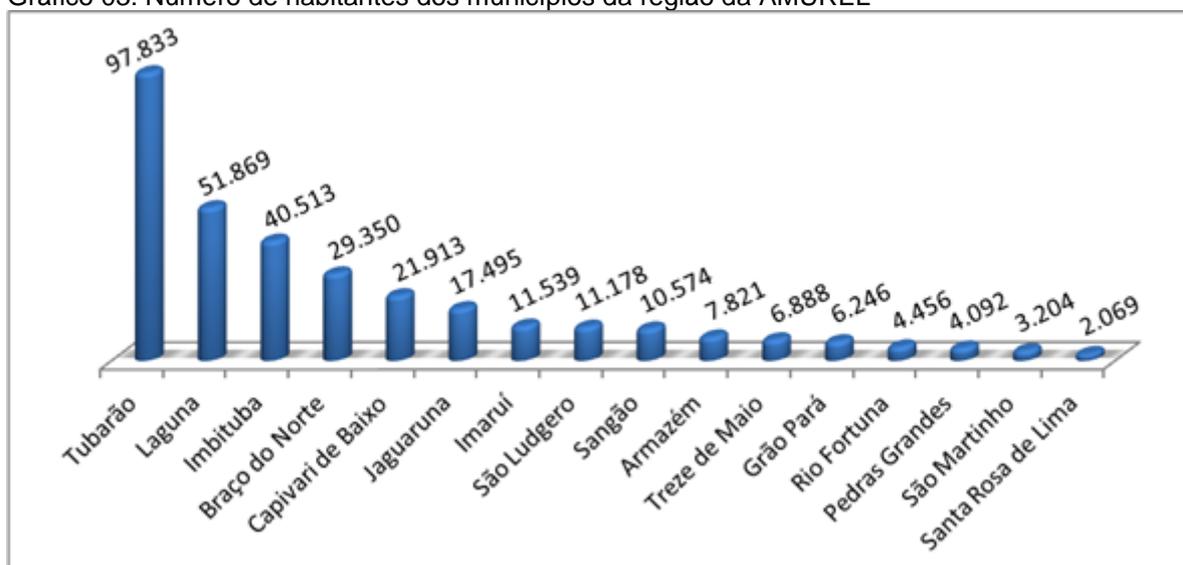
Gráfico 02: Distribuição da população de Laguna por faixa etária



Fonte: IBGE (2010)

Laguna possui a segunda maior população da AMUREL, associação composta por dezesseis municípios, o município mais populoso e a cidade de Tubarão com pouco mais de 97 mil habitantes, o município com menor população da região é Santa Rosa de Lima com pouco mais de 2 mil habitantes. As cidades com maior número de habitantes (mais de 20 mil) da AMUREL, exceto Braço do Norte, são limítrofes ao município de Laguna, como Imbituba (40.513 habitantes), Tubarão, Capivari de Baixo (21,913 habitantes).

Gráfico 03: Número de habitantes dos municípios da região da AMUREL



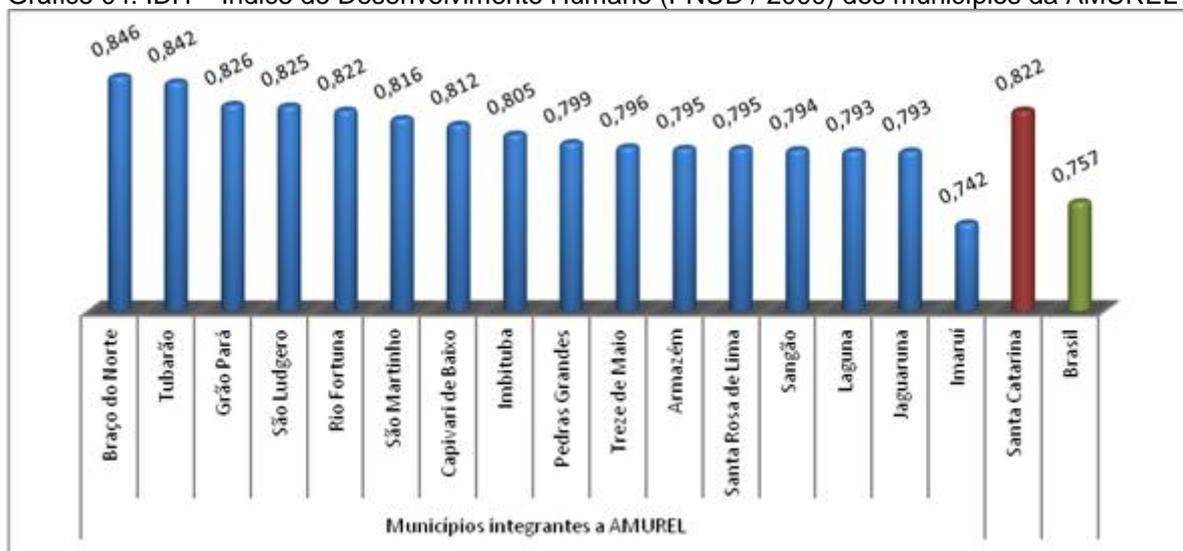
Fonte: IBGE (2010).

Sua colocação como segunda cidade mais populosa da AMUREL não garante qualidade de vida aos munícipes. Segundo um dos indicadores de qualidade de vida, o Índice de Desenvolvimento Humano – IDH, desenvolvido pelo PNUD - Programa das Nações Unidas para Desenvolvimento, que avalia aspectos socioculturais, econômicos, saúde, entre outros, Laguna possui uma posição desconfortável em relação a outros municípios na região em que esta inserida.

O IDH de Laguna em relação aos municípios que compõem a AMUREL, é baixo e precisa melhorá-lo, pois a cidade figura entre os índices mais baixos da região, tecnicamente com o mesmo valor do município de Jaguaruna, ambas estão a frente apenas de Imaruí. Como podemos ver no gráfico 04, Laguna tem um índice de 0,793, o melhor índice da região é de Braço do Norte (0,846), seguida de

Tubarão (0,842) e Grão Pará (0,826), os indicadores apontaram que a cidade de Imaruí possui o IDH mais baixo da AMUREL (0,742), mantendo uma distância significativa das cidades seguinte.

Gráfico 04: IDH – Índice de Desenvolvimento Humano (PNUD / 2000) dos municípios da AMUREL



Fonte: AMUREL, (2010); Santa Catarina em números (2010).

Se compararmos o IDH de Laguna ao índice brasileiro, que é de 0,757, um valor satisfatório, pois este é superior ao nacional, porém muito abaixo do índice estadual de 0,822, e a grande maioria dos municípios da região da AMUREL.

4.4 FLUXOS ECONÔMICOS

No meio rural as culturas agrícola que mais se destacam (tabela 03) em Laguna é o cultivo de mandioca, com 10.200 toneladas, seguida pela cana-de-açúcar, com 8.000 toneladas, e arroz com 7.800 toneladas, outras produções não obtiveram resultados expressivos. Em relação à área plantada a rizicultura ocupa uma extensão de 1.300 hectares (ha), a mandioca 600 ha, cana-de-açúcar 400 ha, milho e feijão somam 70 ha. No valor da produção novamente a rizicultura fica a frente, alcançou a cifra de 2.262 milhões de reais, mandioca 2.244 milhões, cana-de-açúcar 640 mil, outras culturas totalizaram 72 mil. Se analisarmos a produção agrícola ao longo dos últimos anos (tabela 03) podemos observar que o cultivo de

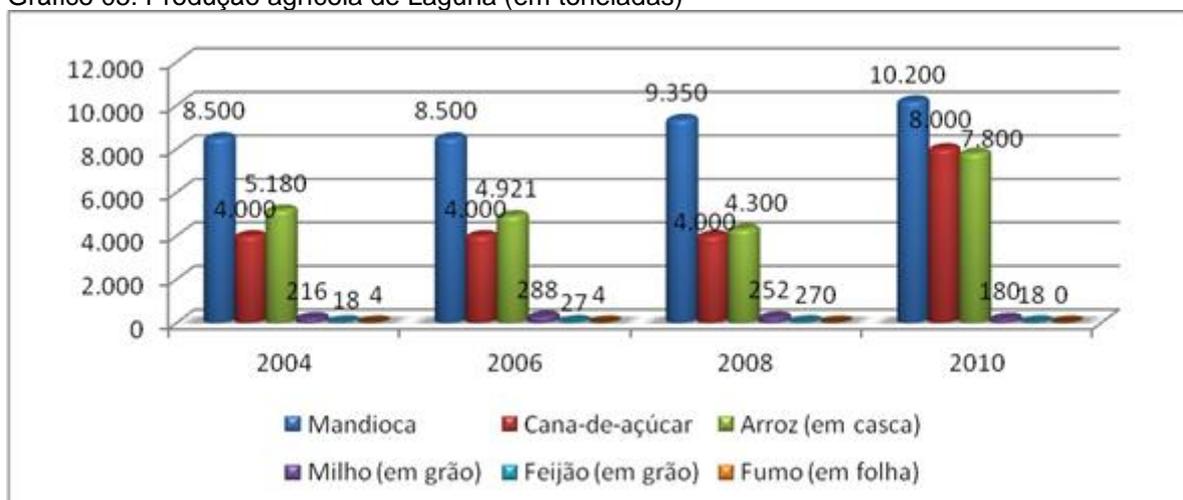
mandioca sempre esteve a frente das demais produções. Nos anos de 2004 e 2006 foi registrado o plantio de fumo, nos anos seguintes não houve registro.

Tabela 03: Valores referentes a lavoura temporária dos anos de 2004, 2006, 2008 e 2010. (em destaque os maiores valores de cada produto).

Produto	2004			2006			2008			2010		
	Toneladas	Valor da produção(mil reais)	Área plantada(hec tares)	Toneladas	Valor da produção(mil reais)	Área plantada(hec tares)	Toneladas	Valor da produção(mil reais)	Área plantada(hec tares)	Toneladas	Valor da produção(mil reais)	Área plantada(hec tares)
Mandioca	8.500	1.615	500	8.500	680	500	9.350	1.403	550	10.200	2.244	600
Cana-de-açúcar	4.000	240	200	4.000	240	200	4.000	280	200	8.000	640	400
Arroz (em casca)	5.180	3.626	740	4.921	1.476	740	4.300	1.978	827	7.800	2.262	1.300
Milho (em grão)	216	60	60	288	79	80	252	90	70	180	54	50
Feijão (em grão)	18	21	20	27	18	30	27	41	30	18	18	20
Fumo (em folha)	4	17	2	4	19	2	-	-	-	-	-	-

Fonte: IBGE, Produção Agrícola Municipal 2004; Rio de Janeiro: IBGE, 2006; IBGE, Produção Agrícola Municipal 2006; Rio de Janeiro: IBGE, 2007; IBGE, Produção Agrícola Municipal 2008. Rio de Janeiro: IBGE, 2007; IBGE, Produção Agrícola Municipal 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2011.

Gráfico 05: Produção agrícola de Laguna (em toneladas)



Fonte: Elaborado a partir de dados do IBGE.

A silvicultura também tem sua participação na economia da cidade, principalmente na produção de lenha e madeira em tora. Segundo LAGUNA, “estes produtos, após um período de oscilação a partir de 1998, no ano de 2007 cresceu consideravelmente, tanto em termos de quantidade produzida quanto do valor da sua produção” (2010, p. 242).

A bovinocultura é a atividade pecuarista de maior expressividade, no ano de 2010 o rebanho contabilizou 18260 de cabeças, comparado os dados de 2004 houve um crescimento de 48%. No ano de 2004 o município possuía uma criação representativa de galinha (4.812 cabeças), mas através dos dados atuais percebemos uma queda acentuada desse valor (-65%). A caprinocultura foi a criação que obteve maior aumento percentualmente para o período (321%). A tabela 04 apresenta os valores da pecuária do município.

Tabela 04: Valores referentes a pecuária dos anos de 2004, 2006, 2008 e 2010, número de cabeças por rebanho

Rebanho	Anos				Evolução 2004/2010
	2004	2006	2008	2010	
Bovinos	12.357	14.832	19.207	18.260	48%
Bubalinos	395	215	492	402	2%
Caprinos	168	370	315	708	321%
Coelhos	-	-	-	4	0%
Equinos	288	233	270	520	81%
Galinhas	4.812	3.820	343	1.670	-65%
Galos, frangas, frangos e pintos	2.918	1.190	2.394	8.520	192%
Ovinos	334	669	501	708	112%
Suínos	808	277	116	50	-94%
Vacas ordenhadas	-	1.235	5.762	3.279	166%*
Total	22.080	22.841	29.400	34.121	55%

Fonte: IBGE (2010)

* Valor comparado ao ano de 2006. No ano de 2004 não houve registro.

Em se tratando do setor produtivo primário, no município também se destaca a pesca, em moldes artesanais com a captura de crustáceos e peixes, bem como a pesca industrial, que destina sua produção para ser processado em empresas no município, principalmente na localidade de Cabeçudas. A pesca de crustáceos é realizada, sobretudo nas lagoas do complexo lagunar (Santo Antônio, Imaruí e Mirim), o município também já foi destaque na carcinicultura (criação de camarão em cativeiro), mas devido a uma patologia que afetou drasticamente o cultivo a produção entrou em declínio.

Embora com representatividade menor que os outros dois setores produtivos lagunense, o setor primário desempenha um papel importante na dinâmica econômica do município.

A economia urbana é bastante diversificada, com destaque para o terceiro setor. Na tabela 05 são apresentados os resultados do PIB a partir do ano 1999 até 2009, em valores absolutos e relativos. Percebemos que a maior contribuição vem do terceiro setor (serviços), chegou a representar quase três quartos do montante. A maior taxa de crescimento acumulada para o mesmo período foi da indústria, com 340%, a agropecuária 239% e os serviços com menor taxa 178%, ainda assim, o setor de serviços responde sozinho por mais da metade do PIB do município.

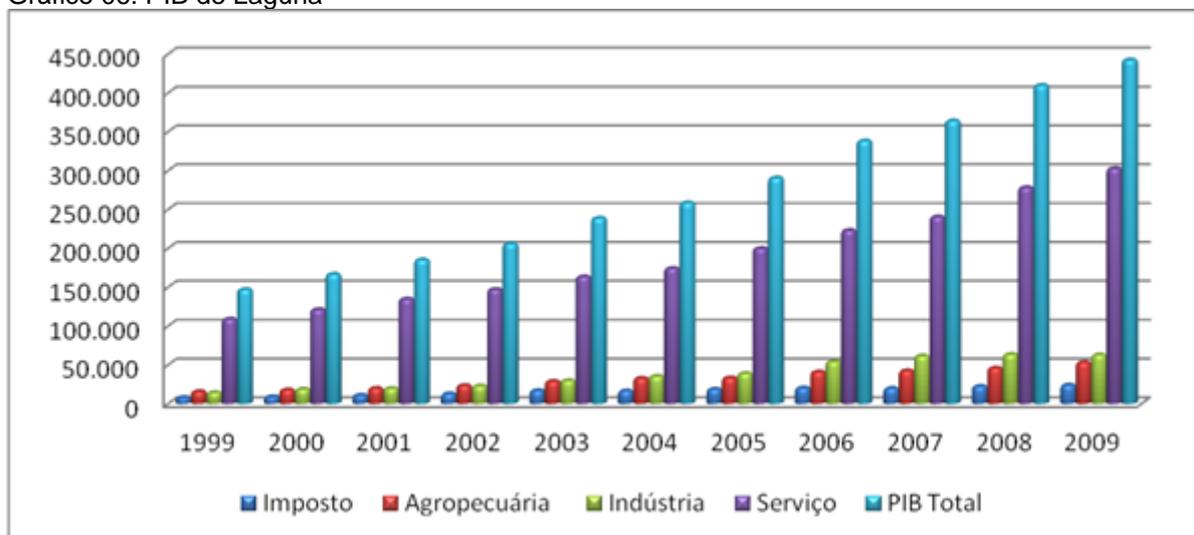
Tabela 05: PIB do município de Laguna do período 1999/2009, valores absolutos e percentuais

Valor adicionado (em milhões de Reais)					
Valor absoluto					
Ano	Agropecuária	Indústria	Serviços	Impostos	PIB Total
1999	15.659	14.279	108.922	7.878	146.738
2000	17.839	18.560	121.146	8.895	166.441
2001	19.727	19.554	134.694	11.003	184.978
2002	23.314	22.702	146.903	12.766	205.684
2003	28.765	29.623	163.413	16.824	238.625
2004	32.605	35.299	174.125	16.377	258.406
2005	33.104	38.869	199.798	18.685	290.455
2006	40.798	53.976	223.031	20.222	338.027
2007	42.375	61.443	240.363	19.752	363.933
2008	45.782	63.404	278.126	22.354	409.666
2009	53.030	62.857	302.551	23.893	442.331
Valor relativo					
1999	10,7%	9,7%	74,2%	5,4%	100%
2000	10,7%	11,2%	72,8%	5,3%	100%
2001	10,7%	10,6%	72,8%	5,9%	100%
2002	11,3%	11,0%	71,4%	6,2%	100%
2003	12,1%	12,4%	68,5%	7,1%	100%
2004	12,6%	13,7%	67,4%	6,3%	100%
2005	11,4%	13,4%	68,8%	6,4%	100%
2006	12,1%	16,0%	66,0%	6,0%	100%
2007	11,6%	16,9%	66,0%	5,4%	100%
2008	11,2%	15,5%	67,9%	5,5%	100%
2009	12,0%	14,2%	68,4%	5,4%	100%
Taxa de crescimento %					
1999/2009	239%	340%	178%	203%	201%

Fonte: IBGE (2012)

O gráfico 06 representa o PIB do município de Laguna em um período de 10 anos, bem como a participação dos diferentes setores na constituição deste, é perceptível a contribuição do setor de serviços no PIB municipal.

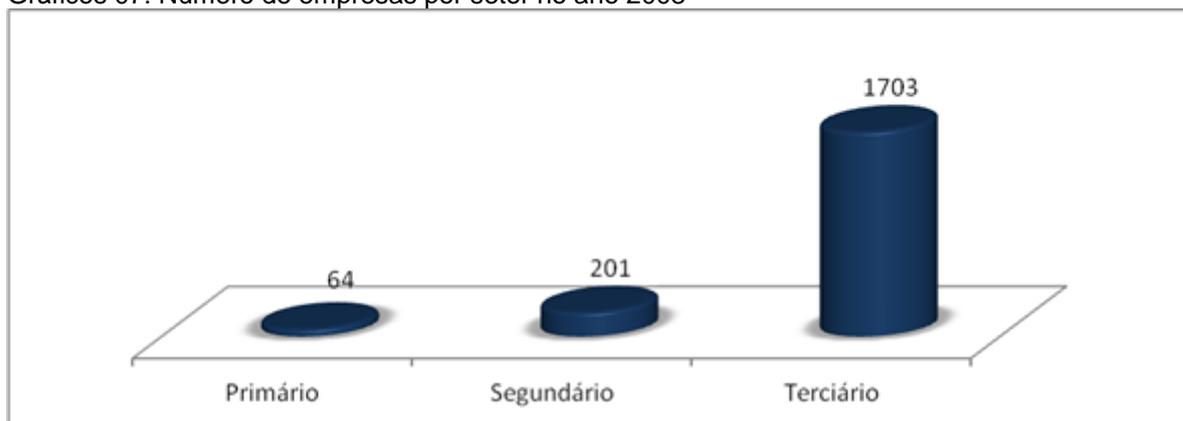
Gráfico 06: PIB de Laguna



Fonte: IBGE (2012)

No ano de 2008 Laguna possuía 1968 empresas formais de diferentes portes, no gráfico 07 podemos observar a distribuição por setor produtivo, no setor primário foram registradas 64 empresas, secundário 201 e com grande expressividade o setor terciário apresentou 1703 empresas.

Gráficos 07: Número de empresas por setor no ano 2008



Fonte: SEBRAE (2010, p. 41)

Realizamos o levantamento das empresas existente no município, utilizamos como fonte de pesquisa o site do Ministério do Trabalho e Emprego – MTE através Relatório Anual RAIS, os resultados foram organizados na tabela 06.

No ano de 2012 já foram registradas 2.196 empresas no município um aumento de 29% comparado ao ano de 2008, a maior parte desse valor são empresas do comércio (912 empresas) representando 41,5% do total, 44,9% empresas prestadoras de serviços (985 empresas) e 7,6% indústrias de transformação.

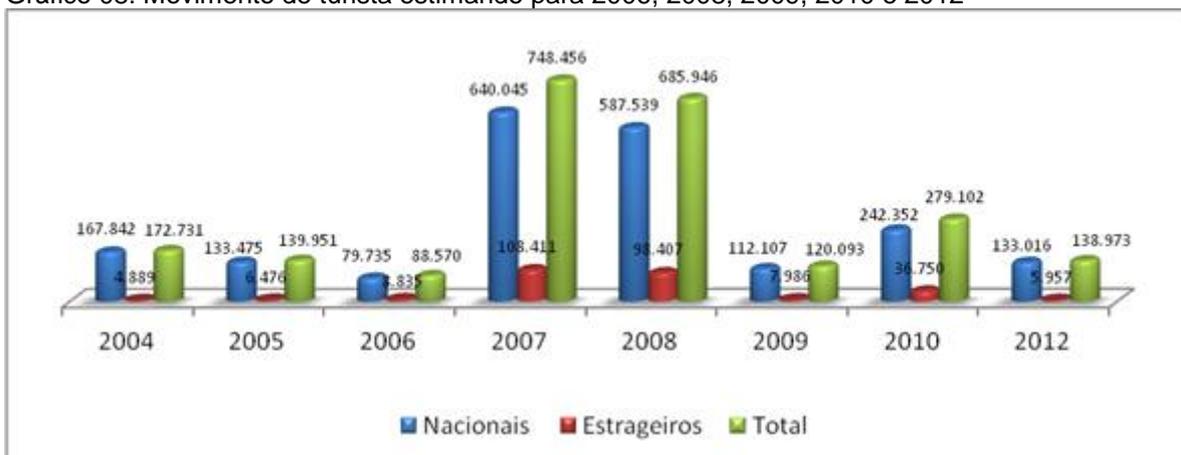
Tabela 06: Número empresas em Laguna, até o ano de 2012

Descrição	Número de empresas	Participação no valor total
Comércio	912	41,5%
Extrativa mineral	4	0,2%
Indústria de transformação	166	7,6%
Serviços industriais de utilidade pública	5	0,2%
Construção civil	61	2,8%
Serviços	985	44,9%
Administração pública direta e autárquica	6	0,3%
Agropecuária, extração vegetal, caça e pesca	57	2,6%
Total	2.196	100,0%

Fonte: MTE – RAIS (2012)

A atividade turística tem uma importante participação na economia de Laguna. Segundo os dados do Estudo de Demanda Turística realizado pela SANTUR (2006, 2008, 2009, 2010 e 2012), o número de turistas oscilou bastante no município entre 2004 a 2012 (gráfico 08), a média total para o período foi de 296.728 de visitantes por ano. Nos anos de 2007 e 2008 foram registrados os maiores picos, com um total superior a 680 mil turistas, a grande parte de origem nacional (superior a 580 mil pessoas) e um número considerável de estrangeiros, mais de 90 mil visitantes. O movimento de turistas no período de 2004 a 2006 sofre uma queda de 49% no total de turistas, em contrapartida a procura por estrangeiros sobe 45%, ainda assim uma participação bastante modesta deste público no total de visitantes. Comparado ao maior pico do período, no ano de 2009 há uma queda brusca nos números, foi estimada um total de apenas 120.093 visitas, na temporada de 2012 o público estimado foi de 138.973 turistas.

Gráfico 08: Movimento de turista estimando para 2006, 2008, 2009, 2010 e 2012*

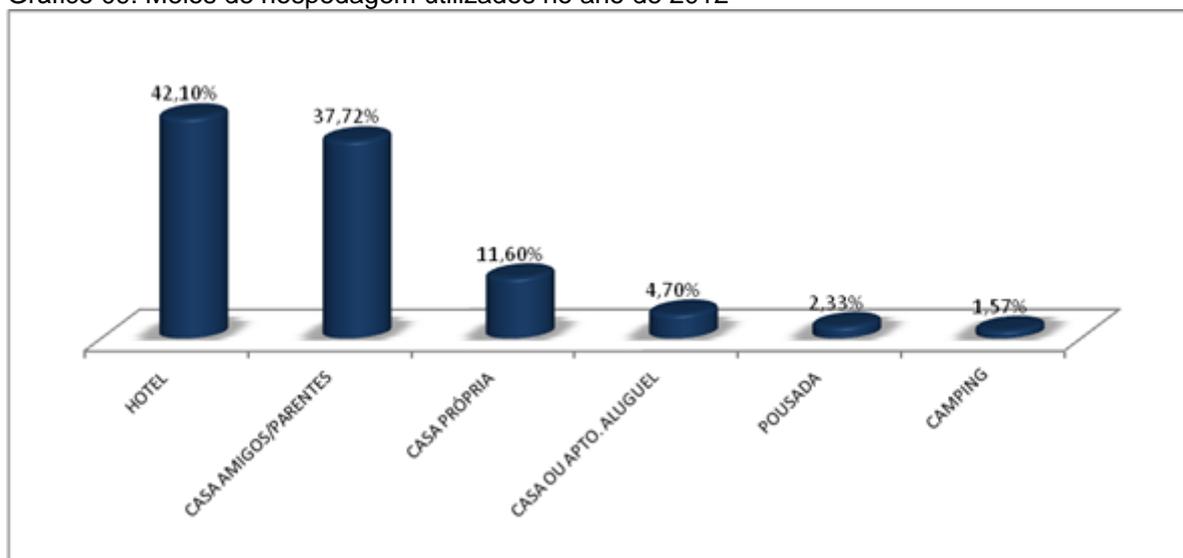


Fonte: SANTUR (2006, 2008, 2009, 2010 e 2012)

* O movimento para o ano de 2011 não se encontrava disponível.

Um dos grandes problemas do turismo em Laguna é a sazonalidade. O movimento ocorre essencialmente na temporada de verão, causando grande pressão ao ambiente, ocasionado devido a grande concentração de turista em curto espaço de tempo. Uma das áreas mais disputadas é a Praia do Mar Grosso, localizada próxima a sede do município, devido ao incentivo do poder público no desenvolvendo da infraestrutura local, estimula o crescimento urbano. Trata-se de um adensamento urbano, predominantemente formado por casa e prédios residenciais, é nessa área onde se localiza maior parte dos equipamentos turísticos de hospedagem e alimentação. Muitas das residências ficam maior parte do tempo desocupadas durante a baixa temporada, é muito forte o turismo de segunda residência no município, um panorama que não contribuiu para o fortalecimento do setor hoteleiro. No gráfico 09 apresentamos os meios de hospedagem utilizados, individualmente a opção mais utilizada é o hotel, com 42,10%, mas somando as opções casa de amigos/parentes, casa própria e casa ou apartamentos alugados temos um total de 54,01%, mais da metade dos visitantes não utiliza meios de hospedagem como hotel e pousada.

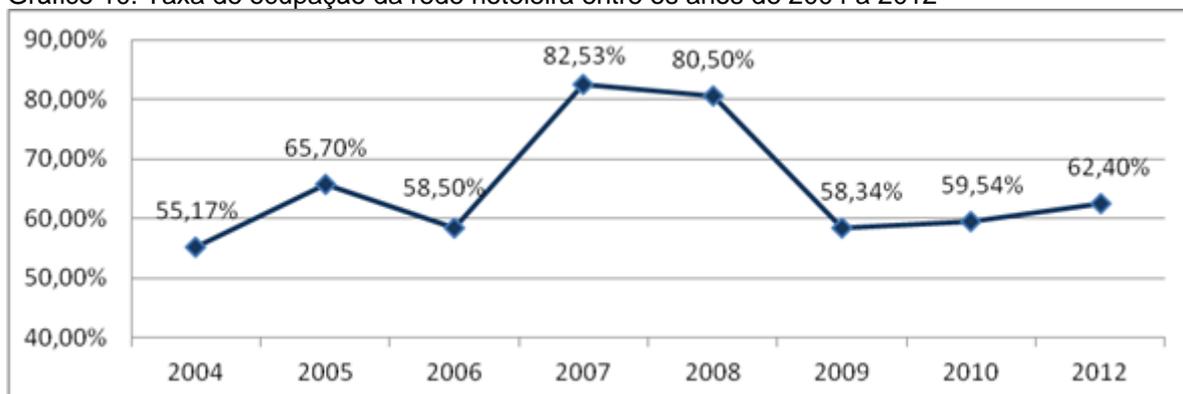
Gráfico 09: Meios de hospedagem utilizados no ano de 2012



Fonte: SANTUR (2012)

De acordo com informações oficiais a taxa de ocupação hoteleira do município em seu maior pico, no ano de 2007 registrou uma ocupação de 82,53%, em 2012 foi de 62,40%. Segundo o levantamento da SANTUR os resultados foram apresentados pela Secretaria Municipal de Turismo e Lazer.

Gráfico 10: Taxa de ocupação da rede hoteleira entre os anos de 2004 a 2012



Fonte: SANTUR

A receita gerada pelo turismo (tabela 07) em Laguna segundo dados da SANTUR ultrapassa a ordem de 15 milhões de dólares, o maior rendimento foi registrada no ano de 2008, foram 308.592.566,40 de dólares, em 2012 esse valor estimado teve uma redução significativa para 53.097.415,30 de reais²².

²² Entre os anos de 2004 e 2009, a SANTUR realizou a estimativa de receita em dólares; já em 2010 e 2012, os valores foram estimados em reais.

Tabela 07: Receita gerada pelo turismo entre os anos de 2004 á 2012

Ano	Receita gerada estimada		
	Nacionais	Estrangeiros	Total
2004*	15.466.967,77	993.949,63	16.460.917,40
2005*	18.582.148,26	1.339.267,68	19.921.415,94
2006*	13.991.252,80	1.834.387,70	15.825.640,50
2007*	203.314.458,69	40.979.312,76	244.293.771,45
2008*	252.823.895,38	55.768.671,01	308.592.566,40
2009*	41.922.125,33	4.371.282,32	46.293.407,65
2010**	114.004.987,97	10.854.802,71	101.818.403,49
2012**	49.975.277,03	3.122.138,27	53.097.415,30

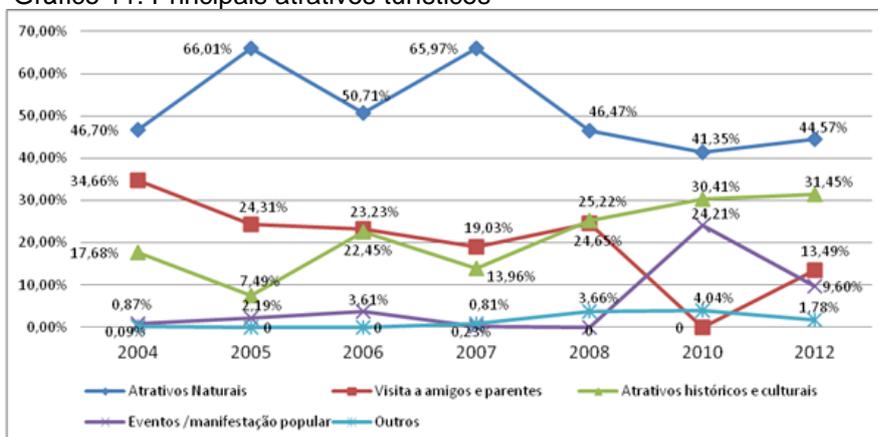
Fonte: SANTUR

* Valor estimado em Dólar

** Valor estimado em Real

Quanto aos principais atrativos do município (gráfico 11), os naturais são os mais citados. No ano de 2012 representou 44,57% das respostas, em Laguna são encontradas diversas praias, de urbanizadas às praias desertas, são estas os principais motivadores da visita. Os atrativos históricos culturais figuram neste mesmo ano em segundo lugar, foram 31,45%, o município é detentor de importante patrimônio cultural, pouco usufruído, que permitiria coloca-lo como destino cultural de excelência. Embora este atrativo venha ganhado destaque ao longo dos anos no cenário do turismo da cidade, ainda é necessário políticas públicas para planejar e gerir o seu desenvolvimento. Outra grande motivação para os visitantes é o fato de poderem visitar amigos e parentes, em 2009 somaram 13,49%. Eventos e manifestações populares também atraíram visitantes, foram 9,60%, nesse atrativo destacamos o Carnaval de rua, que atrai visitantes de toda região e outros estados.

Gráfico 11: Principais atrativos turísticos



Fonte: SANTUR

O turismo em Laguna se realiza principalmente na temporada de verão, onde há grande procura por suas praias. Os balneários são ocupados fundamentalmente por veranistas que possuem no local segunda residência, estes poucos desfrutam do local fora do verão. Após esse período o movimento reduz drasticamente, enfraquecendo a economia nos locais. O município carece de políticas públicas que incentivem a procura por visitantes em baixa temporada.

5 ENTREVISTA COM MORADORES E TURISTAS

Após coleta os dados foram tabulados em planilha eletrônica do Microsoft Excel. Os formulários foram aplicados com grupos de moradores e visitantes no município de Laguna, em duas etapas de campo, fevereiro e maio de 2012 e em duas áreas distintas: Mar Grosso e Centro Histórico. O primeiro período foi escolhido, por ser este o momento do ano em que a cidade recebe maior número de visitantes, já as áreas escolhidas se deu ao fato de serem pontos preferenciais de turistas e possuírem muitos moradores.

Os formulários aplicados aos grupos de moradores e visitantes possuía 20 questões abertas e fechadas, algumas específicas e outras comuns aos dois grupos, conforme quadro 09:

Quadro 09 – Questionário de pesquisa

Tipo de questões	MORADORES	VISITANTES
Específicas abertas	<ul style="list-style-type: none"> • Número de membros de sua família • Número de pessoas da família que trabalham em Laguna e fora do município. • Quando falamos da história de Laguna que aspectos devem ser destacados? • O que você considera patrimônio histórico, cultural e arqueológico na sua região? 	<ul style="list-style-type: none"> • Procedência • Quais os cinco últimos destinos turísticos que você visitou? • Qual atrativo fez com que você escolhesse laguna como destino turístico? • Quanto tempo ficará na cidade?
Específicas fechadas	<ul style="list-style-type: none"> • Qual órgão público é responsável pela preservação dos sítios arqueológicos? • Você já participou de atividade educativa sobre a pré-história local? • Você já visitou algum museu ou exposição sobre a pré-história local? Qual? 	<ul style="list-style-type: none"> • É a sua primeira visita ao município? • Qual meio de hospedagem está utilizando? • Retornaria ao município? Por quê?
Comuns abertas	<ul style="list-style-type: none"> • Idade • Profissão • Escolaridade • O que espera ver em um sítio arqueológico? 	

Comuns fechadas	<ul style="list-style-type: none"> • Gênero • Já ouviu falar sobre pré-história e/ou arqueologia do Brasil? • Sabe o que é um sítio arqueológico? • Já visitou um sítio arqueológico? • O município de laguna possui sítio arqueológico? • Você acha interessante visitar um sítio arqueológico? • Você considera importante a preservação dos sítios arqueológicos?
------------------------	---

Fonte: Geovan Martins Guimarães

Para encontrar nuances nas respostas realizamos uma análise por *cluster*, as respostas foram analisadas dentre os diferentes grupos buscando identificar diferenças em um dado perfil respondentes. Criamos dois *clusters*, averiguamos as diferenças entre faixas etárias distintas e grau de escolaridade, para os grupos de moradores e visitantes separadamente.

Foram aplicados 270 formulários de pesquisas com dois grupos moradores e visitantes. As entrevistas com os visitantes ocorreram em fevereiro no Centro Histórico e Mar Grosso. Inicialmente havíamos definido a localidade do Farol de Santa Marta, mas devido a baixa circulação de visitantes não foi possível proceder a entrevista. Foram aplicados 135 formulários (Apêndice B) com o grupo de visitantes, com questões abertas e fechadas.

A segunda etapa ocorreu em maio de 2012, onde se focou a entrevista no grupo de moradores (formulário Apêndice C). Selecionamos o Centro Histórico para aplicarmos os formulários, visto ser este um local de grande circulação de moradores, provenientes de várias localidades do município, possibilitando uma amostra mais diversificada. Entrevistamos também alguns moradores de uma pequena localidade próxima ao centro, Morro do Peralta, onde há registro de um sítio arqueológico. A amostra total de moradores foi de 135 pessoas.

No intuito de verificar fatores que podem influenciar na escolha de visita de moradores e visitantes ao sítio arqueológico, foram apresentadas análises por grupos (moradores e visitantes) e em conjunto.

5.1 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS DA ENTREVISTA

Primeiramente, buscou-se conhecer o perfil dos respondentes de cada grupo a fim de visualizar a semelhança/diferenças entre os grupos pesquisados, em termos de gênero, estado civil e escolaridade. A descrição do perfil dos respondentes é apresentada na tabela 08.

Tabela 08 – Perfil dos respondentes

MORADORES						
Gênero			Estado Civil			
Masculino: 31%		Feminino: 69%		Solteiro: 58%		Casado: 42%
Escolaridade						
Fundamental Incompleto: 21%	Fundamental Completo: 23%	Médio Incompleto: 6%	Médio Completo: 26%	Superior Incompleto: 9%	Superior Completo: 14%	Pós-graduação: 1%
VISITANTES						
Gênero			Estado Civil			
Masculino: 34%		Feminino: 66%		Solteiro: 53%		Casado: 47%
Escolaridade						
Fundamental Incompleto: 5%	Fundamental Completo: 19%	Médio Incompleto: 1%	Médio Completo: 36%	Superior Incompleto: 9%	Superior Completo: 27%	Pós-graduação: 3%

Fonte: Geovan Martins Guimarães

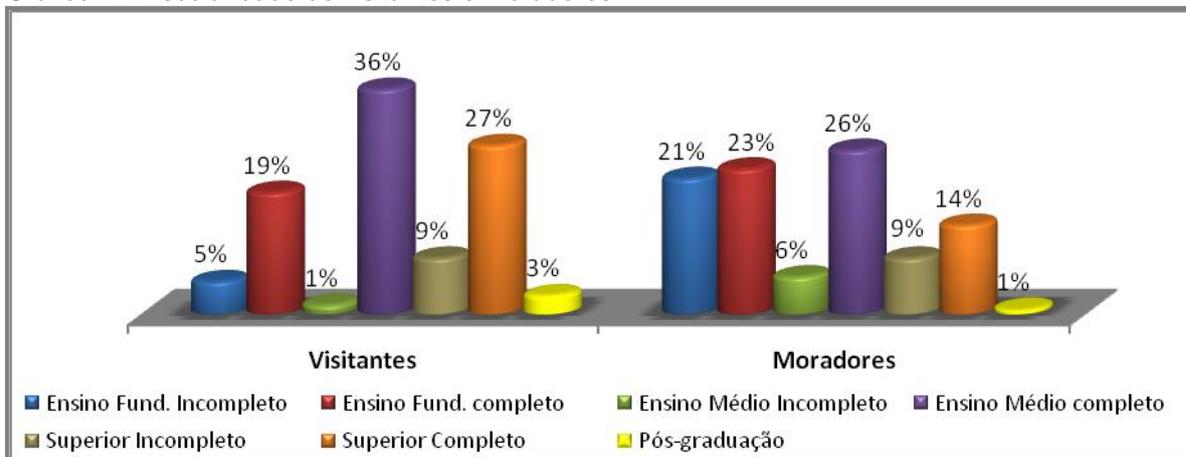
Por meio da tabela 08 verificou-se que os moradores pesquisados são, em maioria, solteiros, do gênero feminino e escolaridade com maior incidência entre os níveis fundamental incompleto e médio completo. O grupo de visitantes, por sua vez, apresenta, em maioria, pessoas solteiras, do gênero feminino, com maior incidência de escolaridade entre os níveis médio completo e superior completo.

Comparativamente verificou-se que os dois grupos possuem similaridade em termos de gênero e estado civil, mas com considerável divergência no que se refere à escolaridade, em que o grupo de visitantes apresenta um maior grau de instrução.

Para melhor compreensão no gráfico 12 apresentamos em porcentagem a escolaridade dos entrevistados de cada grupo. Dentre os visitantes com 36% eram pessoas com ensino médio completo, seguido de 27% com ensino superior completo. Quando aos moradores, 21% não tinham completado o ensino

fundamental, 23% possuíam ensino fundamental completo e 26% ensino médio completo. Percebemos que o grupo de visitantes tinham maior formação escolar.

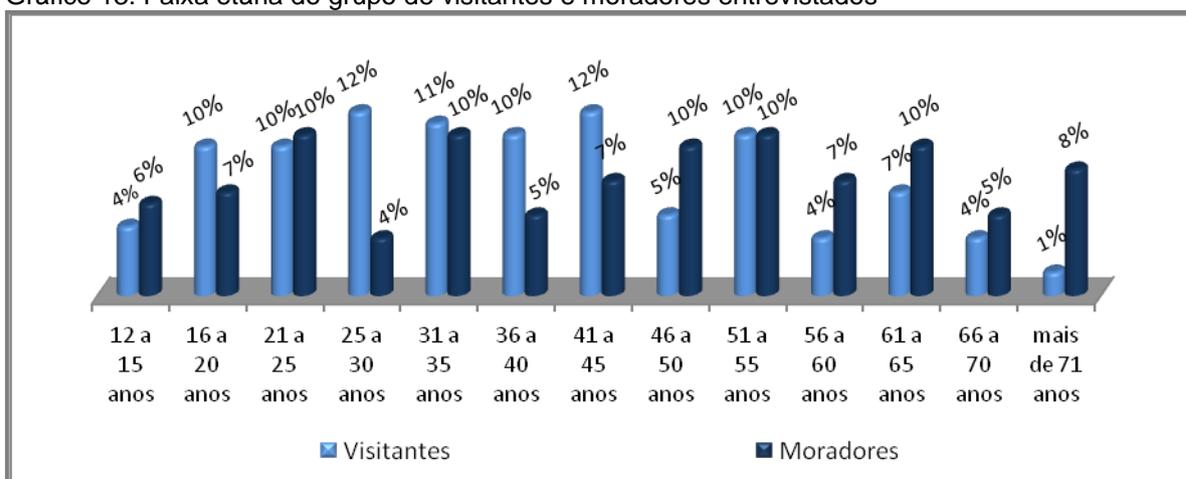
Gráfico 12: Escolaridade de visitantes e moradores.



Fonte: Geovan Martins Guimarães

Em relação à idade dos grupos (gráfico 13) observamos que: dentre os visitantes as faixas etárias com maior incidência foram de 25 a 30 anos e 41 a 45 anos representaram 12% cada, com uma média de idade de 44 anos; dentre os moradores a distribuição estava mais homogeneia, com 10% cada estavam a faixa etária de 21 a 25 anos, 31 a 35 anos, 46 a 50 anos, 51 a 55 anos e 61 a 65 anos, a média de idade do grupo é de 38 anos.

Gráfico 13: Faixa etária do grupo de visitantes e moradores entrevistados



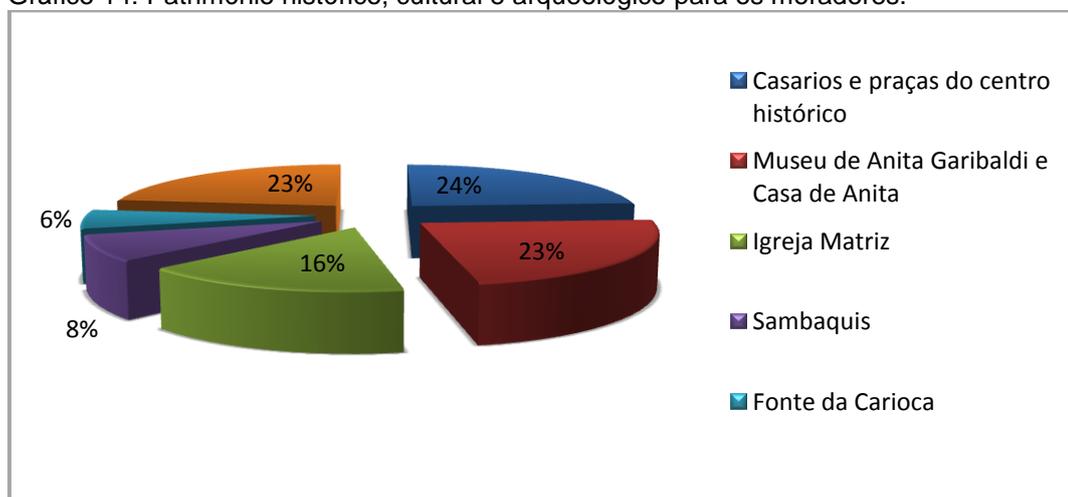
FFonte: Geovan Martins Guimarães

Ainda de forma descritiva, buscou-se conhecer o perfil do morador no que se refere ao tamanho da família e conhecimento geral sobre arqueologia. A maioria dos pesquisados, possuem de dois a três membros familiares (56%), 38% possuem de três a seis membros familiares e apenas 6% possuem mais que seis membros familiares. Nessa estrutura verificou-se que 71% dos pesquisados possuem de um a três membros familiares que trabalham em Laguna, e que 28% deles possuem pelo menos um membro familiar que trabalha fora de Laguna.

Quando perguntados sobre quais aspectos da história de Laguna deveriam ser destacados, 51% mencionaram a história de Anita Garibaldi, 10% mencionaram aspectos da história da cidade em geral, desde a colonização, Tratado de Tordesilhas. A história da República Juliana foi citada por 6% dos pesquisados, e a preservação da arquitetura e centro histórico por 5%. Dentre os pesquisados, 8% não souberam informar qualquer aspecto da história que merecia ser destacado enquanto outros 19% citaram aspectos de menor frequência de respostas. A população infelizmente, ainda não vê o a pré-história como um aspecto da historia de Laguna a ser detacado.

Em relação à que os moradores consideram patrimônio histórico, cultural e arqueológico da cidade, 24% nomearam a arquitetura, que envolve os casarios e praças do centro histórico, 23% elegeram o Museu de Anita Garibaldi e Casa de Anita, 16% consideram a Igreja Matriz, 8% os Sambaquis e 6% a Fonte da Carioca. Outros 23% citaram outros patrimônios que tiveram menor frequência de respostas.

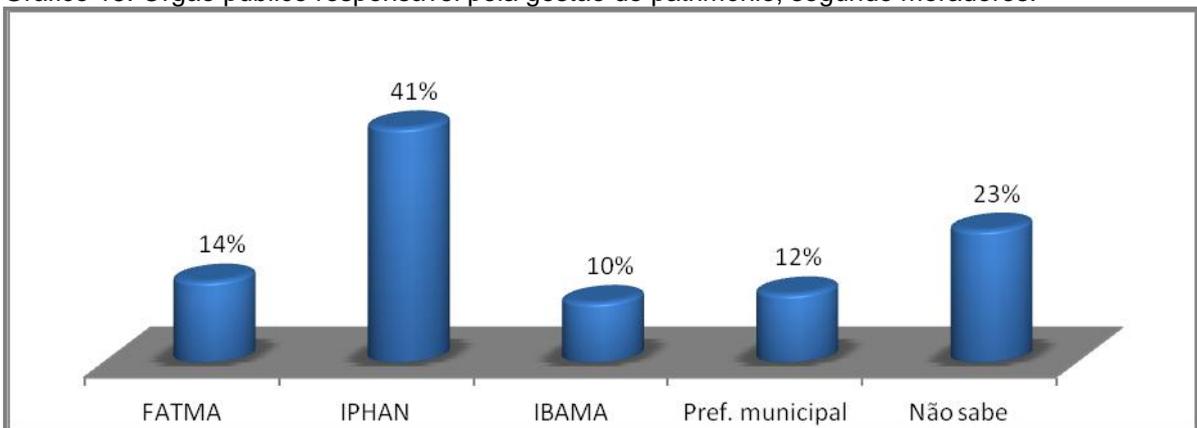
Gráfico 14: Patrimônio histórico, cultural e arqueológico para os moradores.



Fonte: Geovan Martins Guimarães

Considerando o conhecimento dos moradores sobre o órgão responsável pela gestão do patrimônio arqueológico (gráfico 15), os resultados apresentaram-se heterogêneos, em que 41% afirmam ser o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, 14% a Fundação de Amparo a Tecnologia e Meio Ambiente - FATMA, 12% consideram a Prefeitura Municipal de Laguna, 10% o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis - IBAMA e 23% não souberam responder. Um resultado bastante satisfatório, pois demonstra que a maioria da população sabem que o IPHAN é responsável pela gestão.

Gráfico 15: Órgão público responsável pela gestão do patrimônio, segundo moradores.



Fonte: Geovan Martins Guimarães

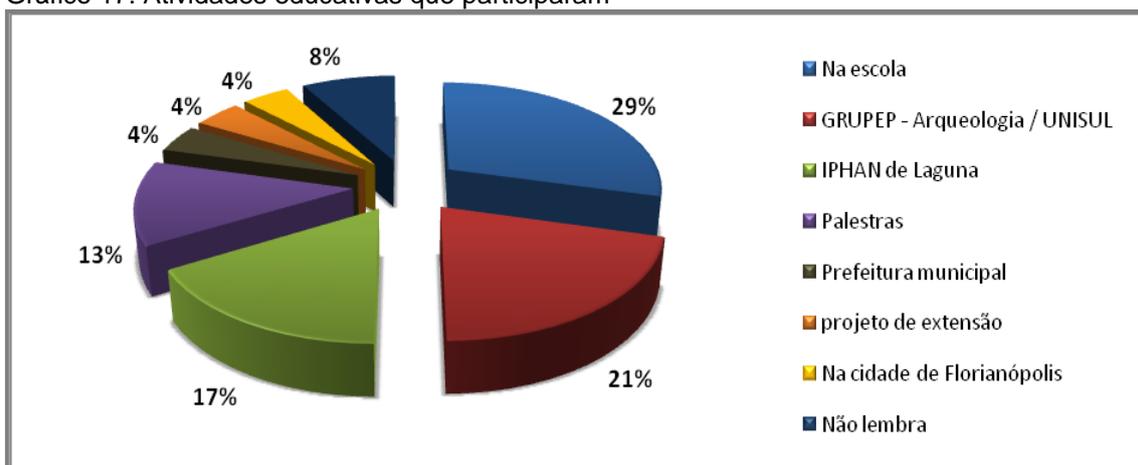
Ainda em relação ao conhecimento sobre arqueologia, perguntamos se já haviam participado de alguma atividade educativa sobre a pré-história e arqueologia local (gráfico 16), 81% dos moradores declararam nunca terem participado e 19% já participaram de alguma atividade. Quando questionamos os entrevistados que responderam positivamente onde participaram de atividades educativas sobre a pré-história local (gráfico 17), 29% responderam na escola, 21% GRUPEP – Arqueologia / UNISUL, 17% IPHAN de Laguna, 13% Palestras, 20% totalizaram opções menos expressivas.

Gráfico 16: Participantes de atividades educativa, sobre arqueologia e pré-história local



Fonte: Geovan Martins Guimarães

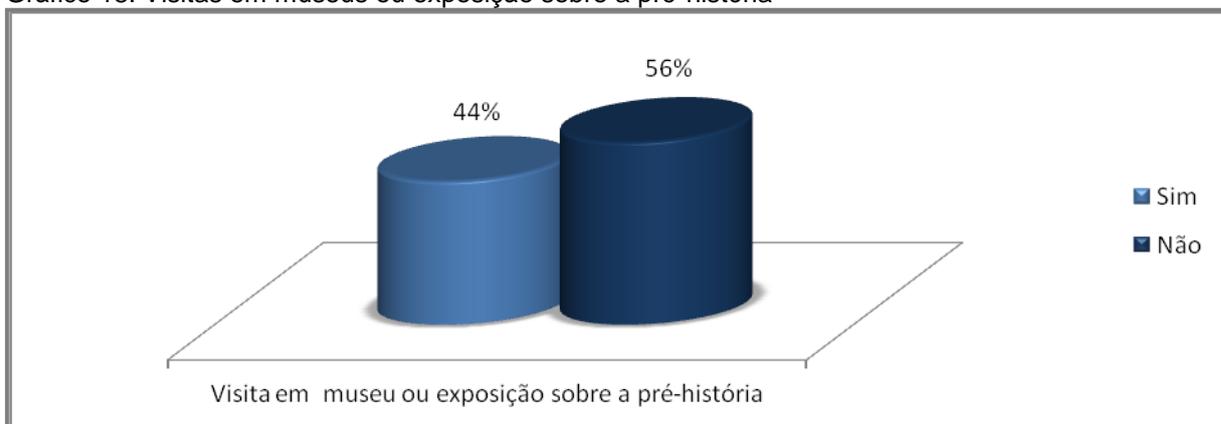
Gráfico 17: Atividades educativas que participaram



Fonte: Geovan Martins Guimarães

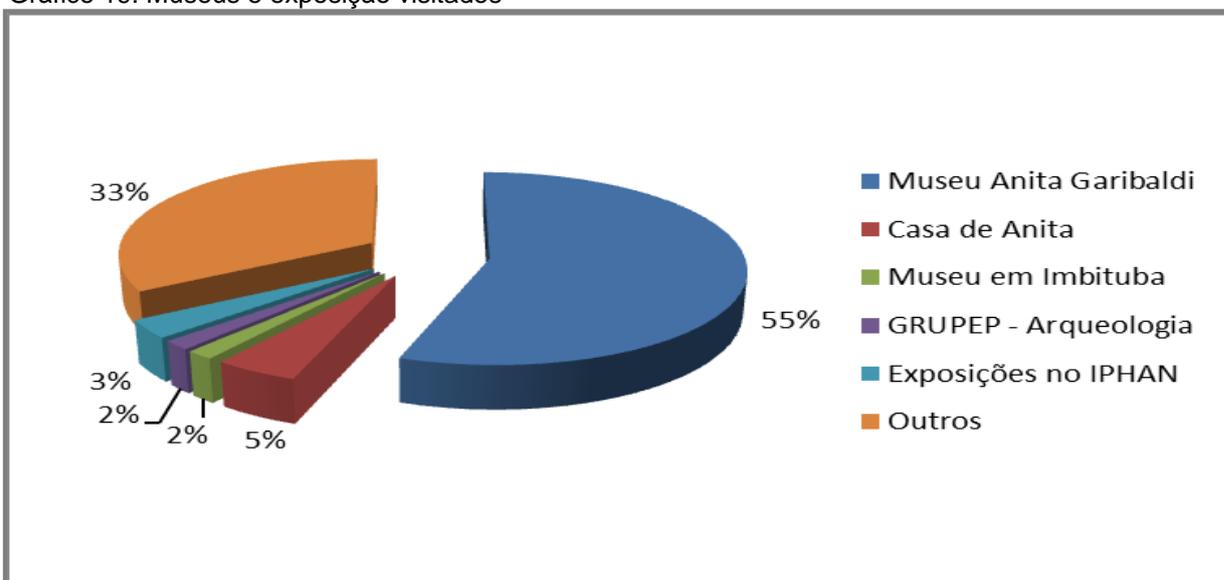
Quando questionamos se haviam visitado algum museu ou exposição sobre a pré-história local (gráfico 18) 56% afirmam não terem visitado e 44% responderam que sim. Dos que responderam que sim (gráfico 19), 70% responderam ter visitado o Museu de Anita, que possui dentre o seu acervo alguns materiais arqueológicos pré-históricos, 11% Casa de Anita. Resaltamos aqui que este museu não possui em seu acervo peças pré-história, 6% visitaram exposições organizadas pelo IPHAN de Laguna, 5% exposição do GRUPEP – Arqueologia / UNISUL, outras opção somaram 10%.

Gráfico 18: Visitas em museus ou exposição sobre a pré-história



Fonte: Geovan Martins Guimarães

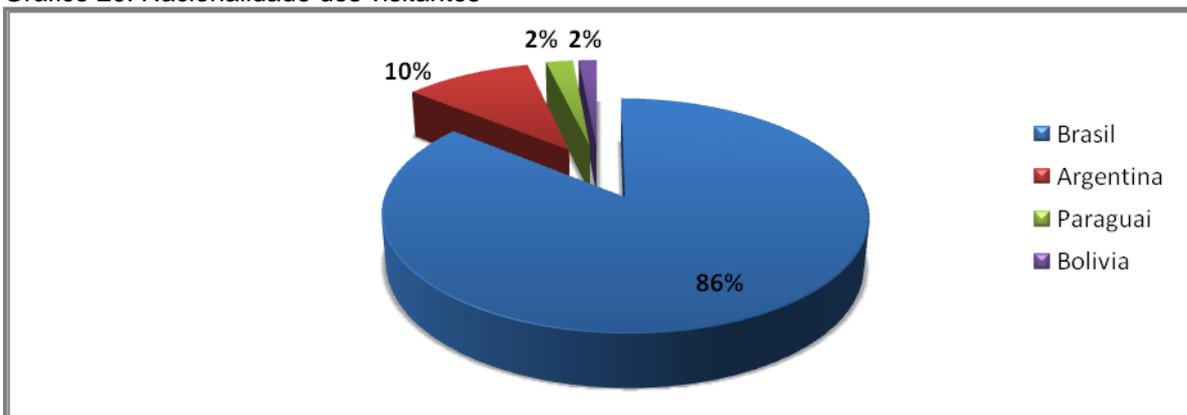
Gráfico 19: Museus e exposição visitados



Fonte: Geovan Martins Guimarães

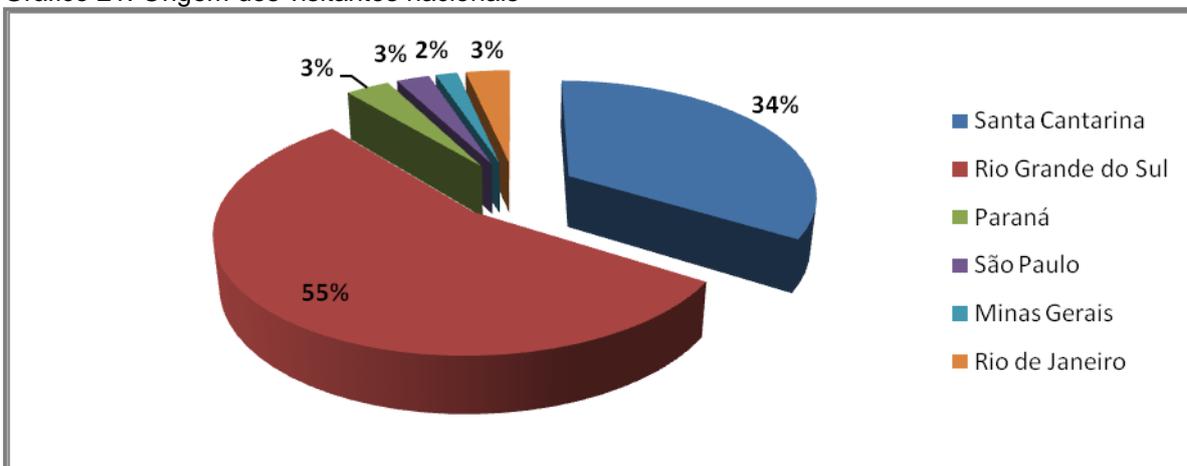
Em se tratando dos visitantes, 14% dos entrevistados eram turistas procedentes do exterior, de nacionalidade argentina, boliviana e paraguaia (gráfico 20). Brasileiros somaram 86%, provindos dos estados (gráfico 21) do Rio Grande do Sul (55%), Santa Catarina (34%), Paraná (3%), Rio de Janeiro (3%), São Paulo (3%) e Minas Gerais (2%).

Gráfico 20: Nacionalidade dos visitantes



Fonte: Geovan Martins Guimarães

Gráfico 21: Origem dos visitantes nacionais



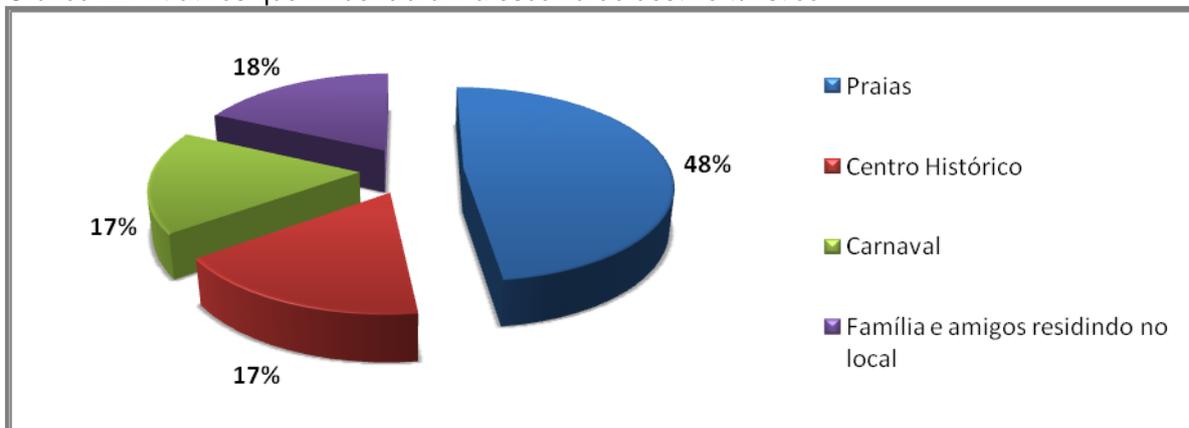
Fonte: Geovan Martins Guimarães

Quanto aos destinos turísticos mais procurados pelos turistas, foram citadas com mais frequência as cidades de Laguna/SC (15%), Florianópolis/SC (7%), Gramado/RS (4%), as cidades de Rio de Janeiro (RJ), São Paulo(SP), Torres/RS, Tubarão/SC, Garopaba/SC e Porto Alegre/RS com 3% cada, as cidade de Balneário Camboriú/SC e Tramandaí/RS com 2% cada e a cidade de Curitiba/PR com 1%. Outros 53% foram distribuídos em outros destinos turísticos com menor frequência de respostas.

Em relação à Laguna, os atrativos turísticos que mais influenciaram na escolha do município como destino turístico foram as praias (48%), Carnaval (17%), Centro Histórico (17%). Outros visitantes afirmaram estar na cidade não apenas pelos atrativos turísticos, mas pela existência de família e amigos residindo na

cidade (18%). Um dado bastante importante e que o segmento do turismo cultural tem atraído uma porcentagem significativa de visitantes ao município.

Gráfico 22: Atrativos que influenciaram a escolha do destino turístico

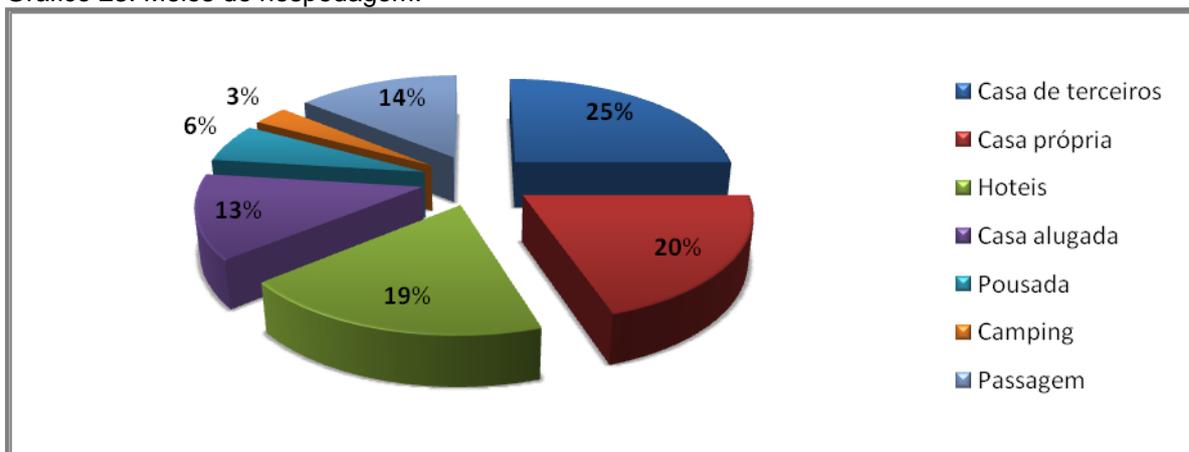


Fonte: Geovan Martins Guimarães

Sendo assim, 62% dos visitantes afirmaram não ser a primeira vez que visitam a cidade e, dentre estes, 55% declararam que já retornaram à cidade entre uma e cinco vezes, 16% de seis a dez vezes e 29% mais de dez vezes. Dessa forma, verificamos ainda que a maioria dos visitantes ficam na cidade entre um e cinco dias (43%) e 35% ficam entre 6 e 10 dias. Outros 23% ficam mais de 10 dias. Em relação aos resultados, observamos Laguna conquistou a preferência de uma grande parcela de visitantes, que elegeram a cidade como destino turístico, visitando frequentemente.

Os meios de hospedagem (gráficos 23) utilizados pelos visitantes são: casas de terceiros (25%), casa própria (20%), hotéis (19%), casa alugada (13%), pousadas (6%), camping (3%) e 14% não utilizaram meios de hospedagem por estarem de passagem pelo município. Ainda em relação aos visitantes, 97% deles declararam que voltariam ao município.

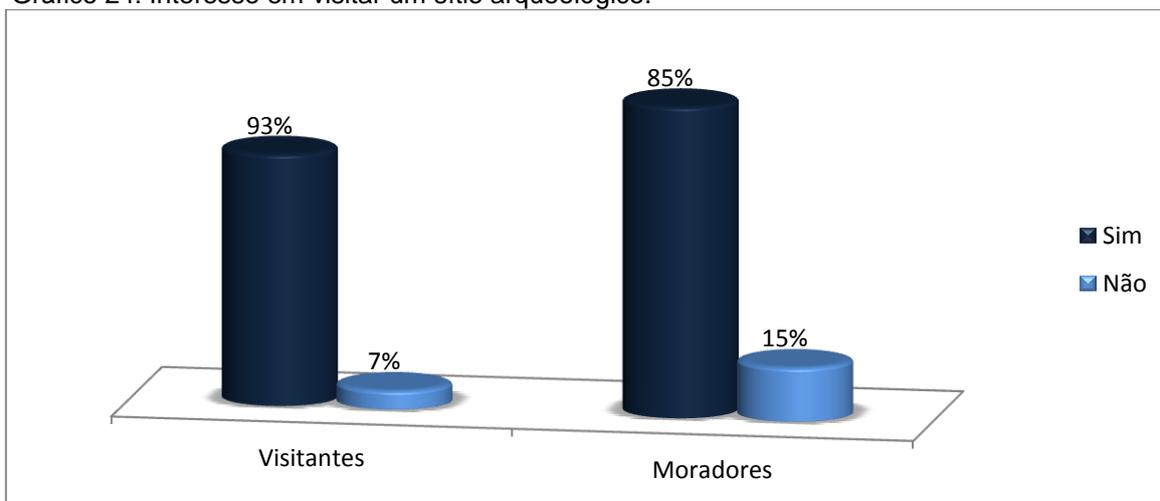
Gráfico 23: Meios de hospedagem.



Fonte: Geovan Martins Guimarães

Questionamos os grupos de visitantes e moradores se consideravam interessante visitar um sítio arqueológico (gráfico 24), 7% dos visitantes responderam que não era interessante, 93% responderam que era importante. Dos moradores 15% responderam que não seria interessante visitar, 85% afirmaram que achariam interessante a visita. Percebemos que dentre os visitantes a uma porcentagem maior de pessoas que consideram interessante a visita. Dos entrevistados que haviam respondido afirmativamente pedimos para avaliassem seu grau de interesse de numa escala de 0 a 10, para grupo de visitantes obtivemos uma média de 8,2, de os moradores 8,7.

Gráfico 24: Interesse em visitar um sítio arqueológico.



Fonte: Geovan Martins Guimarães

5.2 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO POR CLUSTER

Para tentar compreender mudanças no perfil dos respondentes realizamos uma análise por *clusters*²³. Inicialmente pretendíamos apresentar os resultados de seis questões, mas observamos que independente do cluster havia questões em que as respostas eram muito semelhantes. Por isso resolvemos excluir duas questões desta análise, são elas: Acha interessante visitar um sítio arqueológico? e Considera importante a preservação dos sítios dos sítios arqueológicos? Estas questões obtiveram uma porcentagem de respostas afirmativas muito próximas de 100%, com mudanças pouco significativas.

Tabela 09: Respostas dos visitantes e moradores *cluster* da faixa etária

VISITANTES					
		Já ouviu falar de pré-história e/ou arqueologia do Brasil?	Sabe o que é um sítio arqueológico?	Já visitou um sítio arqueológico?	Laguna possui sítio arqueológico?
12 a 20 anos	Sim	59%	29%	24%	35%
	Não	41%	71%	76%	41%
	Não sei				24%
21 a 60 anos	Sim	68%	53%	32%	50%
	Não	32%	47%	68%	27%
	Não sei				23%
Mais de 60 anos	Sim	32%	39%	35%	48%
	Não	68%	61%	65%	23%
	Não sei				29%
MORADORES					
		Já ouviu falar de pré-história e/ou arqueologia do Brasil?	Sabe o que é um sítio arqueológico?	Já visitou um sítio arqueológico?	Laguna possui sítio arqueológico?
12 a 20 anos	Sim	72%	39%	45%	22%
	Não	28%	61%	55%	6%
	Não sei				72%
21 a 60 anos	Sim	71%	51%	25%	31%
	Não	29%	49%	75%	9%

²³ Nesta pesquisa entende-se por *cluster* um grupo de dados, coisas, ou atividades semelhantes.

	Não sei				60%
Mais de 60 anos	Sim	56%	44%	31%	19%
	Não	44%	56%	69%	25%
	Não sei				56%

Fonte: Geovan Martins Guimarães

A tabela 09 apresenta as respostas dos moradores e visitantes por faixa etária. Percebemos que as respostas mais satisfatórias neste *cluster* está no grupo de adultos (21 a 60 anos), tanto dentre os visitantes quanto para moradores. Os visitantes quando questionamos se já ouviram falar de pré-história e/ou arqueologia do Brasil, responderam Sim em maior porcentagem (em relação a outras faixas etárias) pessoas de idade entre 21 a 60 anos. Entre o grupo dos jovens (12 a 21 anos) também a maioria responderam afirmativamente. Exceto o grupo com idade superior a 60 anos, onde a maioria resposta foi não, desconhecem a temática. Dentre os moradores o grupo dos jovens e a adultos tiveram valores semelhantes, a maioria afirmou ter conhecimento sobre o assunto, inclusive individual com idade superior a 60 anos.

Na segunda questão quando questionados sobre o que era um sítio arqueológico, em ambos os grupos a maioria dos indivíduos mais jovem não souberam definir. Dentre os indivíduos adultos houve uma distribuição mais homogênia nas respostas, os idosos também responderam em maioria negativamente.

Em relação a visitas aos sítios arqueológicos percebemos que dentre os visitantes os indivíduos com mais de 60 anos foram os que mais visitaram. Já os moradores, a faixa etária entre 12 e 21 anos superiores em visitas os sítios arqueológico. Um dado muito importante se levarmos em consideração as várias atividades de educação patrimonial que estão sendo desenvolvidas em escolas da região da AMUREL, ligas as pesquisas arqueológicas desenvolvidas da área, universidades e outras organizações.

A maioria dos entrevistados desconhece a existência de sítios arqueológicos no município, muitos responderam inclusive que não havia. Tantos os visitantes, quanto os moradores, os indivíduos com idade entre 21 e 60 anos foram os que mais afirmaram sobre a existência sítios arqueológicos em Laguna.

Tabela 10: Respostas dos visitantes e moradores *cluster* escolaridade

VISITANTES					
		Já ouviu falar de pré-história e/ou arqueologia do Brasil?	Sabe o que é um sítio arqueológico?	Já visitou um sítio arqueológico?	Laguna possui sítio arqueológico?
Ensino fundamental incompleto e completo	Sim	51%	30%	24%	27%
	Não	49%	70%	76%	22%
	Não sei				51%
Ensino médio incompleto e completo	Sim	72%	44%	32%	22%
	Não	28%	56%	68%	6%
	Não sei				72%
Ensino superior incomp. a pós-graduação	Sim	79%	65%	29%	36%
	Não	21%	35%	71%	8%
	Não sei				56%
MORADORES					
		Já ouviu falar de pré-história e/ou arqueologia do Brasil?	Sabe o que é um sítio arqueológico?	Já visitou um sítio arqueológico?	Laguna possui sítio arqueológico?
Ensino fundamental incompleto e completo	Sim	26%	25%	22%	31%
	Não	74%	75%	78%	33%
	Não sei				36%
Ensino médio incompleto e completo	Sim	65%	44%	26%	47%
	Não	35%	56%	74%	32%
	Não sei				21%
Ensino superior incomp. a pós-graduação	Sim	97%	90%	59%	84%
	Não	3%	10%	41%	9%
	Não sei				7%

Fonte: Geovan Martins Guimarães

No *cluster* escolaridade (tabela 10) tendo o grupo de visitantes, quanto os moradores as resposta mais satisfatórias são encontradas dentre os indivíduos com ensino superior incompleto a pós-graduação, com destaque para os moradores. A primeira pergunta destina-se a diagnosticar o contato entre os entrevistados e conhecimento relacionado à pré-história e/ou Arqueologia. Observamos que a maioria das respostas de indivíduos com ensino superior incompleto a pós-graduação possuem um conhecimento maior sobre o assunto, esse número é

ainda maior entre os moradores. Os resultados obtidos com as outras questões são muito semelhantes a pergunta anterior. Em todas as perguntas o valor da porcentagem decrescente, quanto menor o grau de escolaridade do respondente, menor o valor, exceto duas questões. A primeira em relação as visitas a sítios arqueológicos, dentre os visitantes os respondentes, foram superiores em número de visitas a sítios arqueológicos. A segunda também com os visitantes, quando questionados sobre a existência de sítios arqueológicos em Laguna, a maioria dos indivíduos com grau de ensino superior incompleto a pós-graduação respondeu afirmativamente. Mas, os indivíduos com ensino fundamental incompleto e completo demonstraram ter maior conhecimento sobre a existência de sítios arqueológicos no município em relação aos indivíduos com ensino médio incompleto e completo.

Se compararmos os indivíduos com o mesmo grau de escolaridade, os moradores com ensino superior incompleto a pós-graduação, apresentaram um resultado mais satisfatório que aos indivíduos com o mesmo grau de escolaridade do grupo dos visitantes. Em relação aos outros graus de instrução os valores das respostas foram mais homogêneos.

Levando em consideração os resultados dos *clusters* apresentados, poderíamos afirmar que dentro do primeiro *clusters* (faixa etária), os indivíduos adultos (21 a 60 anos) independente do grupo, em geral apresentaram maior conhecimento sobre o assunto. No segundo *cluster* (grau de escolaridade) foram os respondentes com ensino superior incompleto a pós-graduação que se destacou, demonstrando ter um nível de conhecimento, responderam de maneira satisfatória as indagações.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho aqui apresentado é resultado da participação do autor nas pesquisas arqueológicas no sul de Santa Catarina. Este envolvimento despertou o interesse pessoal no aprofundamento de questões ligadas a gestão do patrimônio arqueológico existente da região. O turismo arqueológico é um segmento turístico que vem ganhando espaço junto ao mercado do turismo, cada vez mais as pessoas viajam motivadas em conhecer novas culturas.

Para compreender a dinâmica territorial do município, desenvolvemos uma análise por subsistemas. Em relação aos resultados desta análise percebemos um diversificado patrimônio cultural entre os fixos naturais, que encontra-se em risco, principalmente pela especulação imobiliária. No subsistema Praia do Sol / Itapirubá há uma grande área loteada em área de restinga, um ecossistema fragilizado. Outro exemplo é a praia da Galheta localizada no subsistema Ponta da Barra / Farol de Santa Marta um loteamento irregular sobre área de APP (Área de Preservação Permanente), ponto em risco inclusive sítios arqueológicos.

Um fator negativo constatado é que o município não possui tratamento de esgoto sanitário e a maior parte dos efluentes é lançado sem tratamento no sistema hidrográfico. Como constatado no Plano Diretor o emissário na praia do Mar Grosso tem causado consequências negativas, acarretando na má qualidade da água, tornado algumas áreas impróprias para banho.

Laguna é a segunda cidade mais populosa da Região da AMUREL. Infelizmente esta posição não garante qualidade de vida da população, o IDH embora acima da média nacional, figura entre os índices mais baixos da região da AMUREL, abaixo inclusive da média estadual.

A maior parte do PIB de Laguna é formado pelo terceiro (serviços) setor da economia, sozinho responde por mais da metade do total. Segundo levantamento do SEBRAE no ano de 2008, município possuía 1968 empresas formais de diferentes portes, o setor mais relevante foi o terciário com 1703 empresas, o secundário somou 201 empresas.

Quanto à entrevista realizada com os visitantes a maior parte respondeu não ser a primeira vez que visita a cidade. O período de permanência na cidade

oscilou entre cinco a dez dias, quase a totalidade (97%) respondeu que voltariam ao município. A maioria (93%) dos visitantes afirmaram que tinham interesse em conhecer um sítio arqueológico. Muitos desconheciam a existência sítios arqueológicos no município.

A atividade turística tem uma importante participação na economia de Laguna. De acordo com estudo de demanda da SANTUR, o número de visitantes oscilou bastante nos últimos anos, entre o período de 2004 a 2012 recebeu em média 296.728 turistas. Um dos grandes problemas do turismo em Laguna é a sazonalidade, recebe um grande número de visitantes na temporada de verão, ocasionando forte pressão ao ambiente. Fora da temporada recebe um baixo número de turistas. Outra característica da cidade é o turismo de segunda residência, um panorama que não estimula o desenvolvimento do setor hoteleiro.

Quanto aos principais atrativos destacados pelos turistas, o que mais sobressai são os atrativos naturais. A cidade possui muitas praias, e são nesses locais onde estão os principais sistemas turísticos. Outro atrativo citado são os históricos culturais, pouco aproveitados pelo turismo na cidade, percebemos que não há políticas públicas para planejar e gerir o seu desenvolvimento. O turismo cultural poderia ser uma alternativa para combater a sazonalidade da atividade, visto a grande quantidade de atrativos que o município dispõe.

Em relação às respostas dos formulários no que diz respeito ao conhecimento sobre o órgão responsável pela gestão do patrimônio arqueológico a grande maioria dos moradores reconhece ser o IPHAN. Quando questionados se participaram de alguma atividade educativa sobre arqueologia, a maior parte dos moradores declarou nunca ter participado.

O turismo ocupa uma parcela muito importante no desenvolvimento econômico a nível mundial. Este pode trazer vários benefícios para a comunidade local desde que seja uma atividade planejada. O turismo cultural pode ser uma alternativa para fortalecer o turismo no município de Laguna, são inúmeros sítios existentes no município. Os sambaquis são grandes monumentos construídos por uma civilização extinta há anos, que deixaram como vestígio de sua existência esse patrimônio. Contudo sua visita não se compara ao turismo arqueológico de países como Grécia, Itália, Peru, Egito e México. Mas, o que faz serem tão

procurados? Por serem mais importantes? O apelo da mídia tem sua participação na divulgação desses destinos, despertando interesse dos espectadores em conhecê-los.

Muitas dessas culturas estão extintas, mesmo assim atraem visitantes devido aos vestígios deixados, é fundamentalmente neste cenário que o turismo arqueológico ocorre. Os atrativos arqueoturísticos são as evidências de grupos humanos passados, no Brasil podemos identifica-los por períodos históricos distintos, sítio arqueológico pré-colonial, anterior ao ano de 1500 e históricos posteriores a mesma data.

No sul de Santa Catarina existem inúmeros sítios arqueológicos, com datas que podem chegar a 8 mil anos atrás, estes ligados a cultura sambaquieira, são sítios que estão sendo estudados há um longo tempo. Várias descobertas foram feitas sobre esse grupo, as pesquisas arqueológicas realizadas na região têm feito importantes descobertas na compreensão de sua complexidade social.

São vários sítios sambaquis cadastrados no município de Laguna, que dispõe de um grande potencial para o turismo arqueológico, mas carece de políticas públicas para o desenvolvimento da atividade. Este segmento deve envolver um planejamento minucioso para que a integridade do patrimônio não seja ameaçada, visto tratar-se de um bem cultural frágil. As políticas deverão ser criadas focando a preservação, não no sentido de inviabilizar o acesso ao público, mas utilizá-las de maneira que os impactos negativos sejam minimizados e possibilite a sua visita. O desenvolvimento do turismo arqueológico deve ser difundido junto a comunidade, incrementado a atividade de educação patrimonial e programas de divulgação nos meios de comunicação.

Percebemos que muitas vezes as pessoas não sabem da existência de sítios arqueológicos no município, ou quando sabem, não fazem idéia de sua importância. São necessárias a implementação de políticas públicas voltadas para a valorização desses locais, visando a proteção do patrimônio e beneficiando a população. O IPHAN é o órgão público responsável pela gestão do patrimônio arqueológico em todo o território nacional, percebe-se que faltam medidas práticas que visem a preservação desses locais através da aproximação da comunidade com os sítios arqueológicos. O IPHAN deve atuar em conjunto com organizações públicas

e privadas, a fim de realizar ações educativas integrando comunidade, e fomentando a preservação desses espaços.

O desenvolvimento do turismo, utilizando como atrativos os sítios arqueológicos, deverá ser concebido a partir de um planejamento. Para que haja uma utilização sem que comprometa a integridade do local e garanta o acesso às gerações futuras, seguindo o princípio da sustentabilidade. Garantir que o mesmo não seja um agente explorador do recurso, mas sim, uma ferramenta de sensibilização para que todos cumpram seu papel de protagonista na preservação dos sítios arqueológicos.

REFERÊNCIAS

AAKER, David A.; KUMAR, V.; DAY, George S. **Pesquisa de Marketing**. [Trad.] MARCONDES, Reynaldo Carvalho. São Paulo: Atlas, 2001.

ACERENZA, Miguel Ángel. **Administración del turismo**: conceptualización y organización. 4º Ed. México: Trilhas, 2000.

AFONSO, Marisa C.; DEBLASIS, Paulo. Aspectos da formação de um grande sambaqui: alguns indicadores em Espinheiros II, Joinville, SC. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**. p. 21-30. Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. 1994.

ANJOS, Francisco A. **Processo de planejamento e gestão de território turístico**: Uma proposta sistêmica. Florianópolis, 2004. Tese (Doutorado em Engenharia da produção) – Programa de pós-graduação em Engenharia de Produção. Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.

_____, Francisco A.; ANJOS, Sara J. G.; BARROS, Rafael B.; ZANCHI, Caroline. **Processos de planejamento e gestão de territórios turísticos**: princípios norteadores de uma proposta. *Revista Turismo Visão e Ação*. vol.07, n. 2, p.377-286, mai/ago. 2005.

APPOLINÁRIO, Fabio. **Metodologia da ciência**: filosofia e prática da pesquisa. São Paulo: Cengage Learning, 2009.

ARNS, Alice B. **Laguna, uma esquecida epopeia de Franciscanos e Bandeirantes, e a história de uma velha igreja**. Curitiba: Rubinsk, 1975.

ASSUNÇÃO, Danilo. **Sambaquis da Paleolaguna de Santa Marta**: em busca do contexto regional do litoral sul de Santa Catarina. São Paulo, 2010. Dissertação do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.

BARBOSA, Márcia; GASPAR, Maria Dulce; BARBOSA, Débora R. A organização espacial das estruturas habitacionais e distribuição dos artefatos no sítio Ilha da Boa Vista I, Cabo Frio, RJ. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia* 4:31-38. Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. 1994.

BARRETTO, Margarita. **Turismo e Legado Cultural**: as possibilidades do planejamento. Campinas: Papirus, 2000.

_____, Margarita. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. Campinas: Papirus, 1999.

BECK, Anamaria. **A variação do conteúdo cultural dos sambaquis, litoral de Santa Catarina**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. 1971.

BOULLÓN, Roberto C. **Planificación del Espacio Turístico**. 2ª ed. México: Trillas, 1990.

BRASIL. **Lei nº 3.924**. de 26 de julho de 1961. Disponível em: <http://www.lei.adv.br/3924-61.htm>. Acesso em 17 jun. 2008.

CARVALHO, Gisélia Lima. **Região**: a evolução de uma categoria de análise da geografia. Boletim Goiano de Geografia, volume 22, nº 01, jan./jun. de 2002.

CITTADIN, Ana P. **Laguna, paisagem e preservação**: o patrimônio cultural e natural do município. Florianópolis, 2010. Dissertação da Universidade Federal de Santa Catarina

COOPER, Chirs; FLETCHER, John; WANHILL, Stephen; GILBERT, David; SHEPHERD, Rebecca. **Turismo, princípios e prática**. [Trad.] COSTA, Roberto C. 2º ed: Porto Alegre: Bookman, 2001.

CHMYZ, Igor. Dados parciais sobre a arqueologia do vale do rio Parapanema. Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas. **Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Belém, v. 1, n. 6, p. 59-78, 1967.

CRUZ, Rita de Cássia Ariza da.; colaboradores, SABINO, André Luiz; MOLINA, Fabio Silveira; CHAGAS, Rodolfo Pereira das. **Geografia do Turismo**: de lugares a pseudo-lugares. São Paulo: Roca, 2007.

_____, Rita de Cássia Ariza da. **Introdução à geografia do turismo**. 2º ed. São Paulo: Roca, 2003.

_____, Rita de Cássia Ariza da. **Política de turismo e território**. 2º ed. São Paulo: Contexto, 2001.

CURY, Isabelle (org.). **Cartas Patrimoniais**. 3 ed. rev. aum. Rio de Janeiro, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, 2004. 408p.

DALL'ALBA, João Leonir. **Laguna antes de 1880**: documentário. Curitiba: Lunardelli/UDESC, 1979.

DEBLASIS, Paulo A.; AFONSO, Marisa Coutinho.; FIGUTI, Levy.; FISH, Paul.; FISH Suzanne; GASPAR, Maria Dulce; EGGERS, Sabine; LAHR, Marta. M., **Padrões de Assentamento e formação de sambaquis em Santa Catarina**. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, p. 319-321. 1998a.

_____, Paulo A.; FISH Suzanne; GASPAR, Maria Dulce; FISH, Paul. Some references for the discussion of complexity among the sambaqui moundbuilders from

the southern shores of Brazil. **Revista de Arqueologia Americana**, Rio de Janeiro, p. 75-105. 1998b.

_____, Paulo A.; FISH Suzanne; GASPAR, Maria Dulce; FISH, Paul; AFONSO, Marisa Coutinho; EGGERS, Sabine; FIGUTI, Levy; KLOKLER, Daniela M.; PILLES, Peter J.; CARPENTER, Guadalupe S.; WORTHINGTON, Anne. **Projeto Arqueológico do Camacho (Padrões de Assentamento e formação de sambaquis em Santa Catarina)**: As campanhas de 1998 e 1999. PROCESSO FAPESP Nº 98/8114-3, Relatório Final, São Paulo, 1999.

_____, Paulo A.; Os sambaquis vistos através de um sambaqui. tese de Livre Docência, MAE-USP. 2005.

_____, DEBLASIS, P.; KNEIP, Andreas;.; SCHEEL- YBERT, Rita; GIANNINI, Paulo C.; GASPAR, Maria D Sambaquis e Paisagens: dinâmica natural e regional no litoral sul do Brasil. **Revista Arqueologia Sul Americana**, p. 29 – 61. Janeiro, 2007.

_____, DEBLASIS, P. & Gaspar, M.D. **Os sambaquis do sul Catarinense: retrospectiva e perspectiva de dez anos de pesquisas**. Especiaria - Cadernos de Ciências Humanas 11/12/2008 (20/21): 83-125.

DE LA TORRE, Oscar Padilla. **El Turismo**: Fenómeno social. 2ª ed. México – D.F.: Sociología, 1997.

DENCKER, Ada de Freitas Maneti. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Turismo**. 2ª ed. São Paulo: Futura, 1998.

DIAS, Reinaldo. **Turismo Sustentável e Meio Ambiente**. São Paulo: Atlas, 2003.

_____, Reinaldo. **Planejamento do turismo**: política e desenvolvimento do turismo no Brasil. São Paulo: Atlas, 2008.

_____, Deisi Scunderlick Eloy de. **Arqueologia e Educação**: uma proposta de preservação para os sambaquis do sul de Santa Catarina. Dissertação apresentada à Universidade Pontifícia Católica, Porto Alegre, 2000.

_____, Deisi Scunderlick Eloy de. **Mapeamento dos sítios arqueológicos na localidade de Cigana – Laguna/SC**: uma proposta de preservação patrimonial e ambiental. Universidade do Sul de Santa Catarina. Relatório Técnico. Tubarão, 2003.

_____, Deisi Scunderlick Eloy de. **Distribuição e padrão de assentamento: propostas para os sítios da Tradição Umbu na encosta de Santa Catarina**. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2005a.

_____, Deisi Scunderlick Eloy de; GASPAR, Maria Dulce; DE BLASIS, Paulo. Ações educativas no projeto arqueológico do Camacho: 1999-2004. In: BASTOS,

Rossano Lopes [Orgs]. **Revista de Arqueologia**. vol. 2, p. 55-62. Florianópolis: 11ª S.R./SC – IPHAN, 2005.

_____, Deisi Scunderlick Eloy de; DEBLASIS, Paulo A. **Relatório de pesquisa do Sítio Galheta IV, Laguna – SC**. Tubarão: UNISUL, 2006.

_____, Deisi Scunderlick Eloy de; DEBLASIS, Paulo A. **Relatório de pesquisa do Sítio Galheta IV, Laguna – SC**. Tubarão: UNISUL, 2007.

_____, Deisi Scunderlick Eloy de. **Salvamento Arqueológico Emergencial no Morro do Peralta - Centro - Município de Laguna – SC**, Coordenadas UTM: 22J 717035/6846624, Processo IPHAN n.º 01510.000153/2007-44, Ofício n.º 269/07 de 10/04/2007. Relatório técnico científico, Tubarão, 2007.

_____, Deisi Scunderlick Eloy de. **Dossiê de preservação para o parque arqueológico do sul**. Tubarão, SC. Relatório tecno-científico, 2009.

_____, Deisi Scunderlick Eloy de. **Projeto de pesquisa diagnóstico arqueológico histórico na área de restauro da casa de Anita, Laguna – SC**. Projeto técnico científico, Tubarão, 2010a.

FIGUTI, Levy. O homem pré-histórico, o molusco e o sambaqui: considerações sobre a subsistência dos povos sambaquieiros. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**. p. 67-80. Universidade de São Paulo. 1993.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. **Arqueologia**. São Paulo: Contexto, 2003.

_____, Pedro Paulo Abreu; PINSKY, Jaime (orgs). **Turismo e patrimônio cultural**. São Paulo: Contexto, 2001.

GASPAR, Madu. **Sambaqui: arqueologia do litoral brasileiro**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

GASPAR, Maria Dulce; DEBLASIS, Paulo. Construção de sambaquis. **Anais da VI Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira**. p. 811-820, Rio de Janeiro. 1992.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GEOAMBIENTE. **Mapeamento Temático Geral do Estado de Santa Catarina**. Relatório Técnico. Ago. 2008.

GOEDNER, Charles R.; RITCHIE, J. R. Brent; MCINTOSH, Robert W. **Turismo: Princípios, práticas e filosofias.** [Trad.] COSTA, Roberto Cataldo. 8ª ed. Porto Alegre: Boockman, 2002.

GUIMARÃES, Geovan M.; NEU, Marcia R.; FARIAS, Deisi S. E. de. **Arqueoturismo na região de tubarão – uma proposta de preservação para os sambaquis.** Tubarão (SC), 2009. Relatório de iniciação científica

HAIR Jr, J. F; ANDERSON, R.E.; TATHAM, R.I; BLACK, W.C. **Análise multivariada de dados.** [Trad.] SANT'ANNA, Adonai S.; CHAVE NETO, Anselmo. 5. Ed. Porto Alegre: Boockman, 2005.

HARDT-ENGEMIN. **Plano Diretor Municipal Levantamentos:** fase 01; Lote 02 – Núcleo 04 – Município: Laguna. 2009. Documento obtido em meio digital. Endereço eletrônico: [http://www.laguna.sc.gov.br/paginas.php?pag=plano diretor](http://www.laguna.sc.gov.br/paginas.php?pag=plano%20diretor)>. Acesso em 01 de maio de 2012.

HORN FILHO, Norberto O.; FELIX, Alexandre; VIEIRA, Celso V.; BAPTISTA, Elisabeth M. C. **Geologia da planície costeira das folhas Jaguaruna e lagoa de garopaba do sul, sc, brasil.** Revista Discente Expressões Geográficas, nº 06, ano VI, p. 90 – 110. Florianópolis, junho de 2010.

IBRAM – Instituto Brasileiro de Museus. **Guia dos Museus brasileiro.** Brasília: IBRAM, 2011.

IGNARRA, Luiz Renato. **Fundamentos do turismo.** 2ª ed., São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

MACHADO, Mari Â.; AYLA, Lucia. Mapa geomorfológico preliminar do complexo lagunar sul catarinense e análise paleoambiental da lagoa do Imaruí apoiada em furos de sondagem. In: **Anais do 12 Encuentro de Geógrafos de América Latina.** Montevideo, Uruguay, 2010. Disponível: http://egal2009.easyplanners.info/area07/7244_Machado_Mari_Angela.pdf em 10/Fev/2012.

MALHOTRA, Naresh K. **Pesquisa de Markering: Uma Orientação Aplicada.** [Trad.] BOCCO, Laura. 4ª ed., Porto Alegre: Bookman, 2006.

MANZATO, Fabiana; REJOWSKI, Miriam. Turismo arqueológico: diagnóstico e análise do produto turístico. **Pasos Revista de Turismo y Patrimonio Cultural.** Vol 5 nº1, p. 99-109, 2007.

MARTINS, Celso. **Farol de Santa Marta: a esquina do atlântico.** Florianópolis: Garapuvu, 1997.

MARTINS, Gilbeto de Andrade. **Manual para elaboração de monografias e dissertações.** 2ª ed. São Paulo: Atlas, 1994.

MONTERRUBIO-CORDERO, Juan Carlos. **La comunidad receptora**: Elemento esencial en la gestión turística. Revista Gestión Turística, N° 11, p.101-111. jun 2009.

PLOG, Satnley C. **Por que a preservação do destino tem sentido econômico**. In: THEOBALD, William F. (Org.). Turismo Global. [Trad.] CAPOVILLA, Anna Maria; CUPERTINO, Maria Cristina Guimarães; PENTEADO, João Ricardo Barros. 2ª ed. São Paulo: Editora SENAC, 2002.

PROUS, André. **Arqueologia Brasileira**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1992.

_____, André. **O Brasil antes dos brasileiros**: A pré-história do nosso país. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

ROHR, J. Alfredo. Os sítios arqueológicos do Município Sul - Catarinense de Jaguaruna. **Revista Pesquisas**. n° 22. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas – UNISINOS, 1969.

RUSCHMANN, Doris Van de Meene. **Turismo e Planejamento Sustentável**: A Proteção do Meio Ambiente. 14ª ed., Campinas: Papirus, 2008.

SANTANA, Agustín. **Antropologia do Turismo**: Analogias, encontros e relações. [Trad.] BARRETTO, Eleonora Frenkel. São Paulo: Alep, 2009.

SANTOS, Milton. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1985.

SCATAMACCHIA, Maria Cristina Mineiro. **Turismo e Arqueologia**. São Paulo: Aleph, 2005.

SILVA, Luiz Carlos da; BORTOLUZZI, Carlos Alfredo (Eds.). **Texto Explicativo para o Mapa Geológico do Estado de Santa Catarina**. Florianópolis: 11º Distrito do DNPM. Coordenadoria de Recursos Minerais da Secretaria da Ciência e Tecnologia, Minas e Energia, p. 197-204, 1987.

SOARES, Janine; **Análise da viabilidade turística dos sambaquis de Laguna, litoral sul de Santa Catarina**. 2003. 189 f. Dissertação (Mestrado em Turismo e Hotelaria) -Universidade do Vale do Itajaí, Balneário Camburiú, 2003.

SOUZA, Marcelo Lopes de; **Mudar a cidade**: Uma introdução crítica ao planejamento e à gestão urbanas. 6º ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

SOYAMA,Paula. In: **ComCiência**. Patrimônio arqueológico do Brasil pede socorro <<http://www.comciencia.br/comciencia/?section=3¬icia=183>>. Acesso em 10 de maio de 2012.

TRIVIÑOS, Augusto Nibaldo Silva. **Introdução a pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

ULYSSÉA, Rubens. **Panorama Histórico de Laguna**. Laguna, 1956.

_____, Rubens. **Laguna: memória histórica**. Brasília: Letra Ativa, 2004.

VERA, Fernando; LOPEZ PALOMEQUE, Francisco; MARCHENA GÓMEZ, Manuel J.; ANTON, Salvador. **Análise territorial del turismo**. Barcelona: Ariel, 1997.

YÁZIGI, Eduardo. **Saudades do futuro: por uma teoria do planejamento territorial do turismo**. São Paulo: Editora Plêiade, 2009.

< <http://www.santur.sc.gov.br> >. Acessado em maio de 2012

APÊNDICES

APÊNDICE A: Quadros dos Sítios Arqueológicos de Laguna por subsistema.

Sítios Arqueológicos do subsistema Centro Histórico / Mar Grosso

Sítio	Data	Descrição	Cadastro	*
Laguna I - Morro do Peralta	–	Tipo de sítio: Sambaqui Sambaqui implantado na encosta de morro cristalino na localidade conhecida como bairro Magalhães, junto ao centro histórico da cidade de Laguna. É bastante deteriorado pela ocupação urbana desordenada que deixa à mostra cortes e perfis que evidenciam seções da base e topo da estratigrafia deste sambaqui, que parece ter sido bem grande. Sua base mostra pacote expressivo de conchas e algum sedimento escuro apoiado diretamente sobre base granítica ou sobre o solo argiloso de coloração alaranjada originário da decomposição da rocha. No topo observou-se um pacote importante de terra preta repleto de sepultamentos em uma área que, infelizmente, encontra-se já tomada de casas populares. A equipe de arqueologia do GRUPEP – Arqueologia / UNISUL evidenciou dois sepultamentos em posição estendida, muito próximos entre si (FARIAS E KNEIP; 2010, p. 202).	GRUPEP – Arqueologia	2
Caieira	710 2770 3230	Tipo de sítio: Sambaqui Localizado em terra particular, possui área máxima de 10 m ² . A datação em C14 do nível mais profundo indica 3 230 +- 155 AP. Seu grau de conservação é baixo menos de 25%. O registro e as escavações foi responsabilidade de Walter Fernando Piazza.	Walter Piazza, Sambaquis e Paisagem	2
Magalhães	–	Tipo de sítio: Sambaqui Sem mais informações.	Walter Piazza.	#

Fonte: Adaptado pelo autor (ASSUNÇÃO, 2010; DeBalis, 2007; FARIAS e KNEIP, 2010).

* Avaliação da integridade do sítio, realizadas na pesquisa de mestrado de Danilo Assunção, projetos Sambaquis e Paisagens e GRUPEP – Arqueologia:

- 1 - Destruído
- 2 - Parcialmente preservado
- 3 - Bem preservado
- # - Não verificado

Sítios Arqueológicos do subsistema Ponta da Barra / Farol de Santa Marta

Sítio	Data	Descrição	Cadastro	*
-------	------	-----------	----------	---

Canto da Lagoa I	3370	<p>Tipo de sítio: Sambaqui</p> <p>Sambaqui localizado pela Prof. Dra. Deisi S. Farias, em área de baixa vertente de um grande banhado arenoso utilizado atualmente como pasto, nas cercanias da estrada da SC-437, no município de Laguna, com oceano Atlântico a cerca de 2Km a sudeste. O local de implantação do sítio, em meio à planície, resulta em alta exposição aos ventos, com possível acesso por canoa em tempos de nível do mar mais alto. Provavelmente construído sobre paleo-duna, apresenta um tamanho médio com mais ou menos 2m de altura com forma monticular e base arredondada de 50 por 40 metros, com leve destaque na paisagem plana. É coberto por tênue vegetação rasteira de gramíneas, revelando solo com sedimento bastante arenoso com grande quantidade de conchas de berbigão na superfície. Do seu topo é possível avistar a extensa planície arenosa com morros cristalinos ao fundo, a cidade de Laguna a noroeste e o Sambaqui do Canto da Lagoa II 180 metros ao sul. Os concheiros do grupo da Carniça são avistados a proximadamente 1Km a oeste e a sudeste podemos ver o morro de Santa Marta. Quanto ao seu estado de conservação boa parte de seu pacote arqueológico fora removido para ser utilizado como embasamento de passagens secas em meio ao banhado.</p>	Deisi de Farias	2
Canto da Lagoa II	–	<p>Tipo de sítio: Sambaqui</p> <p>Também identificado em prospecção realizada pela Prof. Dr. Deisi S. Farias nas cercanias do bairro do Canto da Lagoa, no município de Laguna. Está implantado em meio à planície quaternária sobre uma linha de paleodunas, nas cercanias do Sambaqui do Canto da Lagoa I, sendo possível um contato visual com o mesmo, estando não muito distante estrada SC-437 que corta o banhado arenoso. Possui formato monticular achatado de base circular com 37 por 32 metros e pouco mais de 2 metros de altura. Diferentemente do Sambaqui do Canto da Lagoa I, este concheiro parece ser composto por grande quantidade de conchas em meio a sedimento arenoso. Atualmente é utilizado como área para pasto apresentando bom estado de conservação.</p>	Deisi de Farias.	3
Canto da Lagoa III	–	<p>Tipo de sítio: Sambaqui</p> <p>Sambaqui de forma monticular e médio/pequeno porte, implantado sobre linha de paleo-dunas próxima aos Sambaquis Canto da Lagoa I e II em terreno</p>	–	3

		<p>pertencente ao Sr Antônio “Manaro”. O sítio apresenta densa cobertura vegetal composta por espécies características de mata de restinga. Seu pacote conchífero com cerca de 20cm de espessura é composto por conchas de berbigão e gastrópodes associados a sedimento arenoso muito orgânico de coloração negra, não foram detectados vestígios líticos ou faunísticos. Esta camada arqueológica apresenta-se enterrada por aproximadamente 60cm de sedimento arenoso com algumas poucas conchas, provavelmente depositado ali por ação eólica, o que o caracteriza como exemplo de sítio enterrado por duna, porem parte de seu pacote conchífero pode ser observado devido a um corte em uma de suas vertentes laterais para implantação de uma cerca divisória. A pesar de enterrado o sítio parece se estender por área de 50 por 17 metros, e a duna que o cobre possui pouco mais de 2 metros de altura e formato alongado. Ao lado do sítio é possível encontrar vestígios de uma antiga residência de período recente.</p>		
Canto da Lagoa IV	–	<p>Tipo de sítio: Sambaqui</p> <p>Sobre uma linha de paleo-dunas formada em meio ao banhado, em propriedade particular pertencente ao Sr. João Antunes, foram detectadas em superfície algumas pedras de fogueira, lascas em basalto e um seixo polido associados a boa quantidade de fragmentos cerâmicos históricos. Sr João confirmou que a mais de vinte anos existia uma antiga casa no local. Espanta o fato de não termos encontrado boa quantidade de materiais construtivos, porem é comum na região o costume de se aproveitar tijolos e telhas na construção de novas residências, ou mesmo a retirada e transporte em caminhões de casas de madeira ainda montadas para serem implantadas em novo terreno. A detecção de lascas e um seixo parcialmente polido indicam que o local pode ter sido utilizado anteriormente por grupos pré-coloniais.</p>	–	#
Costão do Ilhote de S. Marta	980	<p>Tipo de sítio: Tupiguarani</p> <p>Sambaqui de médio porte localizado próximo ao costão granítico do Ilhote, na comunidade do Farol de Santa Marta. Apresentou vestígios da cultura Jê. Mapeado por Danilo Assunção e Paulo DeBlasis (FARIAS E KNEIP; 2010, p. 200).</p>	Danilo Assunção e Paulo DeBlasis	#
Galheta I	3090	<p>Tipo de sítio: Sambaqui</p> <p>Coberto por grama e praticamente intacto, sua altura é</p>	João Alfredo Rohr, Sambaquis e	3

		de aproximadamente de 10m, numa área de 20 000 m2. Responsável pelo registro João Alfredo Rohr.	Paisagem.	
Galheta II	4400 4530	Tipo de sítio: Sambaqui Praticamente intacto, a céu aberto, sua altura é estimada é de 6m. Encontra-se em uma planície litorânea sendo a vegetação de restinga.	João Alfredo Rohr, Sambaquis e Paisagem.	3
Galheta III ou do Padre	–	Tipo de sítio: Sambaqui Altura máxima de 12 m, totalizando uma área estimada de 8 000 m ² . Esta exposto a céu aberto, seu grau de integridade é de 75%. Registrado por João Alfredo Rohr.	João Alfredo Rohr, Sambaquis e Paisagem.	2
Galheta IV	980	Tipo de sítio: Taquara / Itararé O sítio Galheta IV foi detectado no início do ano de 2005, em uma visita do Prof. Dr. Paulo DeBlasis e da prof. Dr. Deisi S. Farias acompanhados pelos alunos do MAE-USP e do GRUPEP-UNISUL realizada aos já conhecidos sítios da Galheta identificados na década de 1960 pelo Padre Rohr. Trata-se de um sítio de feição monticular, com cerca de 30 metros de diâmetro e pouco menos de 3 metros de altura. Que fora cortado ao meio pela construção de uma estrada utilizada até os dias de hoje pelos carros de boi dos pescadores. Localizado sobre morro granítico da Ponta da Galheta, a beira do Oceano Atlântico, a cerca de 25 metros acima do nível do mar, este sítio oferece uma ótima visão do entorno. Em dias claros, é possível avistar quase toda a região da planície quaternária costeira com suas belíssimas lagoas cercadas ao norte e a oeste pelos mares de morros que formam os patamares da Serra Geral. Ao contato da planície com o mar é possível observar o cordão arenoso que forma as praias e linhas de dunas, interrompidas somente por outros afloramentos graníticos de grande magnitude, formando verdadeiras montanhas em meio à planície, como o Morro de Santa Marta ao sul e o Morro de Laguna ao norte, onde encontramos a concentração urbana deste município. A sudoeste também é possível avistar a cidade de Tubarão já no sopé dos mares de morros, ao fim da planície. Sua posição privilegiada permite a observação de uma série de outros sítios arqueológicos da região. Ao sul avistamos os sambaquis localizados no topo do Morro de Santa Marta. A oeste, o Sambaqui do Padre (Galheta III) e o Sambaqui Lagoa dos Bixos. Ao norte, o Sambaqui do Ipõa (também conhecido como	–	2

		Roseta).		
Sítio Histórico Galheta V		<p>Tipo de sítio: Histórico</p> <p>Na porção sul da paleo-ilha uma área plana embasada por uma grande laje granítica foi alvo de intervenções a partir de uma malha de 10m x 10m por tratar-se de porção propícia a assentamentos, mesmo que a averiguação com malha mais espaçada não demonstrasse existência de material arqueológico. A nova intervenção denotou a presença de vestígios em sub-superfície caracterizando um novo sítio arqueológico denominado Galheta VII.</p>		#
Ilhote de Ipoã II	–	<p>Tipo de sítio: Sambaqui</p> <p>Sítio Lítico Ipoã II (Morro da Teresa) - Área de grande concentração lítica sobre a superfície de paleo-dunas ancoradas nos granitos que formam a baixa vertente sul do Morro da Teresa. Dali segue uma linha de dunas ativas de grande porte, que segue paralela a costa passando poucos metros a oeste do Sambaqui Ipoã e margeando a Lagoa dos Bixos. As pedras estão espalhadas sobre a superfície aparente das paleo-dunas. São em sua maioria fragmentos de rocha sem sinais de utilização, mas uma vistória mais detalhada demonstra a existência de núcleos, percutores, fragmentos lascados e lascas em granito, rocha básica e quartzo, além de boa quantidade de pedras queimadas. Vestígios que possivelmente tem relação com os construtores do sambaqui por conta de sua semelhança com o material encontrado nos concheiros. Possivelmente trata-se de uma área utilizada como fonte de matéria prima, uma caminhada rápida pela vertente sul do Morro da Teresa mostrou a existência de veios de gnaise e calcedônia entre os granitos próximos ao sítio.</p>	–	#
Ilhote de Ipoã III	–	<p>Tipo de sítio: Sambaqui</p> <p>Sítio Lítico do Ipoã III (gruta de Nossa Senhora) - A sudoeste do Sambaqui do Ipoã podemos encontrar uma série de afloramentos graníticos localizadas entre a praia e o campo de dunas, esses afloramentos de grande magnitude ancoram paleo-dunas e dunas atuais formando pequenos morros. É provável que em tempos de transgressão marítima, estes tomassem conotação de pequenas ilhas ou istmos. Dois grandes blocos apoiados um no outro formam uma pequena gruta onde foi colocada uma imagem de Nossa Senhora. No entorno desses afloramentos foram</p>	–	#

		detectados uma série de artefatos líticos.		
Lagoa dos Bixos I	–	<p>Tipo de sítio: Sambaqui</p> <p>Grande Sambaqui localizado em meio a extensa linha de paleo-dunas, se confundindo com as mesmas. Coberto parcialmente por vegetação de arbustos baixos característicos de restinga. De seu topo podemos avistar uma grande área com destaque para o Morro da Galheta ao sul, o Morro da Santa Marta a sudoeste, o oceano a sudeste, o morro da laguna ao norte, o morro da Teresa a leste, e a lagoa da Santa Marta a noroeste. Quanto aos Sambaquis podemos avistar uma série deles, estando o grupo do Canto da Lagoa e da Carniça a noroeste, e o Galheta III ao sul. Formado por conchas de berbigão associadas a sedimento arenoso claro. Alguns líticos podem ser encontrados a superfície. Parece bem preservado, no entanto o Sr. Ondino, morador antigo da região, afirmou que parte deste concheiro fora minerado em pequena escala, ainda é possível ver alguns cortes em seu topo decorrentes da mineração, nesses cortes pode se observar a existência de tênues lentes de sedimento arenoso mais escuro com maior concentração de conchas.</p>	João Alfredo Rohr, Sambaquis e paisagem	3
Lagoa dos Bixos II	–	<p>Tipo de sítio: Sambaqui</p> <p>Casqueiro de médio porte localizado em meio a campo de dunas ativas as margens da Lagoa dos Bixos, possui formato monticular com conchas associadas a sedimento arenoso semelhante ao encontrado nas dunas. Segundo moradores locais este sítio se apresentava enterrado pelas dunas a bem pouco tempo. Chama a atenção a grande quantidade de líticos encontrados no entorno e sobre o casqueiro. Algumas pequenas aglomerações conchíferas são detectadas nas suas proximidades.</p>	–	3
Lagoa dos Bixos III	–	<p>Tipo de sítio: Sambaqui</p> <p>Pequeno sambaqui localizado em meio ao campo de dunas já bem próximo ao Sambaqui Lagoa dos Bixos II. Apresenta formato monticular com base circular.</p>	–	2
Lagoa dos Bixos IV	–	<p>Tipo de sítio: Sambaqui</p> <p>Trata-se de uma pequena concentração de conchas a superfície de uma linha de paleo-dunas sobre antiga praia, ao pé de dunas ativas de grande porte que circundam a Lagoa dos Bixos. São conchas de</p>	–	#

		berbigão e gastrópodes marinhos, concentradas a superfície num diâmetro de 10 metros e encontradas em pouca quantidade até os 30cm de profundidade.		
Lagoa dos Bixos V	–	Tipo de sítio: Sambaqui Pequeno casqueiro composto por sedimento arenoso e conchas de berbigão, parcialmente coberto por vegetação baixa de restinga. Localizado em meio a linha de dunas de médio porte a alguns poucos metros do Sambaqui Lagoa dos Bixos I.	–	2
Lítico do Ipoã III	–	Tipo de sítio: Sambaqui	–	#
Morro do Céu	–	Tipo de sítio: Estação lítica Extenso sítio lítico detectado pela Prof. Dra. Deisi Farias, localizado sobre dunas na encosta do Morro de Santa Marta contíguo ao Sambaqui Santa Marta III, já próximo a linha de costa. Caracteriza-se por grande quantidade de líticos lascados, polidos e queimados espalhados por mais de quinhentos metros em área que chega até as proximidades da central regional de tratamento de água da CASAN. Chama atenção a grande quantidade e diversidade de artefatos inteiros e quebrados em diferentes matérias primas, como quartzo, quartzito, granito, rochas básicas e arenito. Podemos encontrar machados polidos e lascados, raspadores, seixos lascados, almofarizes, percutores, pontas polidas, lascas primárias, secundárias e utilizadas, quebra-coquinhos, núcleos, além de grande quantidade de rochas queimadas. Vale destacar que o material encontra-se sobre a camada de paleodunas ancoradas nos afloramentos cristalinos do Morro de Santa Marta sendo cobertos e descobertos constantemente pela ação dos ventos que movem as dunas atuais.	–	#
Passagem da Barra	–	Tipo de sítio: Sambaqui Sítio com altura de 10m e área total de 10 000 m ² , situada em planície litorânea. A vegetação característica é de capoeira. Responsável pelo registro Walter Fernando Piazza	Walter Piazza, Sambaquis e Paisagem.	2
Roseta (Ilhote de Ipoã)	–	Tipo de sítio: Sambaqui Grande sambaqui localizado na praia da Teraza, no município de Laguna. Apresenta um formato com topo retificado. Possui grande quantidade de material lítico e faunístico em meio ao pacote. Identificou-se pouca	–	#

		cobertura vegetal, apenas algumas gramíneas e herbáceas (FARIAS E KNEIP; 2010, p. 202).		
Santa Marta I	3200	Tipo de sítio: Sambaqui Há céu aberto, este sambaqui de 60 metros de diâmetro, situado em meio às dunas. O traçado da estrada de acesso ao Farol passa sobre a base desse sítio. Altura aproximada de 15 m. Tem como principal rio D' Uma, a vegetação é de restinga, seu grau de integridade varia de 25 a 75 %, os fatores de destruição é construções de estradas. Responsável pela catalogação Walter Fernando Piazza.	Walter Piazza, Sambaquis e Paisagem	2
Santa Marta II	–	Tipo de sítio: Sambaqui Sítio localizado sobre embasamento cristalino, a 200 metros da praia, próximo ao Farol. Segundo dados de 1976 do Pe. Rohr (1982), o mesmo já se encontrava 90% destruído em função da construção de estradas. Altura de 50m ocupando uma área total de 7000 m². Responsável pelo registro Walter Fernando Piazza.	Walter Piazza, Sambaquis e Paisagem	1
Santa Marta III	–	Tipo de sítio: Sambaqui sua altura não ultrapassa 5m, possui uma área de 8000m², encontra-se a céu aberto em terras públicas. O vandalismo é a principal causa de destruição. Responsável pela catalogação Walter Fernando Piazza.	Walter Piazza, Sambaquis e Paisagem	3
Santa Marta IV	–	Tipo de sítio: Sambaqui Localizado próximo a estrada de acesso ao morro da Santa Marta no município de Laguna em meio a campo de dunas ainda ativas. Este concheiro está implantado sobre uma duna coberta por tênue vegetação de gramíneas e pequenas herbáceas. Apresenta porte mediano com cerca de 180 metros de base no sentido norte-sul e 75 metros no sentido leste oeste com pouco mais de 8 metros de altura. Parece ter sido bastante deteriorado, possivelmente para utilização de seu pacote no calçamento da estrada, mas sua porção noroeste aparenta estar melhor preservada. De formato monticular é composto por conchas de berbigão e gastrópodes sendo possível detectar lascas e artefatos líticos em basalto assim como ossos humanos em sua superfície.	GRUPEP- Arqueologia	2
Santa Marta V	4110	Tipo de sítio: Sambaqui Muito próximo ao Santa Marta IV a oeste do famoso	GRUPEP- Arqueologia	2

		farol, está implantado sobre duna e coberto por vegetação baixa de gramíneas com arbustos dispersos. Possui porte mediano com base arredondada de 45 metros de diâmetro e forma monticular com 5 metros de altura. Aparentemente foi deteriorado para utilização de suas conchas mas ainda é possível detectar líticos e estruturas de fogueira em sua atual superfície.		
Sambaqui Cabo de Santa Marta VI		Tipo de sítio: Sambaqui Sambaqui próximo a estrada de acesso ao Farol de Santa Marta, em campos de dunas ativas que correm sobre o banhado. Composto por conchas de berbigão em meio a sedimento arenoso claro de fina granulação sendo coberto por algumas herbáceas típicas de restinga. Possui formato monticular com 3 metros de altura, sua base se estende por uma área de 38 metros no sentido nortesul e 60 metros no sentido leste-oeste. Alguns líticos podem ser encontrados sobre a superfície. Lentes esparsas de conchas sobre sedimento arenoso são detectadas no entorno do montículo, podem se tratar de restos do sambaqui dispersos durante a retirada de parte de seu pacote arqueológico, uma vês que existem vestígios de uma antiga estrada calçada por conchas que passava ao seu lado, hoje parcialmente encoberta pelas dunas.		1
Sambaqui Cabo de Santa Marta VII		Tipo de sítio: Sambaqui Sítio muito próximo aos Sambaquis Santa Marta IV, V e VI em mesmo banhado charcoso coberto por dunas. Apresenta-se como um concheiro baixo com menos de 2 metros de altura e formato monticular achatado composto por conchas de gastrópodes e berbigão em meio a sedimento arenoso. Sua base se estende por cerca de 60 metros em sentido leste-oeste e 42 metros em sentido norte-sul. Alguns fragmentos líticos em rocha básica podem ser encontrados á superfície.		1
Sambaqui Cabo de Santa Marta VIII		Tipo de sítio: Sambaqui Quase inteiramente coberto por vegetação arbustiva este sítio de pequeno porte e formato monticular apresenta-se anexo ao Santa Marta V, no entanto apresentando estrutura diferenciada de seu vizinho, sendo composta por um pacote homogêneo de conchas associados a sedimento arenoso com bastante presença de matérias orgânica e carvão. Trata-se de um sítio funerário com presença esparsa de cerâmica em superfície e sub-superfície.		#

		(ASSUNÇÃO, 2010, p.123)		
Sambaqui Cabo de Santa Marta IX		<p>Tipo de sítio: Sambaqui</p> <p>Em meio aos líticos foi observada a existência de um pequeno montículo de conchas de berbigão semienterrado pelas dunas com uma série de artefatos líticos lascados e polidos em sua superfície. A princípio não parece tratar-se de uma estrutura muito grande tendo cerca de 7 metros de diâmetro, no entanto as dunas que o cercam provavelmente cobrem parte do pacote conchífero impedindo a averiguação de seu real tamanho. Vale destacar que em visitas anteriores ao local este pequeno concheiro não foi detectado por estar enterrado pelas dunas móveis que cobrem parte do morro da Santa Marta, é possível que haja outras estruturas similares escondidas pela areia nas proximidades. Novas visitas ao sítio e averiguações com auxílio de equipamentos geofísicos como radares de subsuperfície podem lançar luzes sobre a disposição e tamanho dessas estruturas enigmáticas.</p>		3
Sítio Cabo de Santa Marta X		<p>Tipo de sítio: Sambaqui</p> <p>Sítio Cabo de Santa Marta X - Trata-se de uma mancha escura com conchas que aflora a superfície se estendendo por um diâmetro de 10 metros. A mancha é composta por sedimento escuro muito compactado associado a pequenas lentes de conchas implantado em meio a uma grande voçoroca localizada entre as áreas de concentração lítica do Sítio Morro do Céu. São detectados líticos sobre a mancha, em meio a ela e em seu entorno. A mancha está localizada na média vertente do Morro do Céu, de frente para o mar, ao sul do Sambaqui Santa Marta III. A ação das águas que descem pela vertente do morro deteriorou boa parte da estrutura e criou um perfil cortando a mancha lateralmente, aproveitamos esse perfil para realizar coleta de amostra para datação (22J 0713104/6834358). As lentes conchíferas são compostas principalmente por berbigões, muitas delas fechadas, chama atenção o grande número de conchas pequenas, que não alcançaram a idade adulta. A fauna é muito reduzida, porém é possível detectar uns poucos ossos de peixe em meio as lentes. Uma fina camada superficial extremamente compacta cobre toda a estrutura, tendo cerca de 1,5cm de espessura, sendo composta por de sedimento de consistência argilo-arenoso de coloração negra aparentemente muito exposta a queima. Uma segunda</p>		3

		camada com cerca de 15cm apresenta sedimento arenoso muito escuro e com média compactação e fina granulação. Apenas um fragmento lítico lascado foi detectado e nada mais. É no final dessa camada, já no contato com o sedimento arenoso claro, estéril, que aparecem as lentes de conchas. Vale salientar que a estrutura não está implantada diretamente sobre a paleoduna, e sim sobre um pacote de aproximadamente 60 cm de sedimento arenoso de deposição eólica característico das dunas recentes. Só daí é que surge o sedimento argiloso avermelhado das paleo-dunas que embasam os artefatos líticos que encontramos ao redor. A interpretação de tal estrutura é prejudicada pela sua localização dentro de uma grande voçoroca, parte de seu pacote e o sedimento que o cercava foram levados pela ação das águas, de fato a estrutura só resiste devido a compactação do sedimento provavelmente ocasionada por ação antrópica. Não está descartada a hipótese de que a estrutura seja um antigo piso, ou ainda uma cozinha pré-histórica.		
Polidores Fixos da Galheta		Tipo de sítio: Sambaqui No contato do morro da Galheta com a praia, ao sul do Sambaqui Galheta IV, existe um grande veio de rocha basáltica em meio ao granito, onde são detectadas marcas de polimento de ferramentas líticas deixadas pelos antigos grupos que passaram pela região. São aglomerações de sulcos, já próximos a água, de formato arredondado e ovalado, não muito profundos, mas que denotam a utilização da área para produção ou retoque de ferramentas em pedra. É possível que parte desses polidores estejam hoje encobertos pela areia da praia ou de baixo d'água.		
Fortim do Atalaia		Tipo de sítio: Sítio histórico		

Fonte: Adaptado pelo autor (ASSUNÇÃO, 2010; DeBalis, 2007; FARIAS e KNEIP, 2010).

* Avaliação da integridade do sítio, realizadas na pesquisa de mestrado de Danilo Assunção, projetos Sambaquis e Paisagens e GRUPEP – Arqueologia:

- 1 - Destruido
- 2 - Parcialmente preservado
- 3 - Bem preservado
- # - Não verificado

Sítios Arqueológicos do subsistema Campos Verdes / Cigana

Sítio	Data	Descrição	Cadastro	*
-------	------	-----------	----------	---

Canto da Lagoa I	3370	<p>Tipo de sítio: Sambaqui</p> <p>Sambaqui localizado pela Prof. Dra. Deisi S. Farias, em área de baixa vertente de um grande banhado arenoso utilizado atualmente como pasto, nas cercanias da estrada da SC-437, no município de Laguna, com oceano Atlântico a cerca de 2Km a sudeste. O local de implantação do sítio, em meio à planície, resulta em alta exposição aos ventos, com possível acesso por canoa em tempos de nível do mar mais alto. Provavelmente construído sobre paleo-duna, apresenta um tamanho médio com mais ou menos 2m de altura com forma monticular e base arredondada de 50 por 40 metros, com leve destaque na paisagem plana. É coberto por tênue vegetação rasteira de gramíneas, revelando solo com sedimento bastante arenoso com grande quantidade de conchas de berbigão na superfície. Do seu topo é possível avistar a extensa planície arenosa com morros cristalinos ao fundo, a cidade de Laguna a noroeste e o Sambaqui do Canto da Lagoa II 180 metros ao sul. Os concheiros do grupo da Carniça são avistados a proximadamente 1Km a oeste e a sudeste podemos ver o morro de Santa Marta. Quanto ao seu estado de conservação boa parte de seu pacote arqueológico fora removido para ser utilizado como embasamento de passagens secas em meio ao banhado.</p>	Deisi de Farias.	2
Canto da Lagoa II	–	<p>Tipo de sítio: Sambaqui</p> <p>Também identificado em prospecção realizada pela Prof. Dr. Deisi S. Farias nas cercanias do bairro do Canto da Lagoa, no município de Laguna. Está implantado em meio à planície quaternária sobre uma linha de paleodunas, nas cercanias do Sambaqui do Canto da Lagoa I, sendo possível um contato visual com o mesmo, estando não muito distante estrada SC-437 que corta o banhado arenoso. Possui formato monticular achatado de base circular com 37 por 32 metros e pouco mais de 2 metros de altura. Diferentemente do Sambaqui do Canto da Lagoa I, este concheiro parece ser composto por grande quantidade de conchas em meio a sedimento arenoso. Atualmente é utilizado como área para pasto apresentando bom estado de conservação.</p>	Deisi de Farias.	3
Canto da Lagoa III	–	<p>Tipo de sítio: Sambaqui</p> <p>Sambaqui de forma monticular e médio/pequeno porte, implantado sobre linha de paleo-dunas próxima aos Sambaquis Canto da Lagoa I e II em terreno</p>	–	3

		<p>pertencente ao Sr Antônio “Manaro”. O sítio apresenta densa cobertura vegetal composta por espécies características de mata de restinga. Seu pacote conchífero com cerca de 20cm de espessura é composto por conchas de berbigão e gastrópodes associados a sedimento arenoso muito orgânico de coloração negra, não foram detectados vestígios líticos ou faunísticos. Esta camada arqueológica apresenta-se enterrada por aproximadamente 60cm de sedimento arenoso com algumas poucas conchas, provavelmente depositado ali por ação eólica, o que o caracteriza como exemplo de sítio enterrado por duna, porem parte de seu pacote conchífero pode ser observado devido a um corte em uma de suas vertentes laterais para implantação de uma cerca divisória. A pesar de enterrado o sítio parece se estender por área de 50 por 17 metros, e a duna que o cobre possui pouco mais de 2 metros de altura e formato alongado. Ao lado do sítio é possível encontrar vestígios de uma antiga residência de período recente.</p>		
Canto da Lagoa IV	–	<p>Tipo de sítio: Sambaqui</p> <p>Sobre uma linha de paleo-dunas formada em meio ao banhado, em propriedade particular pertencente ao Sr. João Antunes, foram detectadas em superfície algumas pedras de fogueira, lascas em basalto e um seixo polido associados a boa quantidade de fragmentos cerâmicos históricos. Sr João confirmou que a mais de vinte anos existia uma antiga casa no local. Espanta o fato de não termos encontrado boa quantidade de materiais construtivos, porem é comum na região o costume de se aproveitar tijolos e telhas na construção de novas residências, ou mesmo a retirada e transporte em caminhões de casas de madeira ainda montadas para serem implantadas em novo terreno. A detecção de lascas e um seixo parcialmente polido indicam que o local pode ter sido utilizado anteriormente por grupos pré-coloniais.</p>	–	#
Caputera I	–	<p>Tipo de sítio: Sambaqui</p> <p>situado sobre a planície litorânea, possui uma latura de 2m, tendo a area um total de 1500 m2. Está em terra privada. Sua destruição foi decorrente das atividades clandestinas de extração de conchas para a fabricação da cal. Responsavel pela catalogação Walter Fernandi Piazza.</p>	Walter Piazza	#
Carnaça I	2400 2460	<p>Tipo de sítio: Sambaqui</p>	Walter Piazza,	3

	2550 3040 3210 3275 3300 3310 3350 3370 3370 3400	O nome desse sambaqui foi dado em função do povoado de pescadores chamado Carniça, na margem do rio Tubarão. Localizado ao sul da cidade de Laguna e ao norte da Lagoa de Santa Marta. Possui altura máxima de 5 m ocupando uma área de 400 m ² . Está inserido em um ambiente de restinga, próximo ao rio D'uma. A datação em concha é de 3210 ±150 e. carvão 3.370 ± 150. Seu grau de integridade é baixo devido ao aproveitamento econômico e vandalismo. Responsável pelo registro Walter Fernando Piazza.	Sambaquis e Paisagem	
Carniça II	–	Tipo de sítio: Sambaqui sua altura é de aproximadamente 12 m e área total de 7 000 m ² . Está sobre a planície litorânea, em área de pasto. A destruição desse sítio está relacionada ao vandalismo e ao aproveitamento econômico.	Walter Piazza, Sambaquis e Paisagem	2
Carniça III	–	Tipo de sítio: Sambaqui Sítio com formato cônico com 30 m de diâmetro e altura de 6 m área de 700 m ² , mapeado por Walter Fernando Piazza.	Walter Piazza, Sambaquis e Paisagem	2
Carniça IV	–	Tipo de sítio: Sambaqui Sambaqui de 60 metros de diâmetro e 5 metros de altura e encontra-se parcialmente destruído. O responsável por seu registro foi Walter Piazza. O sítio foi visitado e suas coordenadas medidas durante a pesquisa realizadas para o projeto Sambaquis e Paisagem (FARIAS E KNEIP; 2010, p. 196).	Walter Piazza, Sambaquis e Paisagem	2
Carniça IX	–	Tipo de sítio: Sambaqui Trata-se de uma aglomeração de conchas que segue da superfície até cerca de 70 cm de profundidade em forma de pequeno mound em meio as moínhas resultantes da mineração realizada a décadas atrás no Sambaqui Carniça II. Ainda não está clara a origem de tal estrutura, apesar de não serem observados líticos, carvão ou fauna queimada, a presença de conchas inteiras de berbigão e gastrópodes em sua composição e sua estrutura discretamente diferente de outros montículos compostos por moínha nos indica que possa se tratar de um outro pequeno sambaqui.	–	1
Carniça V	–	Tipo de sítio: Sambaqui Altura aproximadamente de 5 m, a área total é representada por 1400 m ² . Encontra-se em terreno privado a céu aberto. As ações de depredação são o	Walter Piazza, Sambaquis e Paisagem	1

		vandalismo e o aproveitamento econômico, responsável pelo registro Walter Fernando Piazza.		
Carnaça VI	–	<p>Tipo de sítio: Sambaqui</p> <p>Localizado nas cercanias da vila do Casqueiro, município de Laguna, este sambaqui de pequeno porte possui cerca de 51 metros de comprimento por 44 metros de largura, tendo 1,5 metros de altura e apresentando cobertura vegetal rasteira típica de restinga e gramíneas. Implantado sobre uma discreta linha de paleodunas em meio à planície quaternária apresenta-se muito exposto aos ventos, em área levemente mais alta que o banhado onde se encontram os concheiros do Canto da Lagoa I, II e III, estando muito mais próximo ao grupo de sítios da Carnaça do que daqueles. Possui base de formato arredondado e estrutura monticular achatada formada por conchas e sedimento arenoso.</p>	Danilo Assunção	2
Carnaça VII	–	<p>Tipo de sítio: Sambaqui</p> <p>Trata-se de um concheiro baixo, muito deteriorado, com forma achatada levemente monticular sobre linha de paleo-duna arenosa estando muito exposto aos ventos. Apesar de sua pouca altura, do topo podemos avistar os sítios Carnaça II e Carnaça III. Possui 25 metros de comprimento, 22 metros de largura e 1 metro de altura estando coberto por vegetação rala composta por gramíneas esparsas e cactos. Seu pacote conchífero segue da superfície até os 50 cm de profundidade sendo composto de berbigões, mariscos, gastrópodes e alguns carvões associados a sedimento arenoso acinzentado. Dos 50cm aos 80cm de profundidade encontramos uma camada de sedimento arenoso estéril, a partir daí uma nova camada conchífera pode ser observada seguindo até a profundidade de 100cm onde foram detectados carvões e um fragmento de Rocha Básica muito queimado.</p>	–	1
Sítio Histórico Carnaça VIII		<p>Tipo de sítio: Sambaqui</p> <p>Parece tratar-se de um piso de conchas do período histórico, até hoje é possível observar a utilização de conchas para o calçamento de casas, estradas e outras construções sobre o sedimento arenoso comum a região, muitas das conchas utilizadas para o calçamento são originárias de sambaquis, não é raro encontrarmos materiais arqueológicos ao redor de construções erguidas sobre este piso conchífero. A</p>		#

		estrutura detectada pode ser considerada como exemplo desses pisos conchíferos recentes, a construção sobre ela já não existe mais, no entanto foram detectados materiais associados a construção civil como telhas, tijolos e fragmentos de concreto em meio as conchas.		
Carnaça X	–	Tipo de sítio: Sambaqui Composto de conchas de berbigão e gastrópodes de espalhadas pela superfície de pequena duna numa área de 67 por 70 metros. Localizado a 400 metros de um antigo braço de rio pertencente ao delta do Tubarão, em propriedade do Sr. Leleco. Este nos afirmou que no local havia um sambaqui de cerca de um metro de altura onde ele detectou um crânio humano há alguns anos. Um poço teste de averiguação foi realizado no local demonstrando a presença de sedimento arenoso orgânico de coloração negra, associado a conchas e ossos de peixe seguindo até a profundidade de 40cm. Trata-se de um casqueiro já bastante deteriorado por ação de mineração realizada durante décadas em processo artesanal familiar. Ainda é possível ver os vestígios de antigas estruturas para o processamento e queima das conchas em área contígua ao antigo sambaqui.	–	3
Sítio Histórico Galheta V		Tipo de sítio: Histórico Na porção sul da paleo-ilha uma área plana embasada por uma grande laje granítica foi alvo de intervenções a partir de uma malha de 10m x 10m por tratar-se de porção propícia a assentamentos, mesmo que a averiguação com malha mais espaçada não demonstrasse existência de material arqueológico. A nova intervenção denotou a presença de vestígios em sub-superfície caracterizando um novo sítio arqueológico denominado Galheta VII.		#
Km 308	–	Tipo de sítio: Tupiguarani	–	#
Madre	–	Tipo de sítio: Sambaqui	Sambaquis e paisagem	#
Morro do Céu	–	Tipo de sítio: Estação lítica Extenso sítio lítico detectado pela Prof. Dra. Deisi Farias, localizado sobre dunas na encosta do Morro de Santa Marta contíguo ao Sambaqui Santa Marta III, já próximo a linha de costa. Caracteriza-se por grande quantidade de líticos lascados, polidos e queimados espalhados por mais de quinhentos metros em área que chega até as proximidades da central regional de tratamento de água da CASAN. Chama atenção a grande quantidade e diversidade de artefatos inteiros e quebrados em diferentes matérias primas, como	–	#

		quartzo, quartzito, granito, rochas básicas e arenito. Podemos encontrar machados polidos e lascados, raspadores, seixos lascados, almofarizes, percutores, pontas polidas, lascas primárias, secundárias e utilizadas, quebra-coquinhos, núcleos, além de grande quantidade de rochas queimadas. Vale destacar que o material encontra-se sobre a camada de paleodunas ancoradas nos afloramentos cristalinos do Morro de Santa Marta sendo cobertos e descobertos constantemente pela ação dos ventos que movem as dunas atuais.		
Porteira	–	Tipo de sítio: Sambaqui Localizado a 100 m do Perrexil II, este sambaqui apresenta uma altura de 10m e uma área de 50 m ² , a vegetação é de restinga e a geomorfologia é caracterizada por planícies litorâneas. Situado em terras privadas, seu grau de integridade é de 25 a 75%. Responsável pelo registro Walter Fernando Piazza.	Walter Piazza	#

Fonte: Adaptado pelo autor (ASSUNÇÃO, 2010; DeBalis, 2007; FARIAS e KNEIP, 2010).

* Avaliação da integridade do sítio, realizadas na pesquisa de mestrado de Danilo Assunção, projetos Sambaquis e Paisagens e GRUPEP – Arqueologia:

1 - Destruído

2 - Parcialmente preservado

3 - Bem preservado

- Não verificado

Sítios Arqueológicos do subsistema Ribeirão Pequeno / Pescaria Brava

Sítio	Data	Descrição	Cadastro	*
Ponta da Laranjeira	–	Tipo de sítio: Sambaqui Sambaqui construído sobre base granítica, com presença de ostras e megalobolinas, além de materiais líticos. Encontra-se muito destruído, sendo que nele há somente finas camadas de concha e terra preta sobre laje de granito. O sítio está implantado às margens da lagoa do Imaruí e na base de formação granítica. Está exposto aos ventos, principalmente o vento sul. Mapeamento por Rohr e visitado pela equipe do GRUPEP – Arqueologia para tomada de coordenadas e demais dados.	João Alfredo Rohr.	1
Ribeirão Pequeno	2390	Tipo de sítio: Sambaqui Esse sambaqui possui 15 metros de altura e uma área de 1 200 m ² , próximo ao rio das conchas. Sua terra é utilizada para o plantio. Seu grau de integridade é de 75% e de relevância é alto. Registrado por João	João Alfredo Rohr, Sambaquis e Paisagem.	3

		Alfredo Rohr.		
--	--	---------------	--	--

Fonte: Adaptado pelo autor (ASSUNÇÃO, 2010; DeBalis, 2007; FARIAS e KNEIP, 2010).

* Avaliação da integridade do sítio, realizadas na pesquisa de mestrado de Danilo Assunção, projetos Sambaquis e Paisagens e GRUPEP – Arqueologia:

1 - Destruído

2 - Parcialmente preservado

3 - Bem preservado

- Não verificado

Sítios Arqueológicos do subsistema subsistema subsistema Cabeçadas / Perrechil.

Sítio	Data	Descrição	Cadastro	*
Barreiros	–	Tipo de sítio: Sambaqui Sítio do tipo sambaqui, possui 2 metros de altura, ocupando uma área de aproximadamente 24 000 m ² . Encontra-se a céu aberto, bem conservado em terra particular, a casa de Martinho Santos esta sobre o sítio. O ambiente é caracterizado pelo rio D'Una e pela vegetação de restinga, possuindo como unidade geomorfológica a planície litorânea.	–	#
Bentos I	–	Tipo de sítio: Tupiguarani Pequeno sítio acampamento com uma estrutura de combustão, vestígios arqueofaunísticos e cerâmica da Tradição Tupiguarani as margens da Lagoa do Mirim, na comunidade de Bentos em Laguna. Foi cadastrado pela equipe do GRUPEP-Arqueologia da UNISUL.	–	#
Bentos II	–	Tipo de sítio: Tupiguarani Pequeno sítio com manchas escuras e cerâmica da Tradição Tupiguarani dispersas em superfície as margens da Lagoa do Mirim, em área utilizada para plantio de mandioca na comunidade de Bentos em Laguna. Foi cadastrado pela equipe do GRUPEP-Arqueologia da UNISUL.	–	#
Cabeçada I	4120	Tipo de sítio: Sambaqui Está localizado a noroeste da cidade de Laguna, sobre a formação granitóide, a margem da Lagoa Santo Antônio do Anjos e de Imaruí. Sua altura é de 22 m, possuindo uma área de 10 000 m ² . A unidade geomorfológica é a planície litorânea, o rio mais próximo é o D'Una. A vegetação é de restinga, situado em terras privadas, possui a datação de 4000 AP. O grau de integridade está em torno de 25%. Os fatores de destruição foram provocados principalmente por atividades econômicas como, a Caieira, estrada de ferro que passava sobre o sítio, compactação de estradas. Sítio catalogado por Castro Farias.	João Alfredo Rohr	2
Cabeçada II		Tipo de sítio: Sambaqui Sambaqui com feições monticular composto de	GRUPEP-Arqueologia	2

		anomalocardia, sedimento escuro e presença de material lítico. Foi cortado pela estrada e possui pacote arqueológico que pode chegar a 2 metros de espessura. Está implantado sobre dunas estáveis entre a lagoas do Imaruí e Santo Antonio. Possui medida aproximada de 125 metro de comprimento e 100 metros de largura e 2 metro de altura. Seu grau de integridade é médio e os fatores de destruição foram a própria estrada que cortou junto com a ação da agricultura. Foi mapeado pela equipe do GRUPEP - Arqueologia (FARIAS E KNEIP; 2010, p. 202).		
Caputera I	-	Tipo de sítio: Sambaqui situado sobre a planície litorânea, possui uma latura de 2m, tendo a area um total de 1500 m2. Está em terra privada. Sua destruição foi decorrente das atividades clandestinas de extração de conchas para a fabricação da cal. Responsavel pela catalogação Walter Fernandi Piazza.	Walter Piazza	#
Caputera II	-	Tipo de sítio: Sambaqui O sítio abrange terrenos de varios proprietários, encontrase destruido cerca de 90%, mede 20 m de comprimento, 80 m de largura e sua altura máxima é de 15 m, área total estimada 16 000 m2, bastante alterado em função do vandalismo e do aproveitamento economico.	Walter Piazza	#
Mato Alto		Tipo de sítio: Tupiguarani Sítio Mato Alto – Trata-se de um sítio guarani com diversos vestígios cerâmicos da Tradição Tupiguarani dispersos em superfície, possui área aproximada de 400 metros quadrados, próximo a lagoa de Santo Antonio dos Anjos, na comunidade de Mato Alto em Laguna. Esse sítio foi escavado pela equipe do GRUPEP-Arqueologia e o material encontra-se sobre a guarda da UNISUL.		#
Peixaria	-	Tipo de sítio: Sambaqui Sambaqui construído sobre duna na estável margem da lagoa do Imaruí, no qual nota-se a presença de anomalocardias e ostras e materiais líticos dispersos na superfície. O sambaqui encontra-se parcialmente encoberto pela duna e está implantado às margens da lagoa do Imaruí em uma área formada por cordões de dunas estáveis. Mapeamento por Rohr e visitado pela equipe do GRUPEP – Arqueologia para tomada de coordenadas e demais dados (FARIAS E KNEIP; 2010, p. 202).	João Alfredo Rohr.	#
Ponta do Perrechil I	-	Tipo de sítio: Sambaqui Sua área total é 12 m ² , localizado a céu aberto. O material arqueológico encontrado foram artefatos líticos, Situado em terras privada. Responsável pelo	Walter Piazza, Sambaquis e Paisagem.	#

		registro Walter Fernando Piazza.		
Ponta do Perrechil II	–	Tipo de sítio: Sambaqui Mede 10 m de altura e 50 m ² na sua totalidade. Esta a céu aberto em área de restinga, encontra-se a 100 m do Ponta de Perrechil I. Responsável pelo registro Walter Fernando Piazza.	Walter Piazza	#
Porteira	–	Tipo de sítio: Sambaqui Localizado a 100 m do Perrechil II, este sambaqui apresenta uma altura de 10m e uma área de 50 m ² , a vegetação é de restinga e a geomorfologia é caracterizada por planícies litorâneas. Situado em terras privadas, seu grau de integridade é de 25 a 75%. Responsável pelo registro Walter Fernando Piazza.	Walter Piazza	#
Ribeirão Pequeno	2390	Tipo de sítio: Sambaqui Esse sambaqui possui 15 metros de altura e uma área de 1 2000 m ² , próximo ao rio das conchas. Sua terra é utilizada para o plantio. Seu grau de integridade é de 75% e de relevância é alto. Registrado por João Alfredo Rohr.	João Alfredo Rohr, Sambaquis e Paisagem.	3

Fonte: Adaptado pelo autor (ASSUNÇÃO, 2010; DeBalis, 2007; FARIAS e KNEIP, 2010).

* Avaliação da integridade do sítio, realizadas na pesquisa de mestrado de Danilo Assunção, projetos Sambaquis e Paisagens e GRUPEP – Arqueologia:

1 - Destruído

2 - Parcialmente preservado

3 - Bem preservado

- Não verificado

APÊNDICE B: Formulário aplicado com visitantes.

Pesquisador: _____ Local: _____

Data: ____/____/2012

1. Idade: _____ 2. Gênero: () M () F Profissão: _____

3. Escolaridade / Grau de instrução: _____

4. Estado civil: () solteiro / Separado/ Divorciado/ Viúvo () casado / União marital

5. Procedência:

() Nacional () Estrangeiro Se estrangeiro, qual país? _____

5.1 Se nacional qual estado?

() SC () RS () PR () SP

() Outro: _____

Cidade: _____

6. Quais foram os últimos cinco destinos turísticos que você visitou?(enumere por interesse)

() _____ () _____

() _____ () _____

() _____

7. Qual atrativo fez com que você escolhesse Laguna como destino turístico?

8. É a sua primeira visita ao município? () Sim () Não Quantas vezes: _____

9. Quanto tempo ficará na cidade? _____ dias

10. Qual meio de hospedagem está utilizando?

() Hotel () Pousada () Camping

() Casa própria () Casa alugada () Outro: _____

11. Retornaria ao município?

() sim () não () não sei

Por que? _____

12. Já ouviu falar sobre pré-história e/ou arqueologia do Brasil? () sim () não

13. Sabe o que é um sítio arqueológico?

() Sim () Não

Caso afirmativo, defina-o: _____

12.1 Já visitou sítios arqueológicos?

() Não () Sim Caso afirmativo, onde: _____

14. O município de Laguna possui sítios arqueológicos?

() sim () não () não sei

15. Você acha interessante visitar um sítio arqueológico?

() não () sim Caso afirmativo, de 0 a 10 que nota daria para seu interesse: _____

16. O que espera ver em um sítio arqueológico?

16 Você considera importante a preservação dos sítios arqueológicos?

() Sim () Não () Talvez

Por que? _____

APÊNDICE C: Formulário aplicado com moradores.

Pesquisador: _____ **Local:** _____
Data: ____/____/2012

17. Idade: _____ 18. Gênero: () M () F 19. Profissão: _____
20. Escolaridade / Grau de instrução: _____
21. Estado civil: () solteiro / Separado/ Divorciado/ Viúvo () casado / União marital

22. Número de membros de sua família (_____)
23. Número de pessoas da família trabalham em Laguna (____) e fora do município (____)

24. Quando falamos da história de Laguna que aspectos devem ser destacados?

25. O que o senhor(a) considera patrimônio histórico, cultural e arqueológico na sua região?

26. Já ouviu falar sobre pré-história e/ou arqueologia do Brasil? () sim () não

27. Sabe o que é um sítio arqueológico?
() Sim () Não
Caso afirmativo, defina-o: _____

28. Já visitou sítios arqueológicos?
() Não () Sim 12.1 Caso afirmativo, onde: _____

29. O município de Laguna possui sítios arqueológicos?
() sim () não () não sei

30. Você acha interessante visitar um sítio arqueológico?
() não () sim Caso afirmativo, de 0 a 10 que nota daria para seu interesse: _____

31. O que espera ver em um sítio arqueológico?

32. Você considera importante a preservação dos sítios arqueológicos?
() Sim () Não () Talvez
Por que? _____

33. Qual dos órgãos públicos listados abaixo é responsável pela preservação dos sítios arqueológicos?
() FATMA () IPHAN () IBAMA () Prefeitura Municipal () Não sabe

34. Você já participou de atividade educativa sobre a pré-história local?
() Sim () Não
Qual? _____

35. Você já visitou algum museu ou exposição sobre a pré-história local?
() Sim () Não
Qual? _____